

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Munique Gaio Filla

A CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO NA TEORIA FREUDIANA
(1895-1914)

São Carlos
2018

Munique Gaio Filla

**A CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO NA TEORIA FREUDIANA
(1895-1914)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria

São Carlos
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Munique Gaio Filla, realizada em 28/02/2018:

Prof. Dra. Ana Carolina Soliva Soria
UFSCar

Prof. Dra. Suely Aires Pontes
UFRB

Prof. Dr. Janaina Namba
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dra. Ana Carolina Soliva Soria

Para Sandra, Vagner, Manuela e Murilo, por serem meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sandra Gaio e Vagner Filla, e aos meus irmãos, Manuela e Murilo, por me concederem o privilégio de, todos os dias, me sentir acolhida e amparada.

Às amigas que a Psicologia me deu de presente, Milena, Ligia, Maju, Daniela, Maria Clara, Isabella, Anadélia e Mariana, e que continuam dividindo comigo, mesmo de longe, as aventuras de enveredar pela psicanálise.

Ao Gabriel Sanchez, por me incentivar e servir de exemplo diante dos desafios da vida acadêmica.

Aos professores e funcionários do Departamento de Filosofia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro.

Às professoras Georgina Maniakas e Suely Aires Pontes, pela participação na qualificação desta pesquisa. A leitura atenciosa de ambas e seus comentários sobre o texto foram muito importantes para o encaminhamento deste trabalho.

Às professoras Janaina Namba e Suely Aires Pontes pela participação na defesa desta dissertação.

E especialmente à professora Ana Carolina Soliva Soria, orientadora deste trabalho, que me ajudou a enxergar a imensidão de possibilidades que habita o texto de Freud.

“O pensamento de Freud é o mais perpetuamente aberto à revisão. É um erro reduzi-lo a palavras gastas. Nele, cada noção possui vida própria. É o que se chama precisamente a dialética.

Algumas dessas noções foram, num dado momento, indispensáveis a Freud, porque respondiam a uma questão que ele havia formulado, antes, em outros termos. Só se apreende, pois, o valor delas, ressitutando-as no seu contexto.”¹

Jacques Lacan

1 LACAN, J. **O seminário: livro 1:** os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953-54, p. 9.

RESUMO

Esse estudo tem como propósito investigar o caminho percorrido por Freud até a introdução do conceito de narcisismo em sua teoria. Partimos da apresentação do narcisismo enquanto conceito da teoria da libido, para depois percorrer o trajeto até tal formulação, tarefa que foi dividida em quatro passos. Em primeiro lugar, retomamos a teoria da sedução de Freud, seu abandono e as consequências teóricas dessa renúncia, a fim de situar o surgimento da sexualidade infantil e justificar a forma como ela fora descrita, a princípio, pelo psicanalista. Em seguida, abordamos mais a fundo a vida sexual da criança, com destaque para a noção de autoerotismo, e as dificuldades teóricas diante da transição para a sexualidade adulta após a puberdade, marcada pelo encontro de objeto. Em um terceiro momento, rastreamos a origem das menções ao narcisismo na obra de Freud e expusemos os laços entre este e a escolha de objeto homossexual. Por fim, investigamos a admissão do narcisismo como fase regular e universal do desenvolvimento da libido e sua inclusão na qualidade de estágio intermediário entre o autoerotismo e o amor de objeto, mostrando, assim, como Freud se aproximou dos contornos que caracterizaram a composição conceitual do narcisismo.

PALAVRAS-CHAVE: Freud. Narcisismo. Autoerotismo. Sexualidade.

ABSTRACT

The purpose of the present study is to look into Freud's path to the introduction of the concept of narcissism in his theory. We start with narcissism while concept of the libido theory, to just afterwards come through the current formulation, task split in four steps. First we go back to Freud's theory of seduction, your resignation and the theoretical consequences of such renunciation, in order to point the emergence of infantile sexuality and to justify the way which was described primarily by the psychoanalyst. Second, we approach deeper infantile sexuality, highlighting the notion of autoerotism, and the theoretical obstacles against the transition to adult sexuality after puberty, marked by the meeting with the object. On a third moment, we have tracked the beginning of narcissism mentions on Freud's work, and exposed the bond between that and the choice of a homosexual object. Lastly, we have explored the admission of narcissism as a regular and universal phase of libido's development, and your inclusion as a intermediate stage between autoerotism and object love, showing, therefore, how Freud got close to the edges that characterized the conceptual composition of narcissism.

KEYWORDS: Freud. Narcissism. Autoerotism. Sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: A INTRODUÇÃO CONCEITUAL DO NARCISISMO NA TEORIA FREUDIANA.....	20
1.1 Primeira parte - o que é o narcisismo e quais os indícios que levaram a reconhecê-lo?....	22
1.2 Segunda parte - os dois tipos de escolha de objeto, o narcisismo infantil e o narcisismo dos pais.....	30
1.3 Terceira parte - o ideal do eu e os destinos da libido narcisista.....	34
CAPÍTULO 2: A TEORIA DA SEDUÇÃO DE FREUD E SEU ABANDONO.....	40
2.1 A teoria da sedução de Freud.....	41
2.2 O abandono da teoria da sedução e seus problemas.....	44
CAPÍTULO 3: A SEXUALIDADE INFANTIL DO AUTOEROTISMO E O CAMINHO ATÉ O ENCONTRO DE OBJETO.....	51
3.1 O primeiro ensaio – as perversões sexuais e a sexualidade dissociada do objeto e da meta.....	52
3.2 O segundo ensaio – a sexualidade infantil e tudo que ela carrega.....	57
3.3 O terceiro ensaio – do autoerotismo ao encontro de objeto.....	65
CAPÍTULO 4: NARCISISMO E HOMOSSEXUALIDADE.....	76
4.1 A inversão no primeiro ensaio sobre a sexualidade.....	76
4.2 A homossexualidade de Leonardo da Vinci.....	84
4.2.1 A vida psicosexual do artista e cientista e sua recordação infantil.....	85
4.2.2 A gênese psíquica da homossexualidade ideal de Leonardo segundo a investigação psicanalítica.....	90
CAPÍTULO 5: A DISTINÇÃO ENTRE AUTOEROTISMO E NARCISISMO.....	99
5.1 A paranoia de Schreber.....	100
5.1.1 A caracterização do delírio e sua interpretação psicanalítica segundo Freud.....	100

5.1.2 A universalidade do narcisismo e seu papel mediador entre autoerotismo e escolha de objeto.....	105
5.2 Ao encontro de <i>Totem e tabu</i>	119
5.2.1 Selvagem, neurótico e criança – a onipotência dos pensamentos como testemunho do narcisismo presente em todos os indivíduos.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar os passos percorridos por Freud até a constituição do conceito de narcisismo em sua teoria. De antemão, antes de detalhar tal proposta, atentemos às ressalvas de que não temos a pretensão de abarcar a trajetória do narcisismo pela obra em sua totalidade, tampouco alcançar os numerosos desdobramentos que esse termo - e toda sua significação - desencadearam nas elaborações teóricas do pensamento de Freud. O nosso propósito é guiado por um recorte *temático*, na medida em que o narcisismo é protagonista das formulações a serem desenvolvidas aqui e, portanto, as investigações realizadas têm sempre em vista contribuir para o entendimento desse conceito; e *temporal*, já que foi necessário delimitar os textos a serem explorados neste percurso histórico através do discurso psicanalítico freudiano².

Se conjecturar um recorte *temático* não parece tão obscuro, julgamos necessário especificar o que entendemos por recorte *temporal*, através de um breve mapeamento das referências ao tema do narcisismo no corpo teórico da psicanálise de Freud. A nota introdutória de James Strachey ao artigo de *Introdução ao narcisismo*³, publicado em 1914, demonstrou-se um instrumento norteador nesse quesito, assim como o verbete *Narcisismo*, do indispensável vocabulário de Laplanche e Pontalis⁴. Podemos rastrear a primeira menção freudiana ao narcisismo em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, de 10 de novembro de 1909. Contudo, a inauguração do termo em sua obra publicada remete a uma nota de rodapé acrescentada aos *Três ensaios de teoria sexual*, em 1910. No fim de maio do mesmo ano, provavelmente alguns meses depois da apresentação da segunda edição dos ensaios sobre a sexualidade, o psicanalista também trata do narcisismo em *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*. No ano seguinte, em 1911, Freud concede um espaço considerável ao narcisismo em suas *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia*

2 Quanto à bibliografia utilizada, optamos pela edição argentina da Amorrortu Editores, que a partir de agora aparecerá sob a sigla AE nas referências (FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001, 24 vols.). Portanto, as citações diretas de Freud são traduções nossas do espanhol. A edição original de controle, com a qual cotejamos os trechos e de onde destacamos alguns termos em alemão, quando consideramos pertinente, foi a *Gesammelte Werke* (FREUD, S. *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1999, 18 vols.). A propósito dos termos alemães reproduzidos neste trabalho, aqueles localizados em itálico e entre parênteses provêm de nossa consulta às obras completas mencionadas. Aqueles localizados em itálico e entre chaves nas citações literais, por sua vez, são acréscimos do tradutor da edição argentina que foram preservados por nós.

3 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 67-69.

4 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970, p. 366-368.

(*Dementia paranoides*) descrito autobiograficamente, mais conhecidas como o caso Schreber. Em 1913, mais uma vez o narcisismo é assunto abordado em *Totem e tabu*, até que em 1914, Freud publica o já mencionado artigo dedicado a introduzir o narcisismo, apesar das múltiplas referências anteriores a esta suposta introdução. Ainda com base nas indicações de Strachey e naquelas contidas no *Vocabulário da psicanálise*, sabemos que o narcisismo não deixa de marcar presença na teoria freudiana mesmo depois de 1914. O conceito perdurou, sofreu algumas modificações, foi utilizado em campos variados da psicanálise de Freud, desde os trabalhos sobre metapsicologia até aqueles sobre cultura, e foi evocado por ele em diversos textos posteriores, como *Luto e melancolia* e a 26ª das *Conferências de introdução à psicanálise*, ambos publicados em 1917, além de *Psicologia das massas e análise do eu* e *O eu e o isso*, datados de 1921 e 1923, respectivamente, para citar os principais.

No presente trabalho, devido aos limites que se impõem a uma pesquisa de mestrado e em conformidade com nosso objetivo, de investigar os antecedentes da formação do narcisismo enquanto conceito, nos estenderemos nas menções ao termo apenas até o ano de 1914. É este, pois, nosso recorte *temporal* - sob tal perspectiva, entendemos que com a *Introdução ao narcisismo*, chegaremos à forma *final* do narcisismo. Mesmo que estejamos cientes a respeito das menções posteriores a esta data, conforme as referências já indicadas, autorizamo-nos a considerar que o artigo de 1914 fornece um quadro mais ou menos acabado do narcisismo, de modo que nossa proposta permaneça circunscrita até essa data. Vejamos porque nos permitimos tecer tais considerações e amparar nosso propósito nelas, através de uma incursão pelos pormenores do objetivo principal apresentado acima.

O que queremos dizer com a proposta de investigar os passos percorridos por Freud até a constituição do conceito de narcisismo em sua teoria? Em primeiro lugar, depois da breve retomada das referências ao narcisismo na psicanálise freudiana, temos condições de perceber que Freud já abordava o narcisismo alguns anos antes de introduzi-lo oficialmente em seu arcabouço teórico. Entretanto, há uma razão que justifica o estatuto concedido ao artigo de 1914 - nele Freud não só recupera o que já havia sido exposto sobre o tema, mas efetua a introdução do narcisismo como conceito da teoria da libido e, por conseguinte, insere-o no corpo teórico da psicanálise. Antes dessa data, podemos considerar que o narcisismo ainda não ocupava esse posto, embora já estivesse presente nas obras freudianas, de modo que nossa intenção aqui é a de recuperar, visitar e reexaminar os passos que compõem o caminho de Freud até tal composição conceitual do narcisismo. Se o narcisismo

aparece na fala de Freud desde 1909 e publicamente desde 1910, mas só é introduzido conceitualmente na teoria freudiana em 1914, há uma série de antecedentes que edificam esta construção, tal como os tijolos que se sobrepõem e sustentam um edifício, e é sobre eles que pretendemos nos debruçar.

Entretanto, e em segundo lugar, depois de assumirmos as referências ao narcisismo anteriores a 1914 como antecedentes que sustentam sua introdução conceitual, sugerimos um recuo ainda maior na teoria freudiana para explicitar o que intencionamos em um trabalho que se propõe ao objetivo outrora delimitado. Em nosso trajeto, não privilegiaremos apenas as menções ao narcisismo que antecipam o artigo dedicado ao conceito, aquelas que já mapeamos entre os textos de Freud, mas sim a retomada de alguns aspectos da teoria freudiana da sexualidade que julgamos indispensáveis para compreender o narcisismo. Eles também podem ser comparados aos tijolos que sustentam o edifício do narcisismo. Quer dizer que nos dedicaremos a explanar não só sobre a história do narcisismo - desde 1910 até 1914 -, mas também sobre aquilo que podemos chamar de sua pré-história - a conjuntura anterior à sua primeira aparição na psicanálise de Freud, na medida em que se mostrar relevante para o entendimento daquele que protagoniza nosso estudo.

Laplanche e Pontalis, no pós-escrito que inaugura o célebre trabalho sobre as fantasias originárias, indicam ao leitor que seu texto será composto por alguns estratos; interessa-nos chamar a atenção para o primeiro deles, que consiste em empreender, sobre a obra de Freud, "uma necessária e salubre arqueologia de conceitos, que pretende ser simultaneamente fiel e crítica."⁵ Esse movimento, segundo os autores franceses, é parte da tarefa na qual se empenham de trazer à luz conceitos menosprezados e restituir o valor "pleno, fundador, senão transcendental" de "noções banalizadas"⁶, para preservar suas palavras. Ao narcisismo, a nosso ver e conforme mostraremos adiante, não se aplica a qualidade de ter sido esquecido ou menosprezado. Entretanto, acreditamos ser pertinente observá-lo como uma noção banalizada. Miguelez pode nos auxiliar a justificar essa colocação. Na introdução de seu livro intitulado *Narcisismos*, para fundamentar seu interesse pela temática, refere-se a um "esgarçamento

5 " - *une nécessaire et salubre archéologie des concepts, qui se veut à la fois fidèle et critique.*" LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme.** Paris: Hachette Littératures, 1985, p. 10.

6 "*Il fallait redonner leur valeur plénière, fondatrice, sinon transcendente, à des notions banalisées...*". LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme.** Paris: Hachette Littératures, 1985, p. 9.

conceitual do termo"⁷ e aponta para sua ampla abrangência no meio psicanalítico, que não acompanha, necessariamente, o entendimento de sua significação na teoria freudiana:

"Narcisismo" porque, em psicanálise, é um termo de uso comum, tanto no sentido de que ele é patrimônio das mais diversas orientações, como no sentido de que seu uso é frequente. Analistas de quase todas as tendências empregam o termo e, muitas vezes, sem necessidade de explicitar ou definir o que se está nomeando. No babel de línguas que é a comunidade psicanalítica, "narcisismo" circula entre os diferentes grupos e parece dispensar definição. Em princípio, todo analista "sabe" o que é o narcisismo e consegue "entender" o que o outro está querendo dizer.⁸

Diante dessas considerações, gostaríamos de ressaltar que nosso objetivo se pauta, justamente, na tentativa de tomar como objeto de pesquisa um conceito tão familiar para a psicanálise, mas nem sempre tão compreendido em suas minúcias. Na medida do possível, nosso trabalho se guiou pelo propósito disso que Laplanche e Pontalis chamam de "arqueologia de conceitos"⁹, sem perder de vista o que indicamos de antemão - que se trata de um recorte *temático e temporal* do tratamento sobre o narcisismo na obra de Freud.

Para cumprir tais fins, serão propostos cinco capítulos, a serem descritos nessa introdução. Contudo, antes de expor o modo como a pesquisa foi organizada, não gostaríamos de ignorar duas questões que a atravessam. Uma delas, na qual já tocamos em certa medida, mas que ainda merece mais espaço, consiste em responder por que o narcisismo como objeto de estudo. A segunda faz-se necessária quando propomos um diálogo entre filosofia e psicanálise - qual o viés de leitura que fundamenta essa análise? Começamos por responder à primeira, com a ajuda de alguns importantes leitores de Freud. No artigo *Introdução ao narcisismo* (1914), em que Freud compõe formalmente o desenho do conceito, o tradutor inglês James Strachey faz apontamentos em sua nota introdutória que indicam que este é "um dos escritos mais importantes de Freud", extremamente significativo no desenvolvimento de seus pontos de vista e "ponto de partida de muitas linhas de pensamento posteriores"¹⁰, entre as quais destaca a teoria pulsional e a noção de eu, além do conceito de supereu. Da mesma forma, Laplanche, em seu *Vida e morte em psicanálise*, ao tratar da problemática do eu na psicanálise freudiana salienta a importância do conceito de narcisismo, exaltando sua

7 MIGUELEZ, O. M. *Narcisismos*. São Paulo: Escuta, 2015, p. 9.

8 MIGUELEZ, O. M. *Narcisismos*. São Paulo: Escuta, 2015, p. 9.

9 Quanto ao termo *arqueologia*, gostaríamos de assinalar que não temos a pretensão de remeter a Michel Foucault e sua proposta metodológica baseada na arqueologia e na genealogia. Recorremos a tal expressão mais como um guia para a pesquisa, de acordo com o uso que Laplanche e Pontalis fazem dela, no sentido de trazer os conceitos de Freud à luz e examiná-los, conferindo-lhes a devida importância no corpo teórico de sua psicanálise - é o que faremos com o narcisismo, por assim dizer. Para uma definição simples de arqueologia e genealogia em Foucault, cf. MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 276-277.

10 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 68-69.

significação na história do pensamento freudiano. Acrescenta à relevância do conceito que, se equipararmos "a evolução do pensamento freudiano com a imagem de um movimento ondulatório estacionário, comportando uma sucessão de 'nós' e de 'ventres', o 'narcisismo' marcaria, com toda evidência, um nó, e isto sob vários pontos de vista"¹¹. Segundo o autor, o narcisismo, ao mesmo tempo em que foi decisivo na confirmação de evidências clínicas relacionadas à perversão, à homossexualidade e à psicose, "apresenta um verdadeiro questionamento da teoria em seu conjunto"¹², configurando-se, dentro do corpo da metapsicologia, como "ponto de encontro", nas palavras de Laplanche, do aspecto tópico e da teoria das pulsões.

Monzani, por sua vez, na introdução de *Freud: o movimento de um pensamento*, ao discorrer sobre as mudanças nas concepções de Freud acerca de seus próprios pontos de vista dentro do movimento da teoria psicanalítica, registra a diferença entre retificações que Freud adicionou em decorrência da prática clínica que tiveram impacto na "*estrutura teórico-explicativa da Psicanálise*"¹³ e aquelas que não a afetaram, como é o caso do masoquismo. Em sua análise da obra de Freud, o autor tem interesse na primeira série de alterações, que exemplifica com a introdução do conceito de narcisismo, constatando a relevância do conceito. Segundo Monzani, o narcisismo foi crucial na transição do primeiro para o segundo dualismo pulsional, responsável por uma verdadeira reviravolta na teoria, sendo, por isso e por suas diversas implicações, uma ideia de grande relevância. Concepção semelhante é compartilhada por Simanke em *A formação da teoria freudiana das psicoses*, onde o autor caracteriza o narcisismo como um notável exemplo da relação entre a teoria e a prática clínica em psicanálise e da importância da última para que a primeira se desenvolva. Simanke aproxima o conceito à teoria das psicoses, o que não poderia ser diferente conforme a intenção de seu escrito, mas não deixa de sinalizá-lo como "conceito crucial na evolução da metapsicologia freudiana", cuja inserção "irá desencadear uma série de mudanças estruturais na teoria freudiana, que vai culminar na virada dos anos 20"¹⁴.

Não é sem razão, portanto, que o narcisismo merece o estatuto de protagonista deste trabalho. Passemos, então, à resposta da segunda questão, sobre o tipo de leitura que faremos ao tratar desse conceito. Conforme a assertiva de que é possível reconhecer diversas maneiras

11 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 71-72.

12 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 72.

13 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 16 (grifos do autor).

14 SIMANKE, R. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p. 113.

de ler Freud e formas variáveis de interação entre filosofia e psicanálise¹⁵, a leitura proposta aqui se fundamenta naquela defendida por Monzani, baseada na compreensão interna do discurso psicanalítico, no exame dos contornos que lhe são próprios e na análise das disposições de suas teses conforme a especificidade de suas características. Segundo o autor, este tipo de trabalho, de cunho epistemológico e não circunscrito à ideia da psicanálise como objeto da filosofia das ciências, tem a capacidade de elucidar o pensamento freudiano, levando em conta que "a tentativa obstinada de se ler um discurso através de redes significativas e de critérios que são estranhos a esse próprio discurso"¹⁶ conduz à deformação e à deturpação do mesmo. Considerar o caráter de ciência da psicanálise¹⁷, recusando esquemas prévios de leitura e destinando-lhe as propriedades de um texto que pode ser tomado "como uma rede, um atributo de significações que vale a pena ser explicitado, comentado, discutido e interpretado"¹⁸, é a intenção na qual nos apoiamos, bem como nas convergentes considerações de Mezan:

A Filosofia se distingue da Psicanálise sobretudo por ser esta uma prática, uma relação intersubjetiva que se constitui em meio ao sofrimento e à transferência. Falar sobre a Psicanálise seria então privilégio dos analistas? Não cremos; parafraseando Spinoza, poderíamos dizer que não nos interessa a verdade do que afirma Freud, mas apenas o seu sentido. Os textos são "textos", isto é, tecidos de reflexões e relatos, de digressões e problemas, de princípios e consequências, de debates e corolários. Quisemos simplesmente percorrê-los e compreender o que eles dizem.¹⁹

Depois de entender o impulso que nos moveu a estudar a constituição do conceito narcisismo e a leitura que irá nos orientar na análise desse objeto de pesquisa, passemos, finalmente, à exposição dos capítulos, que indicará o modo como a pesquisa se organiza - de onde ela parte e até onde ela pretende ir no percurso sobre a trajetória do narcisismo. Nossa

15 Monzani nos oferece um panorama das relações entre filosofia e psicanálise em seu artigo "O que é filosofia da psicanálise?" (*Philosophos*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2008).

16 MONZANI, L. R. Discurso filosófico e discurso psicanalítico. In: PRADO Jr., B. (org.). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 126.

17 No mesmo artigo de Monzani "O que é filosofia da psicanálise?", citado em nota de rodapé anteriormente, se o autor enfoca as possibilidades de interação entre filosofia e psicanálise, também não deixa de tangenciar o problema da relação entre psicanálise e ciência. Mostra-se contrário à tentativa de julgar a cientificidade da psicanálise com base em critérios clássicos do que seria ou não uma ciência. O autor considera que a psicanálise é uma disciplina em constituição, de modo que não vale a pena submetê-la a tal julgamento com base em parâmetros fixos e externos do que se espera de uma disciplina dita científica. Partindo do pressuposto de que cada disciplina produz um saber próprio, Monzani propõe um tipo de leitura da psicanálise que deixe de lado o ideal de uma ciência única para investigar a especificidade do discurso psicanalítico. Nesse sentido, ao nos apoiarmos nas sugestões de Monzani, entendemos que são complexas as relações entre psicanálise e ciência e que se o autor leva em conta o caráter de ciência da psicanálise é mais no sentido de salientar seu modo específico de se constituir enquanto saber, que ultrapassa a pergunta sobre se a psicanálise é ou não uma ciência de acordo com moldes predeterminados (MONZANI, L. R. O que é filosofia da psicanálise? *Philosophos*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2008).

18 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 23.

19 MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. XVI.

proposta é a de expor, já no primeiro capítulo, aquilo que nomeamos por forma *final* do narcisismo, com as devidas ressalvas - trataremos da *Introdução ao narcisismo*, a fim de fornecer ao leitor uma imagem mais ou menos integral do narcisismo em meio à teoria da libido. Nossa sugestão metodológica é a de oferecer ao leitor, previamente, a configuração conceitual do narcisismo, para depois mostrar os antecedentes que se sobrepuseram até que Freud o concebesse nesse formato.

Na sequência, abordaremos esses antecedentes - recuperaremos os passos percorridos por Freud em direção à construção conceitual do narcisismo, que foram divididos em quatro. De antemão, sublinhamos que, para cada passo delimitado, também foram delineadas certas questões norteadoras na passagem por cada um deles, o que significa que estamos assumindo um dos ângulos possíveis, não o único, diante da tarefa de recompor este caminho junto a Freud. Como já apontamos antes, o narcisismo foi inaugurado publicamente na obra de Freud só em 1910, o que significa que um montante considerável de fundamentos teóricos o precedeu e, em alguma medida, forneceu os alicerces para sua edificação. Esse pressuposto justifica os rumos que tomaremos depois de termos apresentado o artigo de 1914 sobre o narcisismo, no primeiro capítulo. Voltaremos mais atrás, em um recuo anterior às próprias referências ao narcisismo nas obras de Freud - os dois primeiros passos a serem percorridos, nos capítulos dois e três, podem ser considerados como um arranjo indispensável para poder começar a falar sobre narcisismo; eles irão fornecer uma visão da teoria freudiana da sexualidade, ainda que restrita ao que julgamos relevante para compreender o narcisismo. Trata-se daquilo que sugerimos nomear como a pré-história do conceito, na medida em que nos esforçaremos por mostrar formulações de Freud acerca da sexualidade que preparam o terreno para seu aparecimento.

O primeiro passo desse itinerário, então, será empreendido no capítulo dois, que tratará de alguns textos considerados pré-psicanalíticos, a fim de expor a teoria da sedução de Freud que, por algum tempo, prestou-se à explicação etiológica das neuroses e, mais ainda, ao esclarecimento sobre a gênese da sexualidade humana. Marca um período da psicanálise em que Freud não pressupunha a sexualidade infantil, mas que causou impacto em sua elaboração ulterior. Para tal propósito, serão abordados os *Estudos sobre a histeria* e as *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*, publicados em 1895 e 1896, respectivamente. Ainda neste primeiro momento, será abordado o abandono da teoria da sedução e as implicações teóricas dessa renúncia, tanto no sentido do espaço adquirido por temas

fundamentais, entre os quais destacaremos a vida sexual da criança, quanto em relação à produção de certos desequilíbrios, os quais, por sua vez, irão justificar as concepções futuras de Freud acerca da sexualidade. As referências principais serão a *Carta 69*, enviada a Fliess em 21 de setembro de 1897, para tratar da renúncia à sedução, e as discussões de Laplanche e Pontalis, em *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*²⁰ e Monzani, em *Freud: o movimento de um pensamento*²¹, para abordar as consequências teóricas dessa mudança.

Após esse trajeto, a suposição que nos guia é a de que estaremos suficientemente fundamentados para compreender como emergiu a vida sexual da criança e de que maneira ela foi concebida, a princípio, por Freud. Logo, no segundo passo e no terceiro capítulo, investigaremos os *Três ensaios de teoria sexual* (1905). Começaremos pelas perversões sexuais e chegaremos à sexualidade infantil, na qual serão destacados temas como o do apoio e de zonas erógenas mas, principalmente, o autoerotismo, já que é inegável a extrema relevância do termo para o entendimento do narcisismo. Também abordaremos a passagem dessa configuração sexual da infância para a sexualidade adulta, e aqui a ênfase recairá sobre a transição da atividade autoerótica para o encontro de objeto. Para esclarecer as construções teóricas dos ensaios sobre a sexualidade, nos apoiaremos novamente em Monzani, na mesma obra citada acima, *Freud: o movimento de um pensamento*. Para dar conta dos temas colaterais que despontam do estudo sobre a sexualidade, como o debate sobre a existência ou não de anobjetividade em Freud, em relação ao conceito de autoerotismo, e algumas questões envolvidas no encontro de objeto, recorreremos a Laplanche, em *Vida e morte em psicanálise*²² e *Problemáticas III- A sublimação*²³.

Dessa forma, os capítulos dois e três nos situarão diante do desenvolvimento sexual do indivíduo, o que é essencial devido ao contexto em que se insere a origem e a composição do conceito de narcisismo. O objetivo é que esse percurso inicial nos torne aptos a falar diretamente sobre o protagonista do presente trabalho e entrar propriamente na história do conceito. Entretanto, antes que possamos tratá-lo aos moldes de fase regular e universal do desenvolvimento da libido, situado em referência ao autoerotismo e à escolha de objeto - como é mais conhecido -, recordemos que o narcisismo se restringia a explicar a escolha de

20 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

21 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

22 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

23 LAPLANCHE, J. **Problemáticas, III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

objeto homossexual. Freud, nas primeiras menções públicas ao narcisismo em sua obra, explorou seu papel na gênese da homossexualidade. O terceiro passo e quarto capítulo, então, a fim de mapear a origem do conceito, irá se debruçar sobre os vínculos entre narcisismo e homossexualidade em duas obras principais, a saber, os *Três ensaios de teoria sexual* (1905), especificamente uma nota de rodapé da edição de 1910, e *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci* (1910). Veremos que a nota de rodapé dos ensaios sobre a sexualidade e o artigo sobre da Vinci, publicadas no mesmo ano, apresentam ampla semelhança quanto à concepção da escolha de objeto homossexual e à função do narcisismo nessa configuração. Na segunda referência, chamaremos a atenção do leitor para o fato de Freud trazer, pela primeira vez, os termos narcisismo e autoerotismo lado a lado, embora ainda não os diferencie nitidamente.

Em seguida, no quarto e último passo, a ser concretizado no quinto capítulo, veremos como o narcisismo transborda o campo da homossexualidade e passa a ser reconhecido como estágio do desenvolvimento da libido atravessado por todos os indivíduos. Mais do que isso, vem a estabelecer relações específicas com o autoerotismo, de modo que tais conceitos sejam definidos um em relação ao outro e o narcisismo ocupe a posição intermediária entre o autoerotismo e o amor de objeto. Essas questões são abordadas em duas obras principais a serem exploradas - as *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente* (1911), conhecidas como o caso Schreber, e *Totem e tabu* (1913). No caso Schreber, apesar do narcisismo também estar localizado às voltas da homossexualidade, isso se dá no contexto da paranoia, o que traz certas particularidades. Em *Totem e tabu*, empenharemos esforços em mostrar como as concepções de Freud inauguradas em 1911 são preservadas, aquelas relativas ao lugar conquistado pelo narcisismo no desenvolvimento psicosexual.

Como os contornos do narcisismo em sua introdução conceitual já terão sido expostos no capítulo inicial, antes que os passos até ele sejam percorridos - uma antecipação do lugar de chegada, por assim dizer -, convidaremos o leitor, sempre que julgarmos necessário, a retornar à *Introdução ao narcisismo* para indicar em que medida cada um dos antecedentes que demarcamos traz concepções que sustentam e amparam aquelas formulações de 1914. Sobretudo nos capítulos quatro e cinco, em que abordaremos a história do narcisismo através das referências prévias a ele, depois de termos nos debruçado sobre sua pré-história através dos pilares da teoria da sexualidade freudiana, o movimento de ir e vir dos textos pré-1914

para o artigo sobre o narcisismo será conduzido com uma frequência maior, sempre que se mostrar oportuno. A nosso ver, a alternativa de iniciar o trabalho com a apresentação do narcisismo de 1914 foi aquela que se mostrou mais sensata conforme o nosso objetivo, por possibilitar que o leitor acompanhe o trabalho já desfrutando, desde o início, da imagem daquilo que seria nosso horizonte. Para que ela se mostre vantajosa, reivindicamos que rememoremos e convoquemos o primeiro capítulo no decorrer do texto, mas com certa despreocupação, pois é como se tivéssemos exibido o edifício construído e depois os tijolos que o edificaram, para seguir com a metáfora à qual já recorreremos antes.

Finalmente, passemos à exposição dos cinco capítulos propostos - a apresentação do narcisismo enquanto conceito e os quatro passos indicados, que exploram os antecedentes de tal composição na teoria freudiana -, e desbravemos este trajeto junto a Freud.

CAPÍTULO 1. A INTRODUÇÃO CONCEITUAL DO NARCISISMO NA TEORIA FREUDIANA

O artigo *Introdução ao narcisismo* foi publicado por Freud em 1914, no mesmo volume que *Contribuição à história do movimento psicanalítico* e que os trabalhos sobre metapsicologia. Já nos salta aos olhos que a conjunção dessas obras em um mesmo tomo não poderia justificar-se apenas pelo acaso, e o tradutor inglês James Strachey nos fornece as pistas para ir além da mera coincidência quando se dispõe a condensar os conteúdos que Freud abarca no escrito sobre o narcisismo, ainda que sem a pretensão de esgotá-los:

Resume suas elucidações anteriores sobre o tema do narcisismo, e examina o lugar que corresponde a este último no desenvolvimento sexual. Mas vai muito mais além, porque incursiona o problema mais profundo das relações entre o eu e os objetos externos, e traça a nova distinção entre "libido do eu" e "libido de objeto". Ademais - e talvez isto seja o mais importante -, introduz os conceitos de "ideal do eu" e da instância de observação de si vinculada com ele, bases do que finalmente seria chamado de "supereu", em *O eu e o isso* (1923). E além de tudo isso, em dois pontos - no final da primeira seção e no começo da terceira - o artigo aborda as controvérsias com Adler e Jung, tema principal da "Contribuição à história do movimento psicanalítico" - escrita mais ou menos simultaneamente com o presente trabalho, durante os primeiros meses de 1914 -. Não cabe dúvida de que um dos motivos de Freud ao redigir este artigo foi mostrar que o conceito de narcisismo constitui uma alternativa frente à "libido" não sexual de Jung e ao "protesto masculino" de Adler.²⁴

A extensão e a densidade das temáticas tratadas tornam inteligível o fato de Freud ter declarado sua insatisfação com o resultado deste trabalho e tê-lo qualificado como "um parto difícil", acompanhado pelas conseqüentes imperfeições²⁵. Peter Gay relembra a declaração de Jones de que os adeptos de Freud designaram o ensaio como "perturbador" e ainda nos informa a respeito das impressões do psicanalista:

Em seu estilo característico, Freud qualificou-o de introdutório. Não era falsa modéstia; ele reclamou que a redação do artigo era uma tarefa desagradável e que encontrava dificuldades em conter seus pensamentos explosivos dentro desse quadro.²⁶

No contexto dos "movimentos separatistas consumados nas filas da psicanálise"²⁷, *Introdução ao narcisismo* estampa sua marca na resistência de Freud em demarcar o lugar da

24 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 68.

25 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 69.

26 GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 345.

27 FREUD, S. **Contribuição à história do movimento psicanalítico**. AE, vol. 14, p. 47.

psicanálise em oposição à "psicologia individual" de Adler e à "psicologia analítica" de Jung²⁸. Entretanto, o que nos interessa mais ainda neste artigo é seu caráter particular de introduzir o narcisismo "como conceito da teoria da libido"²⁹, a despeito do termo já ter sido mencionado em sua psicanálise desde 1909 e, em suas publicações, desde 1910. Tal extensão "legítima"³⁰ da teoria da libido, conforme julga Freud, aproxima o artigo sobre o narcisismo aos textos de metapsicologia³¹ e, dessa forma, fornece subsídios para justificar, para além do acaso, essa configuração do décimo quarto volume das obras freudianas.³²

Vislumbrar o enredo sobre o qual *Introdução ao narcisismo* foi composto, bem como os tópicos abordados por Freud em sua redação, esquematicamente levantados por Strachey, cumpre a função de nos alertar para a importância do escrito para o pensamento freudiano e, principalmente, para esta pesquisa, cujo protagonista é o narcisismo. Porém, mais do que estar atento à sua relevância, podemos reiterar agora a justificativa pela opção de iniciar um trabalho que se propõe a investigar os passos percorridos por Freud na constituição do conceito de narcisismo com o artigo publicado em 1914 - uma antecipação do lugar de chegada, como já anunciamos na introdução, na medida em que explicitamos que nosso recorte temporal quanto a este tema na teoria freudiana se estenderá apenas até esta data. A razão está, justamente, na condição particular destinada a esse escrito que, como acabamos de ver, pode ser considerado como lugar de introdução do narcisismo como *conceito* da teoria da libido. "É somente a partir de 1914 que a noção de narcisismo adquire um estatuto conceitual compatível com sua importância no conjunto da teoria psicanalítica"³³, endossa Garcia-Roza.

28 Sobre as divergências entre Freud, Adler e Jung, além do artigo do próprio Freud sobre a história do movimento psicanalítico, onde elas ocupam uma posição central, Miguelez oferece uma colaboração interessante sobre o assunto. Cf. MIGUELEZ, O. **Narcisismos**. São Paulo: Escuta, 2015, p. 83-98.

29 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 73. Trata-se de uma afirmação localizada entre chaves no texto de Freud. Segundo as informações indicadas na *Advertência sobre a edição em espanhol* do décimo quarto volume das *Obras completas* da Amorrortu Editores, todas as palavras ou trechos incluídos entre chaves foram acrescentados pelo tradutor da edição argentina (p. xii).

30 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 73.

31 Peter Gay nos conta que Freud aproxima o narcisismo à metapsicologia com base nas correspondências entre ele e Lou Andreas-Salomé, "escrevendo a Frau Lou que 'sua descrição do narcisismo' iria 'algum dia' ser chamada de 'metapsicológica'." (GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 369). Convém lembrar que, para Freud, a metapsicologia consiste na seguinte postura: "Proponho que quando consigamos descrever um processo psíquico em seus aspectos *dinâmicos, tópicos e econômicos* isso se chame uma exposição *metapsicológica*. Cabe prever que, dado o estado atual de nossos conhecimentos, o conseguiremos só em alguns poucos lugares." (FREUD, S. **O inconsciente**. AE, vol. 14, p. 178, grifos do autor). Introduzir o narcisismo como conceito da teoria da libido significa reafirmar seu lugar no desenvolvimento sexual e empreender descrições sobre o funcionamento da libido em relação ao eu e aos objetos, como veremos ao longo da exposição do artigo, o que, em certa medida, pode ser entendido como uma aproximação com a posição metapsicológica.

32 Conforme a organização da Amorrortu Editores. Nas *Gesammelte Werke*, é o décimo volume publicado.

33 GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**.

Por isso a escolha de sua exposição no primeiro capítulo, para que possamos compor o narcisismo em sua forma *final* e, tomando-a como ponto de referência, retomar o caminho percorrido por Freud até alcançá-la.

Dessa forma, fundar o princípio desta pesquisa em *Introdução ao narcisismo* nos fornecerá uma perspectiva já delineada do narcisismo e de seus traços principais, os quais serão tomados como guias para, em seguida, impulsionar o movimento inverso de reconstituir o itinerário de Freud até atingir tal organização do conceito, o que quer dizer que, por ora, os problemas serão apenas apresentados³⁴. Uma vez elaboradas tais considerações, passemos à exposição do artigo, que preservará a distinção em três partes já estabelecidas por Freud e concederá privilégio às formulações que tratam propriamente do conceito de narcisismo, tanto aquelas que desembocam nele, quanto aquelas que dele derivam.³⁵

1.1 Primeira parte - o que é o narcisismo e quais os indícios que levam a reconhecê-lo?

Freud inicia seu texto com a apresentação dos argumentos que justificam a necessidade de reconhecer o lugar do narcisismo no desenvolvimento libidinal comum a todos os indivíduos, já que o termo, originalmente, estava vinculado ao campo da perversão e da homossexualidade. O autor atribui a designação *narcisismo* a Paul Näcke³⁶, que a teria utilizado para descrever a atitude do indivíduo que trata seu próprio corpo como se fosse o corpo de um objeto sexual, contemplando-o sexualmente, destinando-lhe carícias e afagos a fim de alcançar a satisfação completa. Sob este ponto de vista, trata-se de uma perversão e se inclui no quadro das perversões, no entanto a observação psicanalítica revelou que "traços

Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 46.

34 Insistimos nesse ponto porque temas cruciais para o nosso trabalho, justamente por se tratarem dos passos propriamente ditos que Freud percorreu para introduzir formalmente o conceito, como a relação do narcisismo com a homossexualidade e com o autoerotismo, ou com a parafrenia e a superestimação dos atos psíquicos dos povos primitivos, serão apenas expostos, tal como eles aparecem em 1914, para depois serem esmiuçados nos capítulos seguintes.

35 Esta ressalva acerca de quais assuntos serão privilegiados no texto se ajusta, sobretudo, ao fato de que passaremos rapidamente pelas divergências teóricas entre Freud, Adler e Jung, em relação às quais procuramos situar o leitor devido a sua importância histórica para a configuração do artigo sobre o narcisismo tal como ela se mostra em 1914.

36 Freud modifica esta informação em uma nota de rodapé dos *Três ensaios de teoria sexual*, adicionada em 1920, em que faz referência ao artigo sobre o narcisismo: "O termo 'narcisismo' não foi cunhado, como ali se diz erroneamente, por Näcke, mas sim por Havelock Ellis." Strachey completa esta nota dizendo que o próprio Ellis se manifestou sobre isso e considerou que os créditos deveriam ser divididos entre ele e Näcke (FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 199, nota 17). De qualquer forma, Roudinesco e Plon indicam a origem francesa do termo, pois Alfred Binet teria sido o primeiro a utilizá-lo, em 1887, antes mesmo de Ellis e Näcke (ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 530).

isolados dessa conduta aparecem em muitas pessoas atingidas por outras perturbações"³⁷, entre as quais Freud destaca o caso dos homossexuais. A referência à homossexualidade é relevante, tanto porque é neste âmbito que se inserem as primeiras menções ao narcisismo na teoria freudiana, na nota de rodapé de 1910 dos *Três ensaios de teoria sexual* e no escrito sobre Leonardo da Vinci, quanto porque, na segunda parte deste artigo de 1914 que trata sobre as escolhas de objeto, Freud irá admitir o caso dos perversos e homossexuais, que buscam a si mesmos como objetos de amor, como "o motivo mais forte que nos levou a adotar a hipótese do narcisismo."³⁸

Contudo, por ora, Freud menciona a perversão e a homossexualidade para expor os antecedentes da generalização do narcisismo, antes restrito a estes grupos, para todos os indivíduos: "Por fim, surgiu a conjectura de que uma colocação da libido definível como narcisismo podia entrar em conta em um raio mais vasto e reclamar seu lugar dentro do desenvolvimento sexual regular do homem."³⁹ Os três pontos de apoio que sustentam tal alargamento, segundo os apontamentos de Freud, são a "conduta narcisista"⁴⁰ dos neuróticos no trabalho psicanalítico, que atuava como barreira e tornava mais difícil a melhora dos analisandos, alguns traços fundamentais dos parafrenicos⁴¹ e a observação da vida anímica das crianças e dos povos primitivos, sobretudo a "onipotência dos pensamentos"⁴², presente em ambos. O narcisismo expresso pelos neuróticos na análise revelou-se como "complemento libidinoso do egoísmo inerente à pulsão de autoconservação (*Selbsterhaltungstribe*), da qual justificadamente se atribui uma dose a todo ser vivo"⁴³, porém o motivo mais urgente, para

37 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 71.

38 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 85.

39 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 71.

40 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 71.

41 Sobre a nomenclatura "parafrenia", Strachey pode nos ajudar: trata-se de uma sugestão de Freud para substituir a "demência precoce" de Kraepelin e a "esquizofrenia" de Bleuler. De início, a categoria clínica da paranoia estaria preservada por essa nosografia, porém Freud passa a utilizar o termo abarcando tanto a esquizofrenia ou demência precoce quanto a paranoia, como acontece na maioria das referências às parafrenias aqui no artigo sobre o narcisismo (**Observações sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente**, AE, vol. 12, nota 25, p. 70). É pertinente evocar ainda a categoria das neuroses narcísicas, já que "Freud considera equivalentes as neuroses narcísicas e as psicoses, a que chama ainda parafrenias", segundo Laplanche e Pontalis (**Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970, p. 395). Simanke indica que essa classificação (neurose narcísica) teve uma existência breve na nosografia freudiana - logo foi abandonada, cedendo lugar ao termo psicose -, porém sua introdução se deu junto às primeiras elucidações sobre o narcisismo. As neuroses narcísicas se opunham às neuroses de transferência e a marca delas era, justamente, a retração da libido sobre o eu e seu característico afastamento da realidade (**A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p. 132-133).

42 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 73.

43 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 71-72.

Freud, que levou à concepção da "imagem de um narcisismo primário e normal"⁴⁴ decorre das parafrenias.

A justificativa está em dois traços essenciais manifestados pelos parafrênicos, a saber, seu delírio de grandeza (*Größenwahn*) e seu afastamento em relação ao mundo externo. Este distanciamento, que acarreta o prejuízo do laço com a realidade, não é exclusivo da parafrenia e também ocorre nas neuroses de transferência. Entre os histéricos e os neuróticos obsessivos, porém, há substituição dos objetos reais por outros na fantasia (*Phantasie*) e, portanto, não há cancelamento propriamente dito do vínculo erótico com as pessoas e as coisas: "A este estado da libido deveria aplicar-se com exclusividade a expressão que Jung usa indiscriminadamente: *introversão* da libido"⁴⁵, diz Freud, pontuando sua primeira divergência com um de seus discípulos com quem dialoga neste artigo. Na parafrenia é diferente, já que ocorre tal retirada da libido dos objetos do mundo externo sem que sejam substituídos por outros na fantasia, e quando isto acontece, "parece ser algo secundário e corresponde a uma tentativa de cura que quer reconduzir a libido ao objeto."⁴⁶ Essa condição explica porque Freud considera os parafrênicos "ímmunes à psicanálise"⁴⁷ - na medida em que rompem os laços libidinais com os objetos, é inviabilizada a transferência indispensável ao tratamento psicanalítico. Entretanto, o ponto principal a ser destacado aqui é que o autor situa no delírio de grandeza dessas enfermidades o local de destino da libido subtraída dos objetos, e a partir dessa elucidação, introduz, pela primeira vez em sua obra, a classificação de um narcisismo primário e outro secundário⁴⁸:

A libido subtraída do mundo exterior foi conduzida ao eu, e assim surgiu uma conduta que podemos chamar narcisismo. Ora, o delírio de grandeza não é por sua

44 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 72.

45 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 72 (grifo do autor).

46 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 72. Tal concepção sobre o delírio ou as demais manifestações patológicas das parafrenias como tentativas de restabelecimento do enfermo é retomada no final da segunda seção deste artigo, em que Freud afirma que aquilo que nos aparece como enfermidade é, na verdade, o processo de cura, a tentativa de depositar de novo a libido sobre os objetos (FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 83). Esse ponto já havia sido mencionado no caso Schreber, como veremos no capítulo cinco, e é largamente desenvolvido no artigo metapsicológico sobre o inconsciente (FREUD, S. **Observações sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente**, AE, vol. 12, p. 65-66; **O inconsciente**. AE, vol. 14, p. 193 em diante).

47 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 72.

48 Não chegaremos até esse debate neste trabalho, considerando o recorte temporal já indicado, porém no contexto das reformulações da segunda tópica, Freud realoca as posições do narcisismo primário e secundário, o qual passa a se referir ao narcisismo do eu: "Agora haveria que se empreender uma importante ampliação na doutrina do narcisismo. A princípio, toda libido está acumulada no isso, enquanto o eu se encontra ainda em processo de formação ou é débil. O isso envia uma parte desta libido a investimentos eróticos de objeto, depois do que o eu fortalecido procura apoderar-se desta libido de objeto e impor-se ao isso como objeto de amor. Portanto, o narcisismo do eu é um narcisismo secundário, subtraído dos objetos." (FREUD, S. **O eu e o isso**. AE, vol. 19, p. 47).

parte uma criação nova, senão, como sabemos, a amplificação e a clarificação (*Verdeutlichung*) de um estado que já havia existido antes. Assim, nos vemos levados a conceber o narcisismo que nasce por recolhimento dos investimentos de objeto como um narcisismo secundário que se edifica sobre a base de outro, primário, obscurecido por múltiplas influências.⁴⁹

O delírio de grandeza dos parafrênicos, portanto, na medida em que se caracteriza pelo recolhimento da libido para o eu, consiste em um estado de narcisismo secundário, o qual reproduz, por assim dizer, e está assentado sobre uma condição de narcisismo primário outrora existente. Essa investigação sobre a parafrenia é colocada por Freud como um dos suportes principais para sustentar sua argumentação, conforme sugere a seguinte afirmação: "não pretendo aqui esclarecer o problema da esquizofrenia nem aprofundar nele, senão somente compilar o já dito em outros lugares, a fim de justificar uma introdução do narcisismo {*como conceito da teoria da libido*}."⁵⁰

Depois de tratar de dois dos três apoios antes evocados para tal "extensão legítima"⁵¹ da teoria da libido, o narcisismo dos neuróticos em análise, cuja participação é mais tímida, e o quadro dos parafrênicos, que parece ter o maior peso em sua argumentação, Freud dedica-se a explicar sobre o terceiro suporte - as constatações derivadas da observação da vida anímica (*Seelenleben*)⁵² das crianças e dos povos primitivos. O aspecto central é a ideia da superestimação (*Überschätzung*) dos desejos e dos atos psíquicos que pode ser encontrada em ambos, a onipotência dos pensamentos (*Allmacht der Gedanken*), nos primitivos de forma mais visível, como se dá com a técnica da magia, por exemplo. Trata-se de características que, se consideradas isoladamente, poderiam ser atribuídas ao delírio de grandeza, de modo que também corroboram a hipótese do narcisismo.

Através dessa conjuntura organizada por Freud, o leitor é preparado para a inauguração da distinção entre libido do eu (*Ichlibido*) e libido de objeto (*Objektlibido*), outra novidade teórica que é apresentada na sequência:

Nós formamos assim a imagem de um originário investimento libidinal do eu, cedido depois aos objetos; no entanto, considerado a fundo, ele persiste, e é aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que emite.⁵³

49 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 72-73. O termo *investidura* do espanhol, que traduzimos por investimento, equivale ao *Besetzung* em alemão.

50 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 73 (grifo nosso). Já indicamos em nota anteriormente, mas vale a pena reforçar que trechos entre chaves como este são acréscimos do tradutor da Amorrortu Editores.

51 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 73.

52 Seguimos a opção da edição argentina por traduzir *Seelenleben* por vida anímica. Por conseguinte, o que é comumente traduzido por "anímico" na mesma fonte se refere ao adjetivo alemão *seelisch*.

53 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 73.

De acordo com essa concepção, a libido parte do eu para os objetos, sem no entanto deixar de persistir no eu, para onde, portanto, é capaz de retornar; o que explica a analogia com a ameba⁵⁴. O investimento circula entre eu e objeto de forma inversamente proporcional - quanto mais a libido é dirigida aos objetos, como no exemplo de Freud do enamoramento, mais se empobrece a libido do eu; quanto mais elevada a quantidade de libido que ocupa o eu, menos investimento de libido é destinado aos objetos, e neste caso o protótipo é a fantasia de fim de mundo dos paranoicos. Para Laplanche e Pontalis, Freud, ao conceber esta parcela de libido que permanece no eu, leva-nos a entender o narcisismo "como uma estase da libido que nenhum investimento objetal permite ultrapassar completamente."⁵⁵

Então, Freud propõe uma conclusão sobre as energias psíquicas - a de que elas estão condensadas e indiscriminadas no estado do narcisismo, e com o investimento de objeto torna-se viável distinguir a libido, enquanto energia psíquica sexual, da energia das pulsões do eu (*Ichtriebe*), que Freud chama de interesse. Adiantemos uma afirmação proposta pelo autor apenas na última seção do artigo, que esclarece esta condição:

A indagação psicanalítica, que nos habilitou para perseguir os destinos das pulsões libidinosas quando, isoladas das pulsões do eu, se encontram em oposição a estas, nos permite neste âmbito inferências retrospectivas a uma época e a uma situação psíquica em que ambas as classes de pulsões emergiam como interesses narcisistas atuando ainda [...] em união inseparável.⁵⁶

Depois de ter afirmado e justificado que o narcisismo pode ser considerado parte do desenvolvimento libidinal de todos os sujeitos, reconhecido a diferença entre um narcisismo primário e outro secundário e proposto uma nova oposição entre libido do eu e libido de objeto, fundada na concepção de um investimento originário de libido no eu, Freud levanta duas questões certamente capitais para qualquer leitor que, tal como nós, dispõe-se a esmiuçar sua *Introdução ao narcisismo*:

A primeira: Que relação guarda o narcisismo, de que agora tratamos, com o autoerotismo, que descrevemos como um estado precoce⁵⁷ da libido? A segunda: Se admitimos para o eu um investimento primário com libido, por que seguiríamos

54 Essa analogia da *ameba e seus pseudópodes* se repete em vários momentos da obra freudiana e indica que, originalmente, a libido investe no eu. Contudo, essa ideia também é expressa por outra analogia muito utilizada por Freud, do eu como o *grande reservatório da libido*. Sobre isso, vale a pena consultar o *Apêndice B - O grande reservatório da libido*, escrito por Strachey (**O eu e o isso**, AE, vol. 19, p. 63). O tradutor inglês fornece um panorama das referências de Freud a esse tema e a essas comparações, mostrando as consequências trazidas pelas revisões da segunda tópica, com a admissão da instância do isso, que em alguns textos passa a assumir o papel de reservatório originário da libido, bem como uma saída possível para esse impasse.

55 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970, p. 366.

56 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 89.

57 Na edição argentina, a expressão utilizada é *estado temprano*. No alemão, é *Frühzustand*. Optamos por "estado precoce" para preservar a ideia temporal, daquilo que acontece cedo, com antecedência.

forçados a separar uma libido sexual de uma energia não sexual das pulsões do eu? Acaso supor uma energia psíquica unitária não pouparia todas as dificuldades que traz separar energia pulsional do eu e libido do eu, libido do eu e libido de objeto?⁵⁸

Começaremos pela segunda, pela qual passaremos brevemente, apesar do autor dedicar um espaço significativamente maior do seu texto em resposta a ela. A escolha não é guiada pelo grau de importância, que é difícil de julgar quando se trata dessas perguntas, mas porque deixar a primeira por último deve ser entendido como recurso para destacá-la, em conformidade com o objetivo de nossa pesquisa e com o desenrolar dos próximos capítulos, para os quais o autoerotismo será uma importante referência.

Assim, quanto ao segundo questionamento, Freud não esconde as dificuldades de solucioná-lo, mas defende a separação entre a libido sexual e uma energia não sexual das pulsões do eu. Depois de argumentar a favor da observação como fundamento da ciência, qualifica a recém-formulada separação entre libido do eu e libido de objeto como um prolongamento do conflito entre pulsões do eu (*Ichtribe*) e pulsões sexuais (*Sexualtriebe*), o qual deriva, sobretudo, do trabalho psicanalítico com as neuroses de transferência, mas também da separação popular entre fome e amor e de algumas considerações biológicas⁵⁹. Para Freud, preservar essa configuração significa se afastar do monismo proposto por Jung, a quem ele tece diversas críticas no fim da primeira parte desse artigo, referentes à disputa teórica de ambos concernente à teoria da libido, já que o psicanalista suíço entende libido como interesse psíquico geral⁶⁰. Apesar disso, embora Freud se esforce por apresentar os elementos que sustentam tal concepção da teoria pulsional, afirma que a inexistência de uma doutrina das pulsões definitiva obriga-o a adotar tais hipóteses e colocá-las à prova, para averiguar se serão reforçadas ou se irão falhar, de onde podemos inferir que, de alguma forma, já se mostra aberto a possíveis revisões, que culminarão no segundo dualismo pulsional, o qual persistirá até suas últimas publicações⁶¹.

58 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 74.

59 Entre aquelas que aparecem neste artigo, Freud fala de um indivíduo que tem uma função dupla em sua existência, ser um fim para si mesmo e ao mesmo tempo ser um "mero apêndice de seu plasma germinal, a cuja disposição põe suas forças em troca de um prêmio de prazer" (**Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 76). As considerações biológicas ocuparão um espaço maior em **Mais além do princípio de prazer** (AE, vol. 18).

60 Boa parte dessa crítica diz respeito àquilo que Freud considera como uma interpretação errônea de Jung acerca de um de seus trechos do caso Schreber que aborda o assunto da diferença entre libido e interesse. Voltaremos ao assunto no último capítulo.

61 Seria uma negligência não mencionar, ao menos, a forte relação que se estabelece entre o narcisismo e a teoria pulsional. O conflito entre as pulsões do eu, ou pulsões de autoconservação, e as pulsões sexuais, caracteriza o primeiro dualismo pulsional da teoria freudiana. Em 1910, no artigo *A perturbação psicogênica da visão segundo a psicanálise*, Freud utilizou, pela primeira vez, a expressão "pulsões do eu" de modo

Passemos então à resposta da primeira questão, sobre a relação entre autoerotismo e narcisismo, para a qual Freud dedica apenas um curto parágrafo, porém teoricamente denso:

Sobre a primeira pergunta, faço notar: É um suposto necessário que não esteja presente desde o começo no indivíduo uma unidade comparável ao eu; o eu tem que ser desenvolvido. Ora, as pulsões autoeróticas são iniciais, primordiais; portanto, *algo tem que agregar-se ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua.*⁶²

Como veremos ao longo desta dissertação, autoerotismo e narcisismo são dois conceitos que seguem lado a lado na teoria freudiana. Podemos extrair deste excerto que a concepção exposta por Freud em 1914 indica uma precedência do autoerotismo em comparação com o narcisismo, além de diferenciar os dois termos com base em uma ideia de pluralidade, veiculada às "pulsões autoeróticas", e de unidade, agregada ao "narcisismo" e à "nova ação psíquica" necessária para sua constituição, a qual pode ser inferida como o desenvolvimento do eu, para que este possa, enfim, ser investido de libido. Trata-se de um momento oportuno para evocar a afirmação de Mezan, que denomina o narcisismo como "conceito-limite" entre a sexualidade e o eu⁶³, na medida em que esse debate afirma a participação do narcisismo na evolução da libido, ao mesmo tempo em que ele parece requerer a formação do eu para se impor. Presumimos que, quanto ao estatuto adquirido pelo narcisismo, a afirmação de Laplanche vai ao encontro do que extraímos desse fragmento:

Se quiséssemos condensar a tese de Freud e radicalizá-la, ela se sustentaria em três proposições: o narcisismo é um investimento libidinal de si, *um amor de si mesmo* - tese que parece não ter nada de surpreendente -; mas esse investimento libidinal de si mesmo passa necessariamente no homem pelo *investimento libidinal do ego*; e, terceira tese, o investimento libidinal do ego é inseparável da própria *constituição do ego humano.*⁶⁴

equivalente a "pulsões de autoconservação", além de atribuir a elas um papel fundamental na repressão. Estabeleceu uma "inequívoca oposição entre as pulsões que servem à sexualidade, ao ganho de prazer sexual, e aquelas outras que têm por meta a autoconservação do indivíduo, as pulsões do eu" e, inspirado em Schiller, pressupôs que "podemos classificar como 'fome' ou 'amor' a todas as pulsões orgânicas de ação eficaz dentro de nossa alma." (FREUD, S. AE, vol. 11, p. 211-212). A introdução do conceito de narcisismo - protagonista do presente trabalho - traz complicações na medida em que apresenta uma nova diferenciação entre libido do eu e libido de objeto, pautada no postulado de um estado de narcisismo primário, em que o eu é investido de libido e onde as duas energias psíquicas, a libido das pulsões sexuais e o interesse das pulsões do eu, encontram-se completamente fundidas. Portanto, o eu pode ser tomado como objeto da pulsão sexual. Tal constatação, consequência direta das elucidações sobre o narcisismo, é um dos motivos centrais que levará às novas formulações introduzidas em *Mais além do princípio de prazer* (1920), referentes ao segundo dualismo pulsional - a oposição entre as pulsões de vida (*Lebenstriebe*) e as pulsões de morte (*Todestriebe*) (Cf. FREUD, S. vol. 18, nota 27, p. 59, na qual Freud examina o histórico de seus pontos de vista sobre as pulsões).

62 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo.** AE, vol. 14, p. 74 (grifo nosso).

63 MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos.** São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 180.

64 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 72 (grifos do autor). Demos preferência à tradução de *Ich, Es, Über-ich* por Eu, Isso e Supereu, conforme o faz a Amorrortu Editores. Exceções serão encontradas apenas em decorrência de citações literais, como é o caso da escolha das tradutoras da obra de Laplanche para o português pelo termo "ego".

O narcisismo, então, na medida em que está intimamente relacionado à própria constituição do eu, que não existe desde o princípio, é algo posterior à atividade autoerótica das pulsões. Conforme esclarece Garcia-Roza, o narcisismo implica o eu, enquanto que no autoerotismo falta o eu, o que nos autoriza a pensar que "Neste caso, autoerotismo e narcisismo primário, pelo menos nesse momento da elaboração freudiana, não se confundem"⁶⁵. Trata-se de um entendimento da relação entre os dois conceitos e, em última instância, da definição de cada um deles, ao qual Freud já havia concedido espaço desde o caso Schreber, em 1911. Tal concepção se sucede à colocação do narcisismo como estágio regular intermediário entre autoerotismo e escolha de objeto que é realizada, pela primeira vez, no escrito sobre o paranoico e que se mantém na referência ao narcisismo encontrada em *Totem e tabu*, em 1913. De qualquer forma, autoerotismo e narcisismo já estavam dialogando, ainda que sem uma distinção clara entre ambos, no artigo sobre Leonardo da Vinci, a segunda menção ao narcisismo na obra freudiana, datada de 1910.

Não entraremos, por enquanto, nos detalhes quanto a esse debate sobre autoerotismo e narcisismo e à posição ocupada pelo último como fase mediadora até o amor de objeto, que será o tema principal do último capítulo deste trabalho. Por ora, interessa-nos enfatizar essa citação do artigo de 1914, assim como o ponto de vista de Freud revelado por ela, marcado pela antecedência do autoerotismo em relação ao narcisismo e pelo estabelecimento de uma fronteira entre ambos fundamentada na pluralidade do primeiro e na unidade do segundo, conjunta à constituição do eu, para os quais voltaremos mais tarde, admitindo essa exposição prévia. Mais ainda, optamos por destacar a pergunta e a resposta efetuadas por Freud sobre a relação entre autoerotismo e narcisismo para justificar o percurso que traçaremos a partir do segundo capítulo - a retomada dos passos percorridos pelo psicanalista até a *Introdução ao*

65 GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917**: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 48. É importante destacar as seguintes palavras do comentador nesta frase: "pelo menos nesse momento da elaboração freudiana". A distinção entre autoerotismo e narcisismo passa a se tornar menos nítida na obra de Freud. Na conferência 26, *A teoria da libido e o narcisismo*, o autor reitera que as pulsões sexuais se satisfazem, inicialmente, de maneira autoerótica, mas aponta que "o autoerotismo era a prática sexual do estágio narcisista de colocação da libido" (FREUD, S. **Conferências de introdução à psicanálise**. AE, vol. 16, p. 378-379). A respeito desse fragmento da conferência 26, Simanke tece algumas considerações: "Esta é uma afirmação que, flagrantemente, apaga a distinção entre narcisismo e autoerotismo estabelecida desde o caso Schreber e formalizada no artigo de 1914" (SIMANKE, R. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 127). Entretanto, como nosso trabalho se concentra em abordar a temática do narcisismo pelo recorte temporal limitado até 1914, não entraremos na discussão sobre esse esfumaçamento da distinção entre autoerotismo e narcisismo, que ficará pendente para estudos posteriores. Pelo contrário, focaremos nossa atenção em mostrar as peculiaridades atribuídas a cada um dos termos por Freud nos textos que antecedem a caracterização descrita no artigo de 1914, tarefa que será realizada principalmente no último capítulo.

narcisismo, a começar pela recuperação da teoria freudiana da sexualidade. Como diz Garcia-Roza, "convém resenharmos a trajetória do conceito de sexualidade até o aparecimento do artigo sobre o narcisismo em 1914"⁶⁶, principalmente por conta do conceito de autoerotismo. É justamente esse caminho que faremos, após a exposição do que já nomeamos, com as devidas ressalvas, de forma *final* do narcisismo em *Introdução ao narcisismo*. Assim, feita essa necessária digressão, voltemos para a segunda seção deste texto.

1.2 Segunda parte - os dois tipos de escolha de objeto, o narcisismo infantil e o narcisismo dos pais

Freud considera as parafrenias como a principal via de acesso ao narcisismo, na medida em que a esquizofrenia e a paranoia poderiam desvelar a psicologia do eu, da mesma maneira que as neuroses de transferência foram imprescindíveis para a compreensão da atividade dos impulsos libidinais - mais um caso em que a patologia, em seus exageros, permitiria a inteligência da normalidade⁶⁷. Contudo, uma vez que a psicanálise se mostra ineficaz diante desses enfermos que romperam seu vínculo com o mundo externo, conforme a assertiva já mencionada da suposta imunidade deles diante do trabalho analítico, torna-se inviável recorrer a esse caminho, motivo pelo qual o autor sugere outros meios para alcançar o conhecimento do narcisismo, a saber, a enfermidade orgânica, a hipocondria e a vida amorosa dos homens e mulheres.

O doente, enquanto sofre, deixa de interessar-se por tudo que diz respeito ao mundo externo, concentra-se apenas em sua dor, de modo que perde a disposição para amar. Para Freud, ao transportar tal situação para a teoria da libido, tem-se um testemunho de que "libido e interesse do eu (*Ichinteresse*) têm aqui o mesmo destino e se tornam outra vez indiscerníveis"⁶⁸, o que caracteriza o estado do narcisismo. "Um retiro narcisista das posições libidinais sobre a própria pessoa"⁶⁹ também pode ser reconhecido no estado de dormir⁷⁰, em

66 GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917**: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 18.

67 Freud diz: "De novo teremos que coligar a simplicidade aparente do normal desde as desfigurações e exageros do patológico" (FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 79). Trata-se de um movimento frequente na argumentação freudiana, alcançar a configuração do normal pelo patológico.

68 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 79.

69 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 80.

70 Freud também estabelece relações entre o narcisismo e o estado de dormir em seu *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos* (1917 [1915]). Trata do estado de sono como a retirada do investimento psíquico do mundo exterior e seu recolhimento para o próprio eu, evocando no estado psíquico daquele que dorme a reprodução do "narcisismo primitivo", representado pela expressão utilizada no texto sobre o "narcisismo do estado de dormir" (FREUD, S. AE, vol. 14, p. 222).

ambos os casos uma alteração no eu provoca modificações na distribuição da libido. O caso da hipocondria gera efeitos semelhantes, na medida em que são retirados interesse e libido dos objetos do mundo externo, os quais tomam como destino o órgão afetado pelas sensações dolorosas. Contra a suposição do senso comum, Freud se empenha em justificar que, tal como na enfermidade orgânica, também há alterações de órgão comprováveis na hipocondria, através do recurso à propriedade erógena de todos os órgãos - o aumento ou a diminuição da erogeneidade de determinada parte do corpo seria acompanhado por uma alteração do investimento de libido no eu.

O tema da hipocondria desperta ainda o problema das neuroses atuais, já que Freud chega a considerá-la como um terceiro tipo dentro desta categoria nosográfica, ao lado da neurose de angústia e da neurastenia. O autor considera que a hipocondria estabelece uma relação com a parafrenia assim como neurose de angústia e neurastenia se comportam quanto às neuroses de transferência, que incluem a histeria e a neurose obsessiva. O primeiro grupo depende da estase da libido do eu e o segundo, da estase da libido de objeto.

É interessante pontuar que o estudo da doença e da hipocondria, além da menção ao estado de dormir, clarificam ainda mais o amparo de Freud em um modelo econômico ou quantitativo na abordagem das relações entre o eu e os objetos, que é característico deste artigo e cuja serventia é muito bem colocada por Laplanche:

Assim, na teoria do narcisismo, esse modelo permite descrever, entre o ego e os objetos exteriores, ou mesmo entre ele e os objetos fantasmáticos interiorizados, um verdadeiro balanço energético, no sentido em que usualmente se fala de balanço de contas: quando um se enriquece, o outro deve necessariamente empobrecer-se, pois que o indivíduo dispõe apenas de uma *quantidade libidinal relativamente constante*. O capital libidinal não é inesgotável, cada um o emprega da melhor maneira possível, mas não pode investir além de suas reservas.⁷¹

Sob a mesma perspectiva econômica, Freud segue seu texto com a proposição de duas questões, a primeira sobre o motivo que levaria uma estase de libido no eu ser sentida como desprazerosa e a segunda sobre a razão que explicaria o fato do narcisismo ser ultrapassado e da libido ser, finalmente, direcionada aos objetos. O fato de que qualquer aumento de tensão seja fonte de desprazer resolve o primeiro problema. Quanto ao segundo, Freud pressupõe que haja certo limite no acúmulo de investimento libidinal do eu: "Um forte egoísmo preserva de adoecer, mas afinal tem-se que começar a amar para não cair doente, e por força adoecerá se em consequência de uma frustração não se pode amar."⁷² As respostas freudianas, portanto,

71 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 78 (grifos do autor).

72 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 82.

situam-se no mesmo registro destacado acima por Laplanche, que pode ser sintetizado pela ideia de balanço energético na circulação da libido.

Por fim, Freud se debruça sobre o estudo do narcisismo através daquela que havia sido considerada a terceira via de acesso a ele, a vida amorosa dos sexos. Para Laplanche, "a teoria da escolha de objeto é, sem dúvida, uma das contribuições mais fecundas dessa introdução ao narcisismo"⁷³, pois há uma tentativa de descrição dos caminhos possíveis para os homens e mulheres encontrarem seus objetos de amor. Através do conceito de apoio (*Anlehnung*), resumido por Freud na afirmação de que as pulsões sexuais se apoiam (*anlehnen*) na satisfação das pulsões que servem à conservação da vida, para depois se tornarem independentes e se comportarem de modo autoerótico⁷⁴, é identificada a primeira modalidade de escolha de objeto (*Objektwahl*), o tipo do apoio (*Anlehnungstypus*)⁷⁵, indicativo de que "as pessoas encarregadas da nutrição, o cuidado e a proteção da criança se tornam os primeiros objetos sexuais: são, sobretudo, a mãe ou seu substituto."⁷⁶ Ama-se à mulher que nutre e ao homem que protege.

A segunda modalidade de escolha de objeto reconhecida por Freud é o tipo narcisista, considerando as pessoas que "não elegem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, senão segundo o de sua própria pessoa."⁷⁷ Buscam a si mesmos como objetos de amor e sua expressão mais evidente está no caso daqueles que apresentam alguma perturbação no desenvolvimento libidinal, como os perversos e homossexuais. Freud é claro em afirmar a importância da escolha narcisista para a homossexualidade e observar que justamente a escolha narcisista de objeto foi o motivo mais forte para formular o narcisismo.⁷⁸ Entretanto,

73 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 79.

74 A ideia de apoio estava presente desde a edição de 1905 dos *Três ensaios de teoria sexual*, como veremos no terceiro capítulo. Porém, o uso próprio do termo e essa definição específica são adicionadas nos ensaios sobre a sexualidade apenas em 1915, ou seja, depois da publicação do artigo sobre o narcisismo.

75 Esse tipo de escolha de objeto também é conhecido como tipo "anaclítico". Segundo Laplanche e Pontalis, esse adjetivo foi introduzido na literatura psicanalítica pelas traduções inglesas da obra freudiana, porém traz alguns inconvenientes porque não consegue abranger de forma coerente os usos do termo por Freud, que vai além do adjetivo e se estende ao substantivo e ao verbo, como mostramos acima (*Anlehnung*, *anlehnen*), e também é uma palavra erudita que cria um sentido mais artificial quando utilizada. Os franceses optam por *étayage* (apoio), que permite a forma verbal *s'étayer sur* (apoiar-se em) (**Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970, p. 54-55).

76 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 84.

77 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 85.

78 Já havíamos assinalado, no início deste capítulo, o papel da perversão e da homossexualidade no percurso até o reconhecimento da universalidade do narcisismo. A origem do narcisismo na teoria freudiana está às voltas da escolha de objeto homossexual, como veremos no capítulo 4. É interessante que, entre todos os testemunhos do narcisismo até então evocados, Freud chame maior atenção para a perversão e a homossexualidade, como vemos neste fragmento de texto, e para as parafrenias, como foi possível perceber conforme o peso das características dos parafrênicos para concluir sobre as características do narcisismo que

escolher os objetos sexuais segundo o tipo narcisista contempla um espectro maior, pois é possível amar ao que somos, portanto amar a si mesmo; ao que fomos; à pessoa que foi uma parte do que cada um considera como si mesmo; ao que gostaríamos de ser - prenúncio da introdução do ideal do eu, a ser apresentado na terceira e última seção deste escrito.

Delinear os dois tipos de escolha de objeto, contudo, não significa que as pessoas se dividam em dois grupos, conforme sua maneira de amar. Freud enfatiza que tais caminhos podem ser percorridos por todos os indivíduos, afinal temos a mãe ou nós mesmos como os dois objetos sexuais originariamente possíveis. Se foi generalizada a hipótese de um narcisismo primário, qualquer um tem a possibilidade de utilizá-lo como meio para escolher seus objetos de amor, porém o psicanalista, por indícios empíricos, permite-se aproximar o tipo narcisista às mulheres e o tipo do apoio, aos homens, sem fixá-los como padrões. A superestimação sexual (*Sexualüberschätzung*) do objeto realizada pelo homem tem origem, para Freud, em uma transferência de seu narcisismo originário⁷⁹ para o objeto, de modo que, conforme os preceitos anteriormente elucidados, sua libido do eu se empobreça a favor do incremento da libido de objeto. Já nas mulheres parece haver um aumento do narcisismo originário, de modo que não sobra libido para exaltar o objeto sexual e elas amam somente a si mesmas. Eles se sentem satisfeitos amando, elas se contentam sendo amadas; por outro lado, o narcisismo delas os atrai, ao passo que o homem apaixonado está sempre em dúvida sobre o quão genuíno é o amor da mulher. Aliás, não é só o narcisismo da mulher que atrai o homem, mas de maneira geral, aquele que cultiva seu narcisismo exerce grande atração sobre aqueles que "desistiram da dimensão plena de seu narcisismo próprio e andam em requerimento do amor de objeto (*Objektliebe*)"⁸⁰. Crianças, animais como os gatos e os grandes predadores⁸¹, criminosos e humoristas nos fascinam pois "é como se os invejássemos por conservar um estado psíquico beatífico"⁸², bastam a si mesmos por conta da preservação do narcisismo, ao

está presente em todos os indivíduos. É como se os perversos, os homossexuais e os parafrênicos fossem os narcísicos por excelência.

79 Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que, além de distinguir um narcisismo primário e outro secundário, Freud também fala de um narcisismo originário, o qual não fica claro se é equivalente ao narcisismo primário ou se o antecede. Trata-se de uma questão a ser levantada que, conforme os limites deste trabalho, deixaremos em aberto para futuras elucidaciones. Para adentrar neste tema, sugerimos a visita ao texto de Garcia-Roza (GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 46-50; p. 63-73).

80 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 86.

81 No alemão, a expressão utilizada é *großen Raubtiere*, que foi traduzida por "grandes carnívoros" no espanhol, mas que também tem o sentido de predadores.

82 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 86.

qual renunciamos há tempos.⁸³

Freud é conduzido de volta ao problema do narcisismo infantil e, se havia anteriormente o utilizado "como argumento em favor da hipótese de um narcisismo originário, [...] agora está claramente reconhecido que o narcisismo infantil deve ser, ele próprio, inferido."⁸⁴ Isso porque, para o autor, a forma mais fácil de observar a existência deste estado estaria em inferi-lo a partir da atitude dos pais diante de seus filhos, que indica "renascimento e reprodução do narcisismo próprio, há muito abandonado"⁸⁵ por conta das exigências da realidade. Chega-se a tal conjectura a partir da ternura, da superestimação, da complacência dos pais para com os filhos, bem como da crença de que estes irão realizar todos os desejos daqueles. É com a expressão "*His Majesty the Baby*"⁸⁶ que Freud encerra essa segunda seção, destacando o aspecto infantil do amor dos pais, na medida em que revivem seu próprio narcisismo e encontram refúgio para ele em seus filhos, através do amor de objeto dirigido aos mesmos.

1.3 Terceira parte - o ideal do eu e os destinos da libido narcisista

Freud abre a parte três reportando-se ao embate com Adler e sua concepção acerca do "protesto masculino" de sua "psicologia individual", que fora extraído do "complexo de castração"⁸⁷ da doutrina psicanalítica. Enquanto Freud situa o complexo de castração como aspecto fundamental dentre "as perturbações a que está exposto o narcisismo primário da criança, as reações com que se defende delas e as vias pelas quais é esforçado a fazê-lo"⁸⁸, Adler o retira do registro narcisista, atribuindo ao protesto masculino um peso quase que

83 O poder de atração do narcisismo, para Miguelez, leva-nos a considerar que "é fácil identificar o tipo narcisista, o difícil é encontrar seu contrário", afinal de contas "por que o homem, tão pouco narcisista, escolhe alguém tão narcisista como objeto de amor? Por que amamos a quem nos amou e por que amamos quem quer ser amado? Não é difícil pensar de novo no narcisismo, projetado, recuperado, espelhado." Para o autor, parece que, em última instância, há certa predominância do narcisismo nas relações libidinais, pois mesmo quando se ama segundo o tipo do apoio, deslumbra-se com o narcisismo cultivado pelo outro (MIGUELEZ, O. M. **Narcisismos**. São Paulo: Escuta, 2015, p. 93).

84 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 82.

85 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 87.

86 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 88.

87 Freud menciona o complexo de castração e, em seguida, acrescenta entre parênteses: "angústia pelo pênis (*Penisangst*) no menino, inveja do pênis (*Penisneid*) na menina" (FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 89).

88 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 89. Segundo Miguelez, Freud considerava que a premissa universal do pênis se ancorava no narcisismo infantil e a castração afetava o narcisismo por introduzir para a criança a questão da diferença sexual e, conseqüentemente, da alteridade: "o complexo de castração se encontra inteiramente sob a égide do narcisismo" (MIGUELEZ, O. M. **Narcisismos**. São Paulo: Escuta, 2015, p. 94).

exclusivo na formação do caráter dos indivíduos, assim como das neuroses.⁸⁹

Entretanto, o ponto alto da terceira e última seção deste artigo é apresentado na sequência, quando Freud, que já havia indicado a exigência de abandonar o narcisismo infantil, pergunta-se sobre o destino da libido do eu do adulto normal que teve de renunciar a este estado sublime. Conforme as elucidações anteriores, é descartável a hipótese de que tenha se convertido totalmente em libido de objeto. A resposta mais satisfatória é encontrada na psicologia da repressão (*Verdrängung*), que mostrou que "moções pulsionais libidinosas sucumbem ao destino da repressão patógena quando entram em conflito com as representações culturais e éticas do indivíduo."⁹⁰ Freud afirma que a repressão parte do eu, mais precisamente "do respeito do eu por si mesmo"⁹¹, e que o eu é governado por tendências repressoras⁹². Se há variedade, ao compararmos os indivíduos, entre aquilo que é tolerável e intolerável para cada um deles, logo, entre o que pode permanecer consciente e o que deve ser reprimido, a explicação está na condição da repressão, a saber, a formação, no interior de si, de um ideal através do qual se mede o eu atual, de modo que "sobre este eu ideal recai agora o amor de si mesmo do qual na infância gozou o eu real."⁹³

O narcisismo, então, é deslocado para este eu ideal (*Idealich*) - agora ele é perfeito, tal como o eu infantil fora anteriormente. Para não renunciar à satisfação narcisista da qual outrora usufruía e preservá-la de alguma maneira, o que o homem "projeta frente a si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele foi seu próprio ideal."⁹⁴ Freud assume ainda a hipótese de "uma instância psíquica particular" cuja função seria a de assegurar a "satisfação narcisista proveniente do ideal do eu"⁹⁵ (*Ichideal*) por meio da observação do eu atual e sua comparação com o eu ideal⁹⁶. Ela seria semelhante ao que entendemos por consciência moral (*Gewissen*) e admiti-la possibilitaria compreender o delírio

89 Como já havíamos indicado no início deste capítulo, não adentraremos nas disputas teóricas que Freud engendra neste artigo. Já adiantamos aqui que há, mais a frente, outro parágrafo do qual não trataremos, cujo conteúdo consiste em uma crítica à abrangência que Adler credita ao papel da inferioridade de órgão (*Organminderwertigkeit*) como estímulo para que os indivíduos apresentem um rendimento melhor do que os outros em suas atividades, a fim de compensar aquela inferioridade (Cf. FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 95-96).

90 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 90.

91 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 90.

92 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 94.

93 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 91.

94 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 91.

95 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 92.

96 Assumimos aqui o pressuposto de que a diferenciação entre *Ichideal* e *Idealich* é posterior a Freud. (LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Lisboa: Martins Fontes, 1970, p. 190). Lacan é um dos autores que propõe essa distinção (Cf. LACAN, J. **O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 152-167).

de ser observado (*Beobachtungswahn*), manifestado sobretudo pelos paranoicos através das vozes que acompanham seus comportamentos, o qual seria a manifestação patológica de tal instância crítica, a mesma que observa, vigia e julga a todos nós na vida normal.

Esta consciência moral que se presta a garantir o cumprimento do ideal do eu tem suas origens na influência crítica dos pais e, de maneira geral, da cultura, para depois ser admitida como uma instância pertencente ao interior do eu: "A instauração da consciência moral foi no fundo uma encarnação da crítica dos pais, primeiro, e depois da crítica da sociedade"⁹⁷. O delírio de observação das enfermidades é considerado como regressivo por Freud na medida em que volta a atribuir a essa instância censuradora uma fonte externa - as vozes que atormentam o doente e contra as quais ele se revolta.

O ideal do eu e a instância psíquica particular ligada a ele são desdobramentos do narcisismo que se configuram como germes do supereu da segunda tópica, segundo Strachey⁹⁸, por isso considerar sua apresentação como o auge da terceira seção do artigo. Encerrada nessa relação entre ideal do eu, instância censuradora e supereu está, ainda, a novidade de que "a partir de *Introdução ao narcisismo*, fica claro que certas partes ou funções do ego podem se separar por clivagem"⁹⁹, conforme mostra Monzani. O filósofo chama a atenção para o fato de que tais partes ou funções do eu são mais difíceis de enxergar nos indivíduos normais, mas se evidenciam nos exageros da patologia. Mais uma vez, é possível identificar o movimento próprio de Freud de explicar a vida anímica daqueles que são considerados normais pelos sintomas que se manifestam nos casos patológicos, a partir do pressuposto de que as diferenças entre ambos são de grau, e não de natureza:

Porque, no caso do delírio de estar sendo observado, por exemplo, num certo sentido, o louco está certo: é na realidade exterior que está a raiz do problema, uma vez que esse "outro" que o dirige é a "exterioridade interiorizada". Quanto à origem, pelo menos, o louco está certo. O seu erro está em ver como atual, como imediatamente presente, esse poder que o formou num outro tempo: a voz do pai. Podemos rir desse delírio, mas fazendo isso nos esquecemos de que nesse caso a regressão levou o sujeito a um estado onde essa voz (ou suas metamorfoses) se faz mais uma vez

97 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 93.

98 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, nota 7, p. 92. Quer dizer, o conceito de narcisismo não só exerce um papel significativo na revisão da teoria pulsional, conforme indicamos em nota na ocasião em que Freud trata da oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais, como também é um agente importante das modificações que culminarão na segunda tópica psíquica, principalmente pela formulação do ideal do eu e da noção de que o eu pode ser clivado adjacente a aquela. Esse conjunto de mudanças relativas à teoria pulsional e à teoria do aparelho psíquico são conhecidas na história da psicanálise pelo termo "virada dos anos 20". Nos dedicaremos a continuar o estudo do narcisismo em nossa pesquisa de doutorado, em suas menções posteriores ao artigo de 1914 e no que concerne a sua contribuição para as alterações que compõem tal virada na teoria freudiana.

99 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 246.

presente e sensível, voz que, nos normais e mesmo nos neuróticos, perdeu o som e como palavra sem voz se tornou o superego.¹⁰⁰

Portanto, "a queixa da paranoia mostra também que a autocrítica da consciência moral coincide no fundo com essa observação de si sobre a qual se edifica"¹⁰¹, resume Freud. O autor vai mais além em suas comparações quando estende a essa atividade psíquica de observar a si mesmo o papel de prestar-se às operações intelectuais da filosofia - à introspecção filosófica - e sugere uma aproximação entre os sistemas especulativos desta disciplina e dos sintomas dos paranoicos. É possível ainda reconhecer esta "instância de observação crítica"¹⁰², vinculada ao ideal do eu, na formação dos sonhos, sobretudo na censura que atua na desfiguração dos pensamentos oníricos, exercida pelo "censor do sonho" através da autocrítica e da observação de si mesmo.

Investigar a formação do ideal do eu (*Ichidealbildung*) abrange também a discussão sobre sua relação com a sublimação, as particularidades desta frente à idealização e os vínculos totalmente diferentes que ambas estabelecem com a repressão. A sublimação é definida por Freud a partir do desvio a respeito da meta sexual, como um processo que acontece com as pulsões libidinosas e está associado apenas aos rumos da libido de objeto, enquanto a idealização pode ocorrer tanto no âmbito da libido do eu, quanto da libido de objeto, já que depende da exaltação ou engrandecimento do objeto em si¹⁰³. Embora o ideal do eu incite a sublimação para alcançar a satisfação narcisista, não tem a capacidade de forçá-la. Na verdade, as exigências do eu tornam-se mais difíceis de cumprir por conta da formação do ideal, o qual acaba por favorecer a repressão, ao contrário da sublimação, que implica, justamente, em satisfazer as exigências do eu sem a necessidade da repressão, mas através da artimanha de desviar-se do fim sexual.

Caminhando para o encerramento de sua exposição, Freud toca na temática do sentimento de si (*Selbstgefühl*), cujo ponto fundamental a ser destacado é sua dependência em relação à libido narcisista: "Uma parte do sentimento de si é primária, o resíduo do narcisismo infantil; outra parte brota da onipotência corroborada pela experiência (o cumprimento do

100 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 248.

101 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 93.

102 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 93.

103 Um exemplo envolvendo a libido de objeto, que não aparece pela primeira vez neste artigo, seria o caso da superestimação do objeto sexual, elevado à condição de ideal sexual (seja qual for o tipo de escolha, narcisista ou por apoio, já que a diferença será apenas sob que condições o objeto será idealizado); um exemplo no caso da libido do eu pode ser o engrandecimento do próprio eu. Nos dois casos, trata-se do objeto e não da pulsão, cujos destinos são alterados apenas quando acontece o processo sublimatório.

ideal do eu), e uma terceira, da satisfação da libido de objeto."¹⁰⁴ O autor já insistira sobre a tentativa de restituir o narcisismo primário, a imortalidade do eu da qual somos obrigados a nos afastar, através da satisfação obtida pelo cumprimento do ideal do eu. Entretanto, interessa-nos abordar o sentimento de si não só porque ele se encontra em concordância com o que já havia sido exposto, mas também porque reforça o esquema explicativo que sustenta todo o artigo, acerca da circulação libidinal entre o eu e os objetos, tanto nas neuroses de transferência e nas parafrenias, quanto na vida amorosa, com base nas diferentes escolhas de objeto disponíveis para os indivíduos. O autor indica as condições do aumento e da diminuição do sentimento de si e a regra geral parece ser a de que ele varia na mesma proporção que o acúmulo de libido do eu. Isto significa que o parafrênico e aquele que escolhe seus objetos pelo tipo narcisista, na busca de ser amado, experimentam um aumento do sentimento de si, enquanto o neurótico que ama tem seu sentimento de si rebaixado, justamente por incrementar o investimento libidinal do objeto, à custa do empobrecimento da libido narcisista, e só pode reparar este quadro quando, em troca, também recebe amor ou, em outras palavras, encontra satisfação da libido de objeto.

Finalmente, a *Introdução ao narcisismo* é encerrada com uma série de enunciados de Freud, colocados de maneira dispersa, como ele mesmo descreve, mas que retomam alguns dos principais temas tratados ao longo do escrito. A marca do eu que aspira a atingir novamente a condição primária, tão sublime, do narcisismo, e "ser de novo, como na infância, seu próprio ideal"¹⁰⁵; a formação do ideal do eu, diante do fracasso de restituir tal estado, para a qual é delegada a função de cumprir a satisfação narcisista, que se dá a duras penas por conta das elevadas exigências do eu; a já conhecida e fundamental oposição entre a libido do eu e a libido de objeto, pautada sob o também já familiar modelo econômico, que implica no alargamento de uma em detrimento ao empobrecimento da outra.

Entretanto, nos dois últimos parágrafos, Freud ainda consegue introduzir duas novidades. Uma delas se refere à possibilidade de que o ideal sexual seja uma fonte substitutiva de satisfação narcisista - o indivíduo pode amar, segundo o tipo narcisista, aquilo que lhe falta para atingir o ideal do eu. É uma ferramenta importante para o neurótico, segundo Freud, que ofereceu tanto de sua libido para os objetos e não é capaz de alcançar a satisfação narcisista pelo cumprimento de seu ideal. É possível curar-se através do amor destinado àquele que contém tudo o que eu gostaria de ser, a não ser pelos "perigos da

104 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 97.

105 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 97.

oprimente dependência a respeito desse salvador." ¹⁰⁶ A outra consiste em anunciar o componente social do ideal do eu, através da constatação de que há ideais que são compartilhados por grupos, como uma família ou uma nação. Esse ideal do eu em seu aspecto social é destino não só de libido narcisista, mas também de libido homossexual dos indivíduos ¹⁰⁷.

Depois de acompanhar, neste primeiro capítulo, a forma conceitual do narcisismo em 1914 e levantar, nas três partes do artigo, os pontos mais importantes relacionados a ele, estamos mais preparados para refazer o trajeto de Freud até aqui - assunto dos próximos capítulos. Como Freud chegou ao narcisismo de 1914? Esta é a pergunta que nos serve de guia de agora em diante. Pudemos observar a importância da teoria da sexualidade para a definição deste conceito e, em última instância, da sexualidade infantil, considerando que Freud assume a premissa de um narcisismo infantil e primário em todos os indivíduos e que o relaciona ao autoerotismo, próprio da vida sexual da criança. Constatamos os vínculos entre narcisismo e homossexualidade, já que a escolha narcisista foi reconhecida como motivo mais forte para a hipótese do narcisismo e esta, por sua vez, apesar de ser possível a todos os indivíduos, é característica da escolha de objeto homossexual. Também notamos a importância fundamental do delírio de grandeza e do afastamento em relação ao mundo externo na parafrenia como suporte para a formulação do conceito de narcisismo, bem como as contribuições da onipotência dos pensamentos dos povos primitivos e das crianças. Temos questões suficientes a serem tomadas como pontos de partida para a reconstituição do percurso de Freud até tais formulações. Passemos, então, ao segundo capítulo e ao primeiro passo desta empreitada.

106 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 98.

107 Convém acrescentar uma observação sobre o ideal do eu em seu componente social, pois é com ele que Freud encerra o artigo de 1914 mas abre caminho para a faceta do narcisismo voltada para a cultura, a ser explorada em textos posteriores, como *Psicologia das massas e análise do eu*, publicado em 1921 (FREUD, S. AE, vol. 18). Sobre isso, é interessante notar a visão oferecida por Oscar Miguez, acerca da pluralidade desse conceito freudiano em suas diversas faces: aquela que se volta às psicoses, aquela que se volta à cultura e à sociedade, aquela da teoria da sexualidade, entre outras tantas. Ele defende o narcisismo como conceito plural - narcisismos - na medida em que "respeita a especificidade das diferentes redes conceituais com as quais se articula" (MIGUEZ, O. M. **Narcisismos**. São Paulo: Escuta, 2015, p. 16).

CAPÍTULO 2. A TEORIA DA SEDUÇÃO DE FREUD E SEU ABANDONO

Como vimos, o narcisismo de 1914 compõe a teoria da libido, tem lugar no desenvolvimento sexual regular de todos os indivíduos sob a forma do narcisismo infantil, ao qual é tão custoso renunciar e aspira-se, a vida toda e por meio dos mais variados caminhos, a retornar. Ele estabelece importantes relações com o autoerotismo que, por sua vez, é conceito-chave da teoria freudiana acerca da sexualidade infantil, cunhada nos célebres *Três ensaios de teoria sexual*, publicados em 1905. Se a proposta é investigar os passos anteriores de Freud até os enunciados da *Introdução ao narcisismo*, é indispensável, portanto, abordar a vida sexual da criança. Contudo, este será o assunto do terceiro capítulo, pois o primeiro passo será compreender de que maneira a sexualidade infantil adquiriu espaço e relevância em sua psicanálise, bem como procurar compreender alguns aspectos de sua descrição na primeira edição dos ensaios sobre a sexualidade.

Acreditamos ser impossível tratar de narcisismo sem falar de autoerotismo e conceber o autoerotismo sem conhecer a sexualidade infantil, mas também assumimos como pressuposto que esta, uma vez concebida, passa a ser fundamental para a própria teoria da sexualidade freudiana em sua forma geral, da qual o narcisismo é parte. Então, neste segundo capítulo, procuraremos mostrar a conjuntura que precede e que fundamenta a teorização acerca da vida sexual da criança, orientados pela tentativa de trilhar o caminho que transportou Freud a colocá-la em destaque e, a partir de então, ler o desenvolvimento da libido sob esta ótica. Para tanto e em primeiro lugar, pretendemos abordar, de forma rápida, o que Freud concebia como teoria da sedução (*Verführungstheorie*) até 1897, data em que o psicanalista renuncia a esse primeiro modelo explicativo dos sintomas neuróticos. Entendemos que tal modificação teórica se desdobrou na valorização de três conceitos fundamentais à psicanálise de Freud - a fantasia, o complexo de Édipo e, de maior interesse para nós, a sexualidade infantil, a qual não era reconhecida por Freud enquanto a teoria da sedução era predominante em suas elucidações acerca da sexualidade.

Entretanto, e em segundo lugar, voltaremos nossa atenção para os desdobramentos do abandono da teoria da sedução em tais conceitos guiados pelo propósito de fomentar uma leitura crítica e menos ingênua desse capítulo da história da psicanálise de Freud, apoiada em Laplanche e Pontalis e em Monzani, respectivamente nas obras *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia e Freud: o movimento de um pensamento*. Conforme

veremos, a trajetória até essas concepções cruciais e a renúncia à teoria da sedução têm muito mais ambiguidade do que aparentam, porque resultam em consequências teóricas mais delicadas, que são relevantes na medida em que implicam na própria concepção de sexualidade infantil que é defendida na primeira edição dos *Três ensaios de teoria sexual*.

O objetivo principal do capítulo será, pois, o de investigar os efeitos do abandono da teoria da sedução depois de apresentá-la, para compreender o aparecimento e os aspectos da descrição da sexualidade infantil, tal como ocorrem em 1905. Como veremos, expor esta questão ajudará a entender o lugar que o narcisismo virá a ocupar em relação ao autoerotismo desde as origens da sexualidade do indivíduo, tal como se dá em *Introdução ao narcisismo*, conforme foi apresentado no primeiro capítulo¹⁰⁸, e em alguns textos anteriores a 1914, que abordaremos nos capítulos seguintes, mais precisamente aqueles publicados em 1911 e 1913¹⁰⁹, nos quais, para adiantar, o conceito de narcisismo é situado entre o autoerotismo da sexualidade infantil e a escolha de objeto da vida sexual adulta no desenvolvimento libidinal.

2.1 A teoria da sedução de Freud

As elaborações teóricas de Freud dedicadas à explicação da etiologia das neuroses, referentes sobretudo ao intervalo entre 1895 e 1897, foram agrupadas no que se conhece na história da psicanálise por teoria da sedução. A identificação de traumas psíquicos de origem sexual, os quais mobilizavam defesas patológicas e ocasionavam os sintomas neuróticos, levou Freud a se deparar com o desafio de elucidar os vínculos entre a sexualidade, a particular incidência da repressão (*Verdrängung*) sobre ela e a consequente emergência da patologia. Segundo Laplanche e Pontalis:

A teoria da sedução, ao mostrar como o traumatismo sexual é o único que tem o poder de deflagrar uma "defesa patológica" (recalcamento¹¹⁰), constitui uma tentativa para explicar o fato, descoberto pela clínica (*Estudos sobre a histeria*), de que o recalcamento se exerce eletivamente sobre a sexualidade.¹¹¹

108 Vale a pena lembrar: estamos nos remetendo, sobretudo, à questão colocada por Freud, na primeira parte do artigo, acerca das relações que se estabelecem entre autoerotismo e narcisismo. Em conformidade com o que destacamos na exposição do primeiro capítulo, trata-se da pluralidade das pulsões autoeróticas que antecedem o momento de unificação do narcisismo, ao qual está associada aquilo que Freud denomina por nova ação psíquica, a ser entendida como o desenvolvimento do eu necessário à instauração do narcisismo.

109 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente**. AE, vol. 12; **Totem e tabu**. AE, vol. 13.

110 No original, Laplanche e Pontalis utilizam o termo *refoulement*. Por tratar-se de uma citação literal, seguimos a opção pelo termo "recalcamento" do tradutor desta obra para o português, Álvaro Cabral. A despeito dessa escolha, nas outras ocorrências do termo acompanhamos a escolha de José L. Etcheverry, da Amorrortu Editores, que utiliza *repression*, traduzida por "repressão" no presente trabalho.

111 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 27 (grifos do autor). Cotejada com o original *Fantasme originaire*,

Destaquemos dessa concepção dos autores franceses sobre a teoria da sedução a participação dos *Estudos sobre a histeria* (1895) em fornecer o fundamento clínico que exigiu tais elucidações da parte de Freud. Logo no prólogo à primeira edição dos *Estudos...*, Freud e Breuer indicam que irão expor novamente as concepções teóricas da *Comunicação preliminar*, que já havia sido publicada em 1893, só que agora acompanhadas de uma série de observações clínicas. Contudo, conforme se empenham em justificar aos leitores, renunciaram a uma porção de apontamentos a fim de resguardar a intimidade de seus pacientes, sobretudo nos casos em que os fatos da vida sexual cumpriam uma função etiológica. Por conta disso, segundo os autores, foi comprovada de maneira muito incompleta sua tese, a saber, aquela que reconhece que "a sexualidade desempenha um papel principal na patogênese da histeria como fonte de traumas psíquicos e como motivo da 'defesa' (*Abwehr*), da repressão de representações fora da consciência."¹¹²

Se concordarmos com Laplanche e Pontalis, desde a *Comunicação preliminar* e com a experiência clínica dos *Estudos sobre a histeria*, já se estabelecia, então, o caráter traumático da sexualidade e sua característica de ser alvo da repressão, os quais exigiram a rede de elaborações teóricas que teceu a teoria da sedução. Sabemos que tal teoria já vinha sendo abertamente formulada por Freud pelo menos desde a seção intitulada *Psicopatologia*, do *Projeto de psicologia*¹¹³, também escrito em 1895. Em visita à obra de Freud, entretanto, optamos por expor as *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*, publicadas em fevereiro de 1896, cuja escolha se justifica com base em sugestões como as de Mezan, de que neste texto "a novidade é a apresentação, com todas as letras, da teoria da sedução"¹¹⁴.

Neste segundo artigo sobre as neuropsicoses de defesa¹¹⁵, que incluem a histeria e a neurose obsessiva, Freud não pretende apenas reafirmar o que já é conhecido - que os traumas psíquicos sexuais ocasionam os sintomas histéricos -, mas sim acrescentar conteúdos referentes à natureza do trauma e ao período em que ocorre, concepções que emergiram consoante aos resultados da prática clínica. O que Freud quer dizer é que se necessita de mais do que apenas vivências de conteúdo sexual com produção de desprazer e mobilização da repressão para provocar uma histeria: "é preciso que *estes traumas sexuais correspondam à infância precoce {frühen Kindheit} (o período da vida anterior à puberdade), e seu conteúdo*

fantasme des origines, origines du fantasme. Paris: Hachette Littératures, 1985.

112 FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. AE, vol. 2, p. 23.

113 Cf. FREUD, S. **Projeto de psicologia**. AE, vol. 1, p. 394-407.

114 MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 37.

115 O primeiro data de 1894 (FREUD, S. **As neuropsicoses de defesa**. AE, vol. 3, p. 41-68).

*tem que consistir em uma efetiva irritação dos genitais (processos semelhantes ao coito)."*¹¹⁶ Logo, Freud afirma que a condição particular que leva à histeria é a "*passividade sexual em períodos pré-sexuais*"¹¹⁷, e a clínica, por meio dos casos de histeria por ele analisados, confirma tal pressuposto¹¹⁸.

Além do destaque dado às vivências sexuais passivas da infância na etiologia da histeria¹¹⁹, nas *Novas observações...* Freud enfatiza a importância da recordação em detrimento à vivência, pois considera que o efeito traumático consiste na recordação em um período sexual, após a puberdade, da experiência referente a um período pré-sexual. A suposta predisposição hereditária à histeria, até então considerada pelo psicanalista, é substituída, inteiramente ou em partes, pelo "efeito póstumo {*posthume*} do trauma infantil sexual."¹²⁰

Em nota de rodapé seguinte ao parágrafo em que se localiza a última citação, Freud fala sobre o problema que motiva essas suas formulações teóricas, a saber, a tentativa de explicar porque a repressão incide apenas sobre representações sexuais. Aqui, de forma mais completa, expõe os pressupostos de sua teoria da sedução. Afirma que as representações de conteúdo sexual provocam excitações nos genitais, da mesma forma que o próprio vivenciar sexual. De maneira geral, o efeito da vivência costuma ser superior ao da recordação. Entretanto, no campo da sexualidade as coisas se passam de forma diferente, se a vivência ocorreu na época pré-puberal - na cena de sedução, podemos inferir - e a recordação foi despertada na maturidade sexual. Nesse caso, a recordação produz um efeito muito mais intenso do que a própria experiência, pois a puberdade modifica a reação do aparato sexual, o que pode ser traduzido da seguinte forma - o sexual pode, enfim, ser concebido como tal.

116 FREUD, S. **Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa**. AE, vol. 3, p. 164 (grifos do autor).

117 FREUD, S. **Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa**. AE, vol. 3, p. 164 (grifos do autor).

118 Se saltarmos para a segunda parte do texto, em que o autor aborda a neurose obsessiva, veremos que essa ideia da passividade sexual infantil como condição da neurose se mantém. Isso porque, apesar de Freud admitir que a gênese dos sintomas obsessivos depende da atividade sexual da criança, com ganho de prazer, continua afirmando que, em todos os neuróticos obsessivos por ele analisados, foram encontrados substratos de sintomas histéricos que levaram a uma cena anterior de passividade. Portanto, para Freud "uma agressão sexual prematura pressupõe sempre uma vivência de sedução" ou, segundo Mezan: "Em outras palavras, a criança repetiria com outra a agressão sexual de que fora vítima" (**Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, p. 39). Em síntese, a diferença do destino do trauma em levar a uma histeria ou a uma neurose obsessiva é sobretudo uma questão da localização temporal da vivência sexual passiva, ou cena de sedução, que, necessariamente, estaria presente em ambas.

119 Freud se baseia em treze casos de histeria por ele analisados e fala claramente em traumas sexuais infantis em que as crianças haviam sido abusadas por suas babás, por governantas, por educadores, irmãos mais velhos, entre outros; termos como "abuso", "agressão sexual" e "influências sexuais nocivas" são frequentes, o que endossa a passividade pré-sexual da criança diante da atividade sexual do adulto na cena de sedução (Cf. FREUD, S. **Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa**. AE, vol. 3, p. 165-166).

120 FREUD, S. **Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa**. AE, vol. 3, p. 167.

Freud fala, então, de uma proporção inversa entre a experiência efetiva e a recordação no campo sexual, a qual ele identifica como condição psicológica da repressão:

A vida sexual oferece - pelo atraso da maturidade puberal a respeito das funções psíquicas - a única possibilidade que se apresenta para essa inversão da eficiência relativa. *Os traumas infantis produzem efeitos retardados {nachträglich} como vivências frescas, mas então os produzem inconscientemente.*¹²¹

Como podemos ver, esses fragmentos retirados do texto sobre as neuropsicoses de defesa fornecem indícios do papel fundamental da liberação sexual precoce na cena de sedução, de sua recordação em um momento já de maturidade sexual, em que o desprendimento de desprazer é, com efeito retardado, muito superior à vivência em si, ocorrida em um período em que não podia ser concebida como sexual. O que está em jogo, portanto, é que a recordação reprimida na neurose só adquire o estatuto de trauma posteriormente, devido ao atraso da puberdade, que separa o desenvolvimento do indivíduo em dois períodos - aquele que pode ser considerado pré-sexual e o sexual.

Enfim, se pudéssemos resumir a teoria da sedução, ela seria descrita pelo seguinte espectro: cena de sedução no período pré-puberal, que não é compreendida pela criança; recordação em um segundo momento, já puberal; compreensão do seu sentido sexual; mobilização da repressão; formação dos sintomas neuróticos. É pertinente afirmar, portanto, que neste momento da obra, a ausência de sexualidade infantil e sua emergência com a puberdade são indiscutíveis em Freud.

2.2 O abandono da teoria da sedução e seus problemas

Como se sabe, essas concepções têm seu prazo de validade datado - 21 de setembro de 1897. Na famosa carta 69 enviada a Fliess¹²², Freud revela já não acreditar mais em sua teoria das neuroses e se propõe a apresentar os motivos que o levaram a essa descrença. As dificuldades em sua autoanálise, a demora do êxito efetivo esperado no tratamento de seus pacientes, o abandono da análise por parte de alguns deles e o fato dos resultados alcançados terem outras explicações possíveis, que não as vivências sexuais passivas da infância, compõem o primeiro grupo de razões levantadas por Freud. A inviabilidade probabilística da existência de tantos perversos para produzir um número tão elevado de histerias é outro, bem como a aparente ausência de signo de realidade no inconsciente, que não permite a distinção

121 FREUD, S. **Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa**. AE, vol. 3, nota 12, p. 167-168 (grifos do autor).

122 FREUD, S. **Carta 69**. AE, vol. 1, p. 301-302.

entre a verdade e a fantasia investida de afeto.

Diante desta modificação no conhecimento, até então seguro, acerca da etiologia das neuroses e, conseqüentemente, de sua resolução, Freud questiona - a si mesmo e a Fliess - se estas dúvidas não poderiam ser apenas um episódio no progresso até um conhecimento posterior. Ele estava correto, ao que parece, no que diz respeito ao passo representado pela retificação da teoria da sedução na produção de novos saberes, pois como Freud mesmo nos diz, em *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1914), abre-se passagem para que a fantasia adquira papel preponderante, tendo como pano de fundo a equiparação da realidade prática à realidade psíquica, e para que a vida sexual da criança venha à tona, assim como o tema fundamental da sexualidade infantil, que nos interessa em especial:

Se os histéricos reconduzem seus sintomas a traumas inventados, eis aqui precisamente o fato novo, a saber, que eles fantasiam essas cenas, e a realidade psíquica pede ser apreciada junto à realidade prática. Logo seguiu a intelecção de que essas fantasias estavam destinadas a encobrir, a embelezar e a promover a uma etapa mais elevada o exercício autoerótico dos primeiros anos da infância. Assim, atrás dessas fantasias, saiu ao primeiro plano a vida sexual da criança em todo seu alcance.¹²³

Se a sexualidade da criança não é mais dependente da interferência de um adulto, mediante a sedução, é possível conceber que na infância operam impulsos sexuais sem necessidade de estimulações externas. Prepara-se o terreno, então, para a publicação de uma das obras mais marcantes de Freud, por sua originalidade e pelas repetidas edições, tanto quanto a estimada *A interpretação dos sonhos* (1900): os *Três ensaios de teoria sexual* (1905)¹²⁴.

Entretanto, se encararmos mais de perto, sob outro ponto de vista renunciar à teoria da sedução não resultou, simplesmente, na aquisição de conceitos centrais como o da sexualidade infantil; na verdade, trouxe questionamentos à teoria psicanalítica, como descreve Monzani:

Declarações proféticas, pode-se dizer, já que, de um lado, o abandono dessa teoria das neuroses vai significar um avanço capital na constituição do discurso psicanalítico, possibilitando a emergência de certos conceitos fundamentais. Mas, por outro lado, esse episódio vai constituir um dos capítulos mais complicados e espinhosos da história do discurso psicanalítico na medida em que vai implicar uma série de hesitações de Freud no decorrer de sua obra, que talvez só tenha alcançado um ponto de equilíbrio no seu estágio terminal.¹²⁵

Convém, no presente contexto, evocar a discussão levantada por Laplanche e Pontalis

123 FREUD, S. *Contribuição à história do movimento psicanalítico*. AE, vol. 14, p. 17.

124 FREUD, S. *Três ensaios de teoria sexual*. AE, vol. 7.

125 MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 27.

quanto à célebre declaração de Freud, presente na já citada carta 69 a Fliess, "Já não acredito mais em minha 'neurótica'"¹²⁶. Veremos que os autores traçam o percurso desde a afirmação da teoria da sedução nos escritos freudianos, entre 1895 e 1897 - dos quais destacamos alguns pontos, na primeira parte deste capítulo - até sua renúncia, atravessada por uma série de nuances que produzem efeitos neste corpo teórico. O ponto principal, sobre o qual se tem a intenção de debruçar o olhar, é a visão crítica e, por assim dizer, menos ingênua de Laplanche e Pontalis acerca do que se entende como abandono da teoria da sedução e suas consequências para a psicanálise de Freud. Para tanto, é pertinente circunscrever a que conjunto de concepções Freud renuncia; de quais pressupostos, precisamente, ele se afasta:

[...] a cena de sedução pelo adulto, que se impusera até então a Freud como o próprio tipo de traumatismo psíquico, não é um evento real, mas uma fantasia¹²⁷ que é apenas o produto e a máscara das manifestações espontâneas da atividade sexual infantil.¹²⁸

Em síntese, é colocada em xeque a realidade da cena de sedução. Dentre as razões levantadas por Freud para deixar de lado esse postulado, Laplanche e Pontalis depositam ênfase especial ao terceiro motivo elencado pelo psicanalista: "Em terceiro lugar, a intelecção certa de que no inconsciente não existe um signo de realidade, de modo que não se pode distinguir a verdade da ficção investida com afeto"¹²⁹. Segundo os autores, dentre as soluções possíveis diante desse problema, que implica na fragilidade de um fragmento de realidade na formação do sintoma neurótico, Freud opta por recorrer à predisposição hereditária e voltar a dar importância à constituição na etiologia das neuroses: "Se o evento se esquivava, então o outro termo da alternativa - a constituição - é reabilitado"¹³⁰, como bem explicam Laplanche e Pontalis, que observam neste retorno ao recurso dos fatores endógenos uma tentativa por parte de Freud de restabelecer uma base real para essa ficção que se impõe, dada a ausência de indício de realidade no inconsciente.

É a partir dessa constatação - a de que o recurso à constituição recupera espaço para Freud, como consequência do abandono da teoria da sedução - que os autores discordam da posição dos historiadores da psicanálise, que consideram que essa renúncia teórica culminou na desobstrução do caminho para a emergência de conceitos fundamentais como a fantasia, o

126 FREUD, S. **Carta 69**. AE, vol. 1, p. 301.

127 Termo utilizado no original em francês: *fantasme*; termo do alemão: *Phantasie*.

128 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 25.

129 FREUD, S. **Carta 69**. AE, vol. 1, p. 301-302.

130 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 37.

complexo de Édipo e a sexualidade infantil. Na visão dos franceses, é mais complicado do que parece:

Quando os historiadores da psicanálise, retomando o ponto de vista oficial do próprio Freud¹³¹, nos dizem que o abandono da teoria da sedução, diante da prova fátua, desbravou o terreno para a descoberta da sexualidade infantil, eles simplificam uma evolução muito mais ambígua. [...] E é bem verdade que, correlativamente ao abandono da teoria da sedução, três temas passaram a ser preponderantes na correspondência com Fliess: a sexualidade infantil, a fantasia, o Édipo. Mas todo o problema reside na articulação entre eles.¹³²

Segundo Laplanche e Pontalis, o que se entende por abandono da teoria da sedução, em verdade, deu lugar a uma concepção da sexualidade infantil determinada do ponto de vista endógeno, o que parece compor o movimento de restauração da importância dos fatores constitucionais na psicanálise de Freud. O complexo de Édipo, por outro lado, apesar de já ter sido percebido por Freud, ocupava uma posição secundária, e ao invés de ter adquirido importância com a revisão da teoria da sedução, quase foi perdido junto com ela, por conta de um "realismo biológico"¹³³ que surgiu como precipitado dessa alteração.

De agora em diante, volta-se a atenção para o texto de Monzani que, sob certa perspectiva, caminha na mesma direção do que é proposto pelos franceses quanto à revisão desse período da obra freudiana, salvo as particularidades quanto ao contexto de cada argumentação e aos objetivos dos diferentes autores. No primeiro capítulo de *Freud: o movimento de um pensamento*, o autor busca, explicitamente, questionar a leitura dos historiadores da psicanálise, que dão a impressão de que o abandono da teoria da sedução foi "definitivo e irreversível", aos moldes de um ponto de ruptura, pois defende que "temos boas razões para pensar que as coisas não transcorreram com tanta tranquilidade e é possível que um exame mais minucioso dos textos nos revele algo bem diferente"¹³⁴.

O filósofo, assim como Laplanche e Pontalis, convida o leitor a notar a existência marginal do complexo de Édipo nos textos da época da primeira edição dos *Três ensaios de teoria sexual* (1905), a despeito da correspondência com Fliess indicar que Freud já reconhecia sua relevância para a formação da sexualidade dos indivíduos. Tal papel secundário ocupado por uma noção tão fundamental vai ao encontro da concepção de

131 Conforme é possível observar no trecho citado anteriormente da *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (FREUD, S. AE, vol. 14, p. 17).

132 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 37-38.

133 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 40.

134 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 28.

sexualidade defendida pelo psicanalista justamente na edição inaugural dos *Três ensaios...*, em que os fatores endógenos são determinantes, em detrimento aos fatores externos, em cuja categoria se localizaria o complexo edípico. Essa tendência do discurso freudiano - a valorização da constituição -, que também é identificada por Laplanche e Pontalis, pode ser explicitada por um trecho do segundo dos *Três ensaios...* "um pouco brutal" e "inquietante"¹³⁵, para usar os adjetivos escolhidos por Monzani. Trata-se de um texto que versa sobre a sexualidade infantil e o período de latência:

Durante este período de latência total ou meramente parcial se edificam os poderes anímicos que mais tarde se apresentarão como inibições no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso tal como diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências ideais no estético e no moral). Na criança civilizada tem-se a impressão de que o estabelecimento desses diques é obra da educação, e sem dúvida alguma ela contribui em muito. Mas na realidade este desenvolvimento é de condicionamento orgânico, fixado hereditariamente (*hereditär fixierte*), e ocasionalmente pode produzir-se sem nenhuma ajuda da educação. Esta última se atém por inteiro à esfera de competência que lhe foi designada quando se limita a seguir o que foi fixado organicamente, imprimindo-lhe um cunho mais ordenado e profundo.¹³⁶

Portanto, em 1905, na primeira edição dos *Três ensaios...*, para Freud "o desenvolvimento da sexualidade é rigidamente determinado do ponto de vista orgânico endógeno"¹³⁷. Segundo Monzani, as razões que levaram o psicanalista a defender esse postulado estão relacionadas, justamente, às consequências do abandono da teoria da sedução. Nesse ponto, o autor é enfático em defender que "Freud abandona a *teoria* da sedução, *minimiza* mas não nega o *fato* da sedução e aceita o papel *preponderante* da fantasia na explicação da etiologia dos sintomas"¹³⁸. Dessa forma, Monzani encontra uma falha e efetua uma espécie de retificação nas leituras que enxergam essa mudança teórica como radical e que constroem quase que uma equação entre deixar de lado a teoria da sedução como fator etiológico principal e a aquisição dos conceitos fundamentais de fantasia, sexualidade infantil e complexo de Édipo. Conforme já haviam demonstrado Laplanche e Pontalis, para Monzani o resultado imediato de abrir mão desse esquema explicativo centrado na realidade da cena de sedução é, na verdade, a recuperação da influência dos fatores constitucionais. Justifica-se,

135 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 36-37.

136 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 161.

137 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 37.

138 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 43 (grifos do autor). Monzani vai mais além em sua argumentação ao mostrar que a teoria da sedução, apesar de ter sido abandonada em sua forma primitiva, permaneceu na teoria freudiana, ainda que em outro formato - mais difuso e em coexistência com os pressupostos da sexualidade infantil e da fantasia -, sobretudo por meio da noção da mãe como a primeira sedutora, na medida em que seus cuidados despertam sensações no corpo da criança (p. 49-55).

assim, que o complexo de Édipo tenha um papel secundário nesse período, já que ele é incompatível com o pressuposto da importância dos fatores internos:

Algo fica claro para o leitor: se o "abandono" da teoria da sedução fez com que Freud valorizasse o papel da fantasia, esse fenômeno teve duas faces - de um lado, a Psicanálise deu um passo gigantesco para sua constituição, mas, de outro, alguma coisa foi perdida. Ainda falta algo para que a Psicanálise possa se constituir plenamente. E essa falta está diretamente ligada ao "arquivamento" da teoria da sedução.¹³⁹

Monzani identifica o impasse que se impõe a Freud mediante essa renúncia: a teoria da sedução assegurava ao psicanalista a independência quanto ao determinismo orgânico; na medida em que ela perde sua relevância, perde-se também a ideia da cena primária, cuja sedução seria apenas um representante e que fornecia uma base concreta e real aos pressupostos teóricos, e ainda é perdida a importância da interação entre fatores externos e internos na formação dos sintomas, já que considerar a cena de sedução como fantasia e alargar o papel desta culminou na valorização dos fatores internos. Na visão do filósofo, é perdido o ponto de equilíbrio da teoria.

Constatação semelhante - de que algo se perde com a minimização do papel da sedução na etiologia das neuroses - já havia sido defendida por Laplanche e Pontalis. Trata-se do recurso à constituição realizado por Freud, que leva a um paradoxo, segundo os autores. Por um lado, é descoberta a fantasia, que eles chamam de "objeto psicanalítico por excelência"¹⁴⁰, porém ela é ameaçada pela importância dada à realidade endógena da concepção de sexualidade que emerge na sequência: "Teríamos, pois, a fantasia - no sentido de produção imaginária -, mas perderíamos a estrutura"¹⁴¹. Por outro lado, com a teoria da sedução, embora ficasse apagada a fantasia, a estrutura era mais palpável, porque a sedução era compartilhada por praticamente todos e fornecia o substrato de realidade.

É notável que a argumentação de Laplanche e Pontalis e de Monzani convergem, encontrando-se no seguinte propósito - o de desmistificar a lenda de que o abandono da teoria da sedução tenha sido, de maneira simplista, a via de acesso aos preceitos fundamentais da

139 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 46.

140 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 42.

141 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 42. Os autores entendem que a cena de sedução garantia, de alguma forma, isso que eles chamam de estrutura, na medida em que ultrapassava o evento e os atores envolvidos nele para assumir-se "como um dado quase-universal" (p. 43). A fantasia, em contrapartida, acaba sucumbindo à realidade endógena da sexualidade - ela se apresenta como produção imaginária no sentido de manifestar-se, pelo menos neste contexto, como uma expressão da realidade biológica da sexualidade tal como ela é formulada por Freud neste momento de sua teoria.

psicanálise, a saber, a fantasia, a sexualidade infantil e o complexo de Édipo, embora seja inquestionável que esses temas tenham adquirido espaço na obra freudiana a partir dessa reviravolta. Ambas as obras dos comentadores citados destrincham esse capítulo do discurso freudiano e explicitam que a emergência dos três conceitos citados se deu de forma mais embaraçosa do que aparenta e que houve desequilíbrios teóricos em decorrência de minimizar o papel da sedução e tornar a fantasia preponderante. Ainda que por meio de percursos que lhes são próprios e congruentes com a função desse tema dentro de cada texto - no caso dos autores franceses o objeto das fantasias originárias norteia o trabalho, ao passo que o filósofo brasileiro destaca a proposta de rever o movimento do pensamento de Freud para além da dicotomia ruptura/continuidade - tanto um quanto o outro questionam a visão, ao que parece, ingênua dos rumos e desdobramentos da teoria da sedução, e nessa medida podem dialogar e contribuir para a compreensão do pensamento de Freud.

Já sabemos, portanto, que as consequências do abandono da teoria da sedução foram mais espinhosas do que os historiadores da psicanálise costumam descrever. Após a exposição das elaborações teóricas da teoria da sedução em Freud e da investigação filosófica acerca dos destinos tomados por ela no discurso psicanalítico freudiano, gostaríamos de chamar a atenção para a importância que o tema da sedução apresenta no que diz respeito às explicações psicanalíticas acerca da constituição da sexualidade humana. Podemos considerar que o capítulo da história da psicanálise que versa sobre a teoria da sedução freudiana, junto ao exame atento das consequências teóricas desse evento, são relevantes para nossos objetivos na medida em que esclarecem algumas implicações na teoria da sexualidade, a saber, como Freud passou a falar de sexualidade infantil e porque ela foi caracterizada da forma como vemos na primeira edição dos *Três ensaios de teoria sexual* (1905), com destaque para sua concepção endógena.

Talvez estejamos autorizados a dizer, depois dessa incursão, que estamos um pouco mais preparados para abordar mais a fundo a própria sexualidade infantil e uma de suas características principais - o autoerotismo -, a fim de que possamos examinar o lugar que o narcisismo ocupa no desenvolvimento sexual e as razões que levaram Freud a circunscrevê-lo de tal maneira no contexto de sua teoria da libido. Assim, seguimos na trilha dos antecedentes que edificaram a construção do conceito de narcisismo tal como ele aparece no artigo de 1914.

CAPÍTULO 3. A SEXUALIDADE INFANTIL DO AUTOEROTISMO E O CAMINHO ATÉ O ENCONTRO DE OBJETO

Em nossa tarefa de restituir os passos da formulação do conceito de narcisismo até a publicação de *Introdução ao narcisismo*, o segundo passo consistirá em caracterizar a sexualidade infantil, depois de termos apresentado, no segundo capítulo, como este tema veio à tona na teoria freudiana e sob que condições cumpriu-se, a princípio, seu desenvolvimento. Para tanto, abordaremos principalmente os *Três ensaios de teoria sexual*, publicados em 1905. Com o objetivo de dar coerência à investigação da vida sexual da criança, contudo, começaremos pelo primeiro ensaio, que trata das perversões, com o intuito de demonstrar o trajeto percorrido por Freud para rever o conceito de sexualidade e desvinculá-lo do objeto e da meta considerados normais.

Depois, baseado nas construções teóricas do ensaio inaugural, analisaremos o segundo ensaio, em que o psicanalista caracteriza propriamente a sexualidade infantil, e dentro da concepção de sexualidade infantil descrita, destacaremos sobretudo o conceito de autoerotismo, além do apoio e das zonas erógenas, na medida em que são essenciais para a compreensão da atividade autoerótica e também pelo fato de apoiar a caracterização de um dos tipos de escolha de objeto, além da narcisista, conforme é descrito em 1914 e em concordância com o que foi apresentado no primeiro capítulo. Também passaremos por um dos debates que atravessa a questão do autoerotismo, sobre a pertinência ou não de se falar a respeito de anobjetividade em Freud, já que tal temática implica no problema da origem e dos destinos da libido até alcançar os objetos e, conseqüentemente, diz respeito ao narcisismo.

Por fim, chegaremos ao terceiro ensaio e à passagem da sexualidade infantil para a adulta, marcada pela primazia da zona genital e pela escolha de objeto. Buscaremos, sobretudo, entender como Freud explica, na trajetória da sexualidade, a transição da atividade autoerótica para o encontro objetal. Isto porque, se a princípio a explicação dos rumos da sexualidade infantil é marcada por determinações endógenas, como vimos no segundo capítulo, depois o conceito de narcisismo pode ser incluído no intervalo que conduz ao investimento libidinal dos objetos, na medida em que Freud recorrerá a ele em adições acrescentadas ao terceiro ensaio¹⁴², além do fato de que ele virá a assumir a posição

142 À semelhança apenas da famigerada *A interpretação dos sonhos*, os *Três ensaios...* consistem em uma obra reiteradamente revisada por Freud. Ela foi editada seis vezes, desde 1905 até 1925, com o acréscimo de inúmeras modificações, mais ou menos sutis, desde notas de rodapé, até parágrafos e seções inteiras.

intermediária quanto à transição do autoerotismo para o amor de objeto, em alguns textos publicados por Freud no período de 1911 a 1913 - assunto do nosso último capítulo. Este lugar ocupado pelo narcisismo no desenvolvimento sexual, por sua vez, converge com as relações específicas estabelecidas entre autoerotismo e narcisismo no artigo de 1914, conforme foram expostas na primeira parte do nosso trabalho.

3.1 O primeiro ensaio - as perversões sexuais e a sexualidade dissociada do objeto e da meta

Freud empenha esforços, nos *Três ensaios...*, para efetuar a ampliação e a extensão do conceito de sexualidade, como objeção não só à opinião popular, conforme o próprio autor indica, mas também às concepções construídas pela biologia e pela psiquiatria do século XIX, de acordo com o que acrescenta Monzani ao tratar dessa modificação no que se entende por sexual, introduzida pelo psicanalista¹⁴³. Logo nas primeiras linhas do ensaio que inaugura o texto, a pulsão sexual (*Sexualtrieb*) e a libido, pressupostas pela biologia a partir da constatação de necessidades sexuais no homem e no animal, são concebidas em analogia à pulsão de nutrição e à fome. Freud recupera a definição recorrente da pulsão sexual, com o propósito de questioná-la:

A opinião popular tem representações bem precisas acerca da natureza e das propriedades desta pulsão sexual. Estaria ausente na infância, adviria na época da puberdade e em conexão com o processo de maturação que sobrevém nela, se exteriorizaria nas manifestações de atração irrefreável que um sexo exerce sobre o outro, e sua meta seria a união sexual ou, ao menos, as ações que apontam nessa direção. Mas temos pleno fundamento para discernir nessas indicações um reflexo ou cópia muito infiel da realidade; e se as olharmos mais de perto, as vemos infestadas de erros, imprecisões e conclusões apressadas.¹⁴⁴

O argumento freudiano de partida é, portanto, que tais características da pulsão sexual não são condizentes com o que se observa na experiência, de onde se desenrola a proposta de Freud de examinar os desvios a respeito do objeto sexual - a pessoa que é alvo da atração sexual - e da meta sexual - a ação que a pulsão se esforça para alcançar. Eis o tema que ocupa uma extensa parte do primeiro ensaio, dedicado à investigação das perversões sexuais. Nos desvios quanto ao objeto sexual, Freud examina principalmente a inversão, que apesar das

Concordamos com Strachey quando ele afirma que, apesar das repetidas edições sofridas pelo texto freudiano, "o essencial já estava nele em 1905" (FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 113), porém nos esforçaremos por mostrar, principalmente, aquelas alterações que têm relação direta com as aquisições advindas de *Introdução ao narcisismo*, como mais um recurso para elucidar o conceito de narcisismo.

143 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 29.
144 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 123.

manifestações variadas tem em comum o traço da escolha de objeto ser alguém do mesmo sexo¹⁴⁵. Sua análise leva à revisão do enlace entre a pulsão e o objeto sexuais. A pulsão aparenta trazer com ela o objeto, mas os casos que fogem à normalidade explicitam que a ligação entre ambos é bem mais frouxa do que se supunha: "Provavelmente, a pulsão sexual é no começo independente de seu objeto, e tampouco deve sua gênese aos encantos deste."¹⁴⁶

O psicanalista critica, então, a perspectiva que concebe os desvios da pulsão sexual quanto ao objeto como aberrações e os associa à insanidade, já que para o autor essas perturbações podem ser encontradas na normalidade, com a diferença de que, entre os considerados insanos, essas práticas são muito mais frequentes ou até mesmo exclusivas, tomando o lugar da satisfação sexual normal. No debate sobre saúde e patologia que atravessa essa investigação da sexualidade, Freud assume a posição de que as moções da vida sexual, ainda que entre os indivíduos normais, "contam-se entre as menos dominadas pelas atividades superiores da alma"¹⁴⁷.

Sobre os desvios relacionados à meta sexual, comumente concebida como a união dos genitais no coito que resulta na extinção temporária da pulsão sexual, Freud revela que "já no ato sexual mais normal se anunciam os esboços daquilo que, se se desenrola plenamente, leva às aberrações que foram caracterizadas como *perversões*."¹⁴⁸ O autor divide os desvios quanto à meta sexual entre as transgressões anatômicas, relacionadas às regiões do corpo que estariam envolvidas na união sexual, e as demoras nas metas sexuais preliminares, aquelas práticas intermediárias de relação com o objeto sexual que, no ato sexual considerado normal, apesar de propiciarem prazer por si mesmas, serviriam apenas como caminho até o coito.

Freud considera que há, na normalidade, uma superestimação do objeto sexual que contribui para ampliar as atividades sexuais ligadas a outras partes do corpo, que não os genitais. Contudo, nas transgressões anatômicas, é ultrapassada tal valorização do objeto sexual, na medida em que regiões como a boca e o ânus, que também aparecem nas práticas sexuais regulares, passam a reivindicar o mesmo papel que o dos genitais. No caso particular do fetichismo, por exemplo, o objeto sexual normal é substituído por outro que mantém certa relação com ele, como o pé, o cabelo ou peças de roupas de uma determinada pessoa, através dos quais é inviável o alcance da meta sexual, a qual, por sua vez, é abandonada. O caráter

145 Daremos um tratamento mais amplo ao problema da inversão no capítulo 4, que discutirá narcisismo e homossexualidade através da análise das origens do primeiro conceito nesse contexto.

146 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 134.

147 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 135.

148 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 136 (grifo do autor).

patológico está associado à substituição da meta sexual normal pelo fetiche, e pode chegar à afirmação deste como objeto por si mesmo, sem relação com a figura de uma pessoa. Entretanto, mesmo nesse quadro, há um vínculo com a normalidade, pois a superestimação do objeto sexual, presente nas práticas sexuais normais, parece ser uma condição para a determinação do fetiche, dado que ela provoca o aumento do interesse sobre tudo que diz respeito àquele objeto.

Entre as práticas sexuais preliminares, por sua vez, Freud dispõe o tocar e o olhar, que parecem ser indispensáveis para que se chegue até o ato sexual. O prazer de ver só adquire o estatuto de perversão, para o autor, quando obedece às condições de se dirigir exclusivamente aos genitais; de superação dos sentimentos de asco, tal como ocorre na observação de outra pessoa em atividades de evacuação ou micção; e de suplantação da meta sexual normal, ao invés de conduzir até ela. O prazer de ver se apresenta sob o desejo de ver e ser visto, que mostra que "a meta sexual se apresenta em dupla configuração, na forma *ativa e passiva*"¹⁴⁹, tal como um par de opostos, da mesma forma que ocorre com o sadismo e o masoquismo. Em certo grau, comportar-se ativamente em relação ao objeto sexual, com componentes de agressividade, bem como se comportar passivamente mediante o mesmo, são práticas que fazem parte da vida sexual normal, mesmo que sejam sádicas e masoquistas, respectivamente. Contudo, são perversas quando alcançar a satisfação sexual se dá, exclusivamente, através da crueldade para com o objeto sexual ou por meio do sofrimento, seja físico ou psíquico, empreendido por ele.

A investigação atenta de tais desvios, portanto, conduz à percepção de que eles também se apresentam na vida sexual normal, o que impulsiona Freud a revisar o caráter patológico das perversões por sua aproximação com a normalidade. Atribuir a qualidade de patologia depende da proporção na qual a perversão se apresenta e não de seu conteúdo propriamente dito, de forma que tal caracterização é guiada pelos traços de exclusividade e fixação da perversão - é patológica na medida em que toma o lugar das práticas sexuais consideradas normais, em todas as circunstâncias.

Freud também postula dois resultados derivados do estudo das perversões. O primeiro diz respeito à constatação de que a pulsão sexual parece travar uma luta contra determinados poderes anímicos que lhe impõem resistência, entre os quais se destacam a vergonha e o asco. Tudo indica que eles surgem em um período precoce do desenvolvimento e acabam por ditar

149 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 143 (grifos do autor).

os rumos da pulsão sexual, pois colaboram para circunscrevê-la dentro dos limites do que se considera normal.¹⁵⁰ O segundo resultado, por sua vez, consiste no reconhecimento da natureza composta das pulsões, deduzida pelo fato de que elas podem sofrer uma decomposição. Freud se autoriza a dizer, então, que a pulsão sexual não é simples, mas sim "consta de componentes que nas perversões voltam a se separar."¹⁵¹ Anuncia-se aqui a ideia que se expressará através do termo *pulsão parcial* (*Partialtrieb*), o qual será inaugurado publicamente por Freud algumas páginas adiante, ainda no primeiro ensaio da teoria sexual.

O contexto em que essa expressão é utilizada diz respeito à investigação de Freud sobre a pulsão sexual nos neuróticos. O autor pressupõe que as psiconeuroses "descansam em forças pulsionais de caráter sexual"¹⁵², e já que a energia sexual é a única e mais importante fonte de sustentação dos sintomas, a análise dos psiconeuróticos tem muito a contribuir para os conhecimentos da pulsão sexual em geral. Conforme esclarece uma nota de rodapé de Freud, acrescentada em 1920, os sintomas neuróticos resultam do conflito entre as exigências das pulsões sexuais e a reação do eu contra elas, através da mobilização da repressão. Essa conjuntura leva o autor à seguinte afirmação: "A pulsão sexual dos psiconeuróticos permite discernir todas as aberrações que anteriormente estudamos como variações a respeito da vida sexual normal e como manifestações da patológica"¹⁵³. Entre as evidências que comprovam esta tese, como a inclinação à inversão ou às práticas sexuais de transgressão anatômica presentes na vida inconsciente dos psiconeuróticos, estão as *pulsões parciais* - primeiro uso do termo - e seu papel na gênese dos sintomas neuróticos. Freud destaca que essas pulsões parciais se apresentam, na maior parte das vezes, em pares de opostos - como a pulsão do prazer de ver e de exibição ou a pulsão de crueldade na forma ativa ou passiva, sádica ou masoquista -, os quais exercem efeitos em promover novas metas sexuais e levar aos sintomas.

Entretanto, há um tópico seguinte a esta discussão, intitulado *Pulsões parciais e zonas erógenas*, que amplia o esclarecimento do que se entende por parcialidade das pulsões, através do conceito de zona erógena, o qual, por sua vez, também tem sua primeira aparição

150 Aqui já há indícios de que, pelo menos na primeira edição de 1905, Freud concebia uma sexualidade cujo desenvolvimento era determinado organicamente. A ideia dos poderes anímicos que surgem precocemente e ditam os destinos da pulsão sexual, para conservá-la dentro das fronteiras do que se julga normal, sugere isso. Essa concepção fica mais clara no trecho do segundo ensaio em que Freud fala dos rumos da sexualidade infantil, que já foi citado no capítulo dois e será retomado neste capítulo. É justamente a discussão trazida naquele capítulo, sobre os efeitos da renúncia à teoria da sedução no que diz respeito à valorização dos fatores endógenos, que se reflete na concepção de sexualidade defendida nesses momentos do texto que indicamos.

151 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 148.

152 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 148.

153 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 151.

pública na obra de Freud justamente nessa seção do primeiro ensaio. O autor começa por relembrar o leitor de que foi a investigação das perversões que possibilitou a identificação de pulsões parciais, já que nos perversos elas estão decompostas. A parte que se segue foi acrescentada na edição de 1915, mesmo ano de publicação do artigo metapsicológico sobre as pulsões, e nela Freud define a pulsão como "agência representante {*Repräsentanz*} psíquica de uma fonte de estímulos intrassomática em contínuo fluir"¹⁵⁴, em oposição aos estímulos externos, provenientes de fora. Tal concepção conduz à noção freudiana da pulsão como conceito de fronteira entre o psíquico ou anímico e o somático ou corporal, uma vez que Freud atribui à natureza da pulsão que ela seja "uma medida de exigência de trabalho para a vida anímica."¹⁵⁵ Também é estabelecida a distinção entre fonte e meta da pulsão; a primeira diz respeito às excitações que acontecem dentro de um órgão e a segunda, ao cancelamento dessa produção de estímulos no interior dele.

O trecho subsequente, ainda na mesma seção, mas que já estava presente desde a edição de 1905 dos *Três ensaios...*, merece destaque por definir a zona erógena e, além disso, fazê-lo em relação à pulsão parcial. Freud nos diz:

Outra hipótese provisória na doutrina das pulsões, que não podemos omitir aqui, diz o seguinte: os órgãos do corpo brindam excitações de duas classes, baseadas em diferenças de natureza química. A uma destas classes de excitação designamos como a especificamente sexual, e ao órgão afetado, como a "*zona erógena*" da pulsão parcial sexual que parte dele.¹⁵⁶

Então, em congruência com os pressupostos anteriores, vemos que a fonte da pulsão sexual equivale às excitações provenientes de um órgão e este é designado pelo nome de zona erógena. Contudo, o que esta citação parece mostrar é que os órgãos concebidos como zonas erógenas são fontes de pulsões *parciais* sexuais. No caso das perversões, as zonas erógenas reivindicariam o mesmo papel que, normalmente, pertence aos genitais; por isso o caráter perverso estaria essencialmente ligado a uma suplantação da prática sexual considerada normal.

Queremos, enfim, destacar que a investigação das perversões no primeiro dos *Três ensaios...* possibilitou algumas conclusões indispensáveis para o prosseguimento dos ensaios sobre a sexualidade:

Reconhecemos então que as inclinações perversas estão muito difundidas, e dado esse fato, impõe-se este ponto de vista: a disposição às perversões é a disposição originária e universal da pulsão sexual dos seres humanos, e a partir dela, em

154 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 153.

155 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 153.

156 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 153 (grifo do autor).

consequência de alterações orgânicas e inibições psíquicas, se desenvolve no curso da maturação a conduta sexual normal.¹⁵⁷

A próxima questão imposta a Freud consiste em compreender mais sobre esse formato originário da pulsão sexual e sua constituição, e a hipótese que guia o psicanalista nesse exame é a de que é preciso considerar a vida sexual na infância. O autor encerra o primeiro ensaio da seguinte forma: "Desse modo, nosso interesse se dirige à vida sexual da criança; estudaremos o jogo de influências em virtude do qual o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil desemboca na perversão, na neurose, ou na vida sexual normal."¹⁵⁸ Está, pois, aberto o trajeto a ser percorrido no segundo ensaio, cujo tema é a sexualidade infantil.

Concordamos com Monzani, se levarmos em conta o que foi esboçado sobre a primeira parte dos *Três ensaios...*, quando ele afirma que o ensaio inaugural sobre as aberrações sexuais "situa-se num plano essencialmente polêmico"¹⁵⁹ e que se trata de uma desmontagem, para usar o mesmo termo que o filósofo, do conceito de sexualidade hegemônico no período:

O que fica muito claro, entre outras coisas (já que não é esse o nosso objetivo), no fim dessa polêmica onde tudo é posto abaixo, é que a sexualidade não é algo dado, pronto e acabado que o sujeito humano traz desde o início e que o *habitará*, latente, até que, na época apropriada (a puberdade), irrompa com suas características marcantes. Não, a sexualidade não é algo que, adormecido, *habita* nossas entranhas esperando o momento oportuno para se manifestar. Ao contrário, em vez de ser algo pronto, ela é o resultado de uma *síntese*, de uma *composição* onde diferentes pulsões (parciais, fragmentadas), diversas zonas, serão progressivamente ativadas e lentamente se integrarão para dar essa forma final que conhecemos.¹⁶⁰

3.2 O segundo ensaio - a sexualidade infantil e tudo que ela carrega

Desvincular a pulsão sexual do objeto e da meta reprodutiva integra o esforço de Freud para ampliar e estender o conceito de sexualidade, a fim de que seja preparado o terreno que fornecerá as bases para a investigação da vida sexual infantil. Convém reproduzir o parágrafo cujo tema é o descuido do infantil, que inicia o segundo ensaio da teoria da sexualidade:

Forma parte da opinião popular acerca da pulsão sexual a afirmação de que ela falta na infância e só desperta no período da vida chamado puberdade. Não é este um erro qualquer: tem graves consequências, pois é o principal culpado de nossa presente ignorância acerca das bases da vida sexual. Um estudo a fundo das manifestações sexuais da infância nos revelaria provavelmente os traços essenciais da pulsão

157 FREUD, S. *Três ensaios de teoria sexual*. AE, vol. 7, p. 211.

158 FREUD, S. *Três ensaios de teoria sexual*. AE, vol. 7, p. 156.

159 MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 28.

160 MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 30 (grifos do autor).

sexual, deixaria transparecer seu desenvolvimento e mostraria que está composta por diversas fontes.¹⁶¹

Freud considera lamentável a negação da sexualidade infantil e indica como uma das razões principais envolvidas nessa negligência a amnésia que cobre os primeiros anos da infância, a qual ele compara à amnésia histérica, ambas produtos de processos repressivos. O autor também pontua sobre as manifestações sexuais infantis que "não poucas vezes exteriorizações dessa índole observadas na criança se descreveram como exceções à regra."¹⁶² Apesar de serem frequentes, essas manifestações eram consideradas como atípicas, ao passo que Freud pretende afirmar justamente o contrário - que a criança traz "germes de moções sexuais"¹⁶³ desde que vem ao mundo.¹⁶⁴

Após introduzir o segundo ensaio com o reconhecimento do caráter universal da sexualidade infantil, Freud começa por explorar um de seus aspectos, a saber, o período de latência. A sexualidade se manifesta na infância, porém depois de algum tempo sofre uma sufocação total ou parcial, durante a qual são edificadas as inibições ao livre curso da pulsão sexual, barreiras como o asco, o sentimento de vergonha e os ideais estéticos e morais. Freud deixa claro, neste trecho, que esses rumos da sexualidade são ditados pela disposição hereditária, fixados por condições orgânicas, embora a educação possa contribuir para tal modelação da pulsão sexual. É justamente essa concepção da sexualidade determinada do ponto de vista endógeno que foi problematizada na ocasião em que abordamos as questões envolvidas no abandono da teoria da sedução, no capítulo anterior. Convém repetir este fragmento, citado naquela ocasião, para lembrar e reforçar uma das formas pelas quais Freud explicava os destinos da sexualidade infantil, sem considerar os acréscimos posteriores ao texto dos *Três ensaios...*:

161 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 157.

162 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 212.

163 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 160.

164 Aqui parece pertinente a menção à Simanke e sua investigação sobre o contexto histórico que atravessava a teorização freudiana da sexualidade, cujo objetivo consiste em desmistificar a lenda psicanalítica da descoberta da sexualidade infantil por Freud. Simanke procura situar o lugar de Freud em um histórico de discussão e investigação sobre a sexualidade. O que o autor se empenha em mostrar é que o psicanalista não descobriu a sexualidade infantil, o que significa que não foi o primeiro a conceber que há atividade sexual na infância; chegou a ser um participante tardio nesse debate, já que a própria teoria da sedução exigiu uma negação da vida sexual infantil para que existisse o período pré-sexual da cena de sedução passiva, a ser rememorada após a irrupção da sexualidade na puberdade. Já no século XIX, segundo Simanke, o problema não se concentrava na existência ou não da sexualidade infantil; no geral, ela era admitida, porém questionava-se qual seria sua natureza, normal ou patológica, com Freud pertencendo, evidentemente, à primeira corrente, e qual seria sua relação com a sexualidade adulta (SIMANKE, R. T. Freud e a sexualidade infantil antes de Freud. In: BIRMAN, J. et al (org.) **Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea**. São Paulo: Zagodoni, 2016, p. 43-63).

Durante este período de latência total ou meramente parcial se edificam os poderes anímicos que mais tarde se apresentarão como inibições no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso tal como diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências ideais no estético e no moral). Na criança civilizada tem-se a impressão de que o estabelecimento desses diques é obra da educação, e sem dúvida alguma ela contribui em muito. Mas na realidade este desenvolvimento é de condicionamento orgânico, fixado hereditariamente (*hereditär fixierte*), e ocasionalmente pode produzir-se sem nenhuma ajuda da educação. Esta última se atém por inteiro à esfera de competência que lhe foi designada quando se limita a seguir o que foi fixado organicamente, imprimindo-lhe um cunho mais ordenado e profundo¹⁶⁵.

Para retomar brevemente essa discussão, recordemos que a partir do momento em que a realidade da cena de sedução foi colocada em dúvida e esta passou a ser considerada como produto da fantasia, Freud volta a recorrer à constituição em sua explicação etiológica das neuroses. Perde-se o substrato de realidade que era fornecido pela cena de sedução, ao mesmo tempo em que os fatores internos voltam a ter importância. Dentro desse movimento de valorização da disposição hereditária, inclui-se tal concepção de sexualidade presente na primeira edição dos *Três ensaios...* - aquela determinada do ponto de vista endógeno. Conceber o desenvolvimento da sexualidade de tal forma nos *Três ensaios...* foi uma exigência interna do pensamento freudiano, consequência teórica da desvalorização dos fatores externos, decorrente do questionamento da realidade efetiva da cena de sedução. Já estamos aptos, portanto, a realizar uma leitura mais avisada que nos será de grande valor ao passarmos para o terceiro ensaio, que trata da passagem da sexualidade infantil para a sexualidade adulta, e aos respectivos acréscimos nele incluídos que fornecem outras explicações possíveis para esta transição, com destaque para aqueles relacionados ao conceito de narcisismo.

De volta ao segundo ensaio, para descrever as exteriorizações sexuais infantis, Freud toma como modelo o ato de sugar da criança, ou o "sugar sensual"¹⁶⁶ (*Ludeln* ou *Lutschen*). O autor considera que as características essenciais e universais das atividades sexuais da criança possam ser elucidadas através dessa prática:

165 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 161.

166 Termo utilizado por Monzani. O autor utiliza estas duas expressões de modo equivalente: "ato de sugar o dedo ou sugar sensual" para se referir a *Ludeln* ou *Lutschen* (MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 30). Daqui para frente, optaremos pela expressão "sugar sensual" quando estivermos tratando desse conceito em Freud, pois ela traz consigo o componente erótico dessa ação, o qual queremos destacar. O tradutor James Strachey optou por *sensual sucking*, que implica no aspecto sexual, em contraste com *nutritive sucking*, que se relaciona à procura de alimento, e o tradutor da edição argentina, largamente utilizada no presente trabalho, escolheu *chupeteo*, embora também tenha indicado a importância do caráter erótico dessa atividade (FREUD, S. **Conferências de introdução à psicanálise**. AE, vol. 16, p. 286). Nas citações diretas, referentes à Amorrortu Editores, traduziremos o *chupeteo* ou *chupetear* por "ato de sugar" ou apenas "sugar", respectivamente.

O sugar, que aparece já no lactente e pode conservar-se até a maturidade ou persistir toda a vida, consiste em um contato de sucção com a boca (os lábios), repetido ritmicamente, que não tem por fim a nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua, um lugar da pele que esteja ao alcance - mesmo o dedo gordo do pé -, são tomados como objeto sobre o qual se executa a ação de mamar. [...] A ação de mamar com fruição (*Wohnesaugen*) cativa por inteiro a atenção e leva ao adormecimento ou inclusive a uma reação motriz do tipo do orgasmo.¹⁶⁷

Seguindo a proposta de considerar o "sugar sensual" a fundo, chegamos a um dos conceitos principais que compõe este capítulo, já mencionado inúmeras vezes, justamente por estabelecer relações tão próximas com o narcisismo. É a partir da atividade do sugar que Freud define o autoerotismo, chamando a atenção para o fato de que nesta prática sexual a pulsão se satisfaz no próprio corpo, não é dirigida a outra pessoa, e por isso é autoerótica. Esse termo é forjado de Havelock Ellis, porém é utilizado de forma diferente em comparação com o autor que o cunhou, já que Freud atribui ao autoerotismo um sentido específico, relativo ao vínculo com o objeto.¹⁶⁸

O autoerotismo já havia sido mencionado por Freud, pela primeira vez, na carta 125 a Fliess, de dezembro de 1899, dedicada ao problema da escolha da neurose e sua aproximação à teoria sexual. Nessa ocasião, situa o autoerotismo como estrato inferior entre os estratos do sexual, "que renuncia a uma meta psicosexual e só reclama a sensação localmente satisfatória"¹⁶⁹. O autoerotismo é revelado pelo aloerotismo, termo utilizado em oposição ao primeiro e que designa a atividade sexual que encontra sua satisfação por meio de um objeto externo¹⁷⁰, mas persiste como uma corrente particular, segundo Freud. Na carta ele considera a paranoia como um retrocesso à corrente autoerótica, noção que se modificará em publicações futuras que irão comparar os pontos de fixação da paranoia e da demência precoce, como o caso Schreber de 1911, a ser abordado no capítulo final, e já indica que o autoerotismo firma vínculos muito particulares com o eu originário.

No segundo dos *Três ensaios...* e em conexão com o autoerotismo, Freud introduz ainda a ideia de apoio (*Anlehnung*¹⁷¹) a partir do protótipo da atividade de sugar da criança e estabelece uma relação primordial entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais:

167 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 163.

168 Cf. FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 164, nota 15, na qual Freud explica a diferença entre sua definição e a de Havelock Elis do termo autoerótico, cunhado pelo último.

169 FREUD, S. **Carta 125**. AE, vol 1, p. 322.

170 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970, p. 43.

171 "Em alemão, o verbo *sich anlehnen an* (apoiar-se em) pode ter dois significados: 1) 'encostar-se', 'apoiar-se', usado em sentido concreto, indicando gesto físico; ou 2) 'tomar como modelo', 'imitar', sendo empregado em sentido mais figurado. Em ambos os sentidos remete ao aproveitamento de um suporte anterior" (HANNIS, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 214).

É claro, além disso, que a ação da criança que suga se rege pela busca de um prazer - já vivenciado e agora recordado -. Assim, no caso mais simples, a satisfação se obtém mamando ritmicamente um setor da pele ou de mucosa. É fácil deduzir também as ocasiões que brindaram à criança as primeiras experiências desse prazer que agora aspira a renovar. Sua primeira atividade, a mais importante para sua vida, o mamar do peito materno [...], não pode menos que familiarizá-la com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança se comportaram como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo quente de leite foi a causa da sensação prazerosa. No começo, está claro, a satisfação da zona erógena se associou com a satisfação da necessidade de alimentar-se. A atividade sexual se apoia {*anhlenen*} primeiro em uma das funções que servem à conservação da vida, e só mais tarde se torna independente dela. Quem vê uma criança saciada adormecer no peito materno, com suas bochechas rosadas e um sorriso beatífico, não poderá menos que dizer que este quadro segue sendo decisivo também para a expressão da satisfação sexual na vida posterior. A necessidade de repetir a satisfação sexual se divorcia então da necessidade de buscar alimento [...]. A criança não se serve de um objeto alheio para mamar; prefere uma parte de sua própria pele porque resulta a ela mais cômodo, porque assim se torna independente do mundo exterior ao qual não pode ainda dominar, e porque dessa maneira se procura, por assim dizer, uma segunda zona erógena, se bem de menor valor. O menor valor deste segundo lugar a levará mais tarde a buscar em outra pessoa a parte correspondente, os lábios. (Poderíamos imaginá-la dizendo: "Lástima que não possa beijar a mim mesma").¹⁷²

Portanto, o "sugar sensual" consiste, para Freud, na busca pela repetição de um prazer que já foi vivenciado pela criança através da experiência primária e vital de mamar no seio da mãe, de modo que a satisfação da necessidade de alimento serve de apoio para o desenvolvimento da sexualidade¹⁷³. Inicialmente, então, a satisfação da zona erógena, considerando que os lábios da criança se comportam como tal, associa-se à satisfação da necessidade biológica de nutrição. Freud fala de estímulos sexuais gerados como "produto secundário"¹⁷⁴ (*Nebenprodukt*), o que remete à expressão *Neberwirkung*, a qual Monzani traduz por "efeito marginal"¹⁷⁵, para se referir à excitação sexual gerada a partir da satisfação das necessidades vitais; excitação esta que, aos poucos, torna-se independente das funções orgânicas e passa a se comportar de forma autoerótica.¹⁷⁶

172 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 164-165 (grifo do autor).

173 É interessante observar que, em relação ao fragmento retirado do texto de Freud, o enunciado "A atividade sexual se apoia {*anhlenen*} primeiro em uma das funções que servem à conservação da vida, e só mais tarde se torna independente dela" foi adicionado apenas na edição de 1915 dos *Três ensaios*.... A noção de apoio, quando lemos o trecho em sua totalidade, já estava presente desde 1905, porém a utilização do termo e sua definição precisa são posteriores. Em nota adjacente àquela frase, Strachey, além de indicar o ano de seu acréscimo, propõe ao leitor que visite o artigo *Introdução ao narcisismo*, justamente nas páginas que remetem aos dois tipos de escolha de objeto estabelecidos por Freud - o tipo narcisista e o tipo do apoio. Como já foi explicitado em nosso capítulo inaugural, o psicanalista considera que é possível escolher os objetos de amor tomando a si mesmo como modelo, segundo o tipo narcisista, ou a mãe que alimenta, cuida e protege, segundo o tipo do apoio. Podemos inferir que a ideia de apoio, presente nos ensaios sobre a sexualidade desde 1905, mas definida precisamente apenas em 1915, adquire tal formato a partir das formulações sobre os dois tipos de escolha de objeto, referentes ao artigo sobre o narcisismo de 1914.

174 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 213.

175 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 30.

176 Vimos que Freud chamou a atenção, ainda em referência ao trecho citado dos *Três ensaios*... no parágrafo

Assim, Freud chega a três características fundamentais da vida sexual da criança: "Esta nasce *apoiando-se* em uma das funções corporais importantes para a vida; ainda não conhece um objeto sexual, pois é *autoerótica*, e sua meta sexual se encontra sob o império de uma *zona erógena*."¹⁷⁷ Já falamos um pouco sobre essas três qualidades, sobretudo a respeito do apoio e do autoerotismo. Quanto à zona erógena, ainda no primeiro ensaio indicamos o momento em que Freud introduziu o conceito e a definiu como o órgão do qual parte a pulsão parcial sexual. Entretanto, há mais a dizer sobre ela. Freud extrai mais características da zona erógena a partir do protótipo do "sugar sensual": "É um setor de pele ou de mucosa em que estimulações de certa classe provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade."¹⁷⁸ O autor, por ora, diz-se incapaz de definir que tipo de estímulos são estes e quais as características do prazer proporcionado por eles, mas assegura que o "caráter rítmico", para usar o termo freudiano, tem uma contribuição relevante.

Outro ponto importante é que, apesar de admitir a existência de zonas erógenas predestinadas por sua ligação com funções orgânicas, Freud afirma "que qualquer outro setor de pele ou de mucosa pode prestar os serviços de uma zona erógena"¹⁷⁹, tanto que, em nota de rodapé acrescentada a esta discussão em 1915, é declarada "a propriedade da erogeneidade a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos."¹⁸⁰ É por casualidade que a criança esbarra em uma zona erógena predestinada, como os genitais, e a partir daí, esta passa a ser preferida quando comparada com as outras.

Quando Freud diz, então, que a meta sexual infantil se submete a uma zona erógena, quer dizer que a satisfação é alcançada por meio da estimulação apropriada de *qualquer*

acima, para a independência em relação ao mundo exterior, sobre o qual a criança não tem domínio, que é criada por ela quando o objeto externo é dispensado e são utilizadas regiões da sua própria pele para alcançar a satisfação. Esse traço também é abordado nas *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911), obra em que o psicanalista trata das consequências psíquicas da adaptação ao princípio de realidade, sendo uma delas o atraso das pulsões sexuais quanto à submissão a esse princípio regulador, em comparação com as pulsões do eu: "As pulsões sexuais se comportam primeiro de forma autoerótica, encontram sua satisfação no próprio corpo; daí que não cheguem à situação da frustração, essa que obrigou a instituir o princípio de realidade. E quando mais tarde começa nelas o processo de encontro de objeto (*Objektfindung*), este processo experimenta logo uma prolongada interrupção por obra do período de latência, que posterga até a puberdade o desenvolvimento sexual." (FREUD, S. AE, vol. 12, p. 227). Ambas as características - autoerotismo e latência - explicam porque a sexualidade permanece por mais tempo sob o império do princípio de prazer, e vão explicar ainda porque se estabelece uma ligação mais forte entre pulsão sexual e fantasia, e pulsões do eu e atividades da consciência.

177 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 165-166 (grifos do autor). Antes eram apenas duas as marcas da vida sexual infantil, pois o traço do apoio foi adicionado por Freud somente em 1915, possivelmente também levando em conta as formulações sobre as escolhas de objeto do artigo sobre o narcisismo de 1914, que deram um contorno mais preciso ao conceito de apoio.

178 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 166.

179 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 166.

180 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, nota 19, p. 167.

região do corpo que esteja funcionando tal como uma zona erógena. Interessa-nos destacar essa condição colocada pelo psicanalista: "Para que se crie uma necessidade de repeti-la, esta satisfação tem que haver sido vivenciada antes; e é lícito pensar que a natureza haverá tomado seguras medidas para que essa vivência não fique livre ao acaso."¹⁸¹ O apoio é evocado aqui, novamente, e, mais uma vez, ilustrado pela relação da zona erógena dos lábios com as necessidades vitais de nutrição, porém é acrescentada a ideia de que dispositivos semelhantes a este deverão ser encontrados em outras zonas erógenas.

A título de síntese do que nos interessa mais no segundo ensaio e, conseqüentemente, na caracterização da sexualidade infantil, recorreremos à letra do próprio Freud, presente na seção que versa sobre as fases do desenvolvimento da organização sexual, datada de 1915: "Até agora destacamos as seguintes características da sexualidade infantil: é essencialmente autoerótica (seu objeto se encontra no próprio corpo) e suas pulsões parciais singulares aspiram a conseguir prazer cada uma por sua conta, inteiramente desconectadas entre si."¹⁸² Aqui, além de destacar o autoerotismo, Freud retoma o aspecto da parcialidade das pulsões e seu modo de satisfação, que já haviam sido indicados pelo estudo das perversões no primeiro ensaio. Para reforçar essa marca da vida sexual da criança, cabe recorrer a um termo cuja primeira aparição remete ao artigo metapsicológico de 1915, *Pulsões e destinos de pulsão*. Trata-se da concepção de *prazer de órgão* (*Organlust*); Freud, ao propor uma caracterização das pulsões sexuais nesta obra, nos diz:

São numerosas, brotam de múltiplas fontes orgânicas, no começo atuam com independência umas das outras e só depois se reúnem em uma síntese mais ou menos acabada. A meta a que aspira cada uma delas é o alcance do *prazer de órgão*; só depois de haver alcançado uma síntese consumada entram a serviço da *função de reprodução*, em cujo caráter se as conhece comumente como pulsões sexuais. Em sua primeira aparição se apoiam nas pulsões de autoconservação, das quais só pouco a pouco se desfazem; também no encontro de objeto (*Objektfindung*) seguem os caminhos que lhes indicam as pulsões do eu.¹⁸³

Como podemos ver, embora aí seja recordada a ideia de apoio e já sejam adiantados preceitos que são postos no último dos *Três ensaios...*, que será trabalhado adiante, o que nos interessa mais é que esse quadro da pulsão sexual fornecido por Freud expressa o aspecto fragmentado ou esfacelado que qualifica o funcionamento da sexualidade em seus primórdios. A sexualidade infantil é assinalada pela satisfação autoerótica, que só é alcançada por meio do ganho de um prazer de órgão. E se lembrarmos, novamente, do primeiro ensaio sobre as

181 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 167.

182 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 179.

183 FREUD, S. **Pulsões e destinos de pulsão**. AE, vol. 14, p. 121 (grifos do autor).

perversões, Freud está falando sobre as zonas erógenas, enquanto órgãos que são fontes de estímulos sexuais para a pulsão que, por sua vez, tem como meta o cancelamento da produção de excitação no próprio órgão. Segundo Laplanche e Pontalis, o prazer de órgão é o tipo de prazer "que caracteriza a satisfação autoerótica das pulsões parciais: a excitação de uma zona erógena acha seu apaziguamento no próprio lugar em que se produz, independentemente da satisfação das outras zonas e sem relação direta com a realização de uma função"¹⁸⁴.

As elaborações teóricas explanadas por Freud até aqui legitimam a caracterização da sexualidade infantil a partir dos distintivos *perversa* e *polimorfa*. Ela apresenta essa disposição originária na medida em que não se define pelo objeto, o qual não está associado à pulsão sexual em sua origem e consiste no próprio corpo pela qualidade autoerótica da vida sexual infantil, o que leva Freud a dizer, em um dos artigos metapsicológicos de 1915, que o objeto é o que há de mais variável na pulsão¹⁸⁵; tem como meta a satisfação que, no entanto, pode ser alcançada pelos mais diversos caminhos; tem como fonte as zonas erógenas, as quais se encontram dispersas, em última instância, por todas e quaisquer partes do corpo, de onde irrompem pulsões parciais que se satisfazem cada uma por sua conta, através do cancelamento da excitação produzida no interior das próprias zonas erógenas. Em resumo, perversa por não se vincular estritamente a nenhum objeto, por alcançar a satisfação das maneiras mais variáveis possíveis e por ser composta por pulsões parciais absolutamente dissociadas; polimorfa por estar difundida nas inesgotáveis possibilidades de erogeneidade do corpo, podendo assumir múltiplas formas.

O primeiro e o segundo ensaios, portanto, situam-se no mesmo registro na medida em que desmontam o conceito de sexualidade vigente, seja pelo estudo das perversões e sua aproximação à normalidade, seja pela abordagem da sexualidade infantil, conforme esclarece Monzani:

A sexualidade infantil é esse estado livre e selvagem onde as mais diferentes pulsões, as diferentes zonas erógenas ativam-se e desenvolvem-se, num primeiro instante absolutamente independentes umas das outras. Verdadeiras ilhas de prazer, essas diferentes pulsões, alojando-se em certas zonas, trazem para a criança um fluxo constante de prazer. Quando se pensa na sexualidade tal qual pensava a psiquiatria clássica, não se pode deixar de ficar espantado. O mérito de Freud não foi somente o de falar de uma sexualidade infantil, o de ter realizado um *recuo temporal* (mostrando que a sexualidade já estava presente antes do que se pensava). De fato, esse recuo foi acompanhado de uma espécie de "estilhaçamento" da sexualidade. Desvinculando sexualidade, por um lado, de genitalidade e, por outro, de um modelo comportamental pré-formado (instinto), Freud operou uma reconstrução absolutamente inédita na semântica da sexualidade. A *significação* do termo sexual

184 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970, p. 446.

185 FREUD, S. **Pulsões e destinos de pulsão**. AE, vol. 14, p. 118.

não só se alarga mas, definitivamente, ultrapassa o conceito clássico. E é observando sua polimorfia perversa na criança que podemos começar a formar uma ideia de sua natureza e do seu modo de funcionamento. Ela é um conjunto disperso, autônomo, de atividades sem ordem nem organização. Cada uma delas segue seu próprio destino e não tem nada a ver com sua vizinha.¹⁸⁶

3.3 O terceiro ensaio - do autoerotismo ao encontro de objeto

Freud nos diz, ainda no segundo ensaio, naquela seção adicionada em 1915 sobre as fases de desenvolvimento da organização sexual, que o lugar de chegada do desenvolvimento da sexualidade é a vida sexual normal do adulto: "nela, a obtenção de prazer pôs-se a serviço da função de reprodução, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formaram uma organização sólida para o alcance da meta sexual em um objeto alheio."¹⁸⁷ É informada a tarefa à qual Freud se dedicará no terceiro ensaio da teoria sexual, que tratará das metamorfoses advindas com a chegada da puberdade, intervalo que marca a passagem da sexualidade infantil para a adulta:

Com o advento da puberdade, se introduzem as mudanças que levam a vida sexual infantil à sua conformação normal definitiva. A pulsão sexual era até então predominantemente autoerótica; agora acha o objeto sexual. Até esse momento atuava partindo de pulsões e zonas erógenas singulares que, independentemente umas das outras, buscavam um certo prazer em qualidade de única meta sexual. Agora é dada uma nova meta sexual; para alcançá-la, todas as pulsões parciais cooperam, ao mesmo tempo em que as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital.¹⁸⁸

Do polimorfismo ao primado da genitalidade; do autoerotismo à objetividade. Não adentraremos, por ora, nas explicações de Freud para dar conta da submissão das pulsões parciais, espalhadas nas múltiplas zonas erógenas e se satisfazendo cada uma por sua conta, à hegemonia da zona genital e à meta sexual reprodutiva.¹⁸⁹ Concentraremos nossa atenção aqui, devido ao nosso propósito de investigar mais adiante a evolução da libido através do

186 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 31 (grifos do autor).

187 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 179.

188 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 189.

189 Sobre a passagem do polimorfismo ao primado da genitalidade, gostaríamos apenas de acrescentar alguns comentários. Na edição de 1915 dos *Três ensaios...*, Freud adicionou ao segundo ensaio uma seção intitulada "Fases de desenvolvimento da organização sexual", cujo aspecto principal consiste em tratar das organizações pré-genitais da libido. Este conceito já havia sido apresentado pelo autor dois anos antes (Cf. FREUD, S. **A predisposição à neurose obsessiva**. Contribuição ao problema da escolha de neurose. AE, vol. 12, p. 329-345). As organizações pré-genitais da libido atribuem uma certa organização à sexualidade infantil em torno de determinadas zonas erógenas que antecipam a hegemonia da zona genital. Freud reconhece, nesta seção de 1915, a fase oral e a fase sádico-anal como precursoras da organização genital (à fase fálica o autor se refere em nota de rodapé acrescentada em 1924 a este tópico dos *Três ensaios...*). De certa forma, possibilitam uma aproximação da sexualidade infantil em relação à sexualidade adulta; na medida em que são reconhecidas, deixa-se de conceber uma passagem um tanto quanto enigmática da desorganização total da vida sexual infantil, distribuída nas mais variadas zonas erógenas, para a submissão à genitalidade e à reprodução após a puberdade.

autoerotismo e do narcisismo, nas elucidações de Freud acerca do trajeto da pulsão sexual, até então autoerótica, em direção ao encontro de objeto. Para tanto, optamos por tratar de alguns pontos da seção intitulada *O encontro de objeto*, a que mais chamou nossa atenção por ser dedicada propriamente a esse assunto e estar presente desde a primeira edição dos ensaios sobre a sexualidade.

Nela, o psicanalista insiste que essas mudanças já estão prefiguradas na vida infantil e chama a atenção do leitor para o fato de que, quando a primeira satisfação sexual ainda estava ligada à função nutritiva, o objeto da pulsão sexual se localizava fora do próprio corpo, era o seio materno¹⁹⁰. Ao recorrer novamente à noção central de apoio, o autor considera que a pulsão sexual perde esse objeto só mais tarde, possivelmente quando concebe a mãe em sua totalidade - "talvez justo na época em que a criança pôde formar a representação global da pessoa a quem pertencia o órgão que lhe dispensava satisfação"¹⁹¹. Dessa forma, torna-se autoerótica e independente das funções que servem à conservação da vida. Somente após o período de latência, característico da sexualidade infantil, a pulsão sexual volta a estabelecer "a relação originária"¹⁹², nos termos freudianos. É por isso que o mamar no peito da mãe se torna paradigma dos vínculos de amor que venham a se firmar no indivíduo, e a conclusão mais importante colocada por Freud é a de que "o encontro de objeto (*Objektfindung*)"¹⁹³ é

190 No texto dos *Três ensaios...*, Freud mesmo utiliza essa oposição entre o próprio corpo e objetos que se localizam fora dele, como o seio materno. Essa diferenciação entre dentro e fora, interno e externo, é uma questão espinhosa quando se trata do início do desenvolvimento. Se consultamos o artigo metapsicológico sobre as pulsões, vemos que Freud admite que o ser vivo, desde muito cedo, é capaz de distinguir um dentro e um fora a partir da identificação de estímulos dos quais pode se livrar através da ação muscular e daqueles dos quais não pode fugir - as necessidades pulsionais -, os quais atribui, respectivamente, ao mundo exterior e ao mundo interior. Contudo, justamente por conta do autoerotismo e do narcisismo - a capacidade de encontrar a satisfação no próprio corpo e a condição de investir o eu de libido -, há um tempo em que o eu coincide com aquilo que é prazeroso e o que está fora do eu, com o indiferente ou desprazeroso. A partir daquilo que Freud chama de eu-realidade inicial, aquele que distinguia o mundo interior do mundo exterior, advém o eu-prazer - o sujeito coincide com tudo que é prazeroso e atribui ao mundo exterior tudo o que é desprazeroso (FREUD, S. **Pulsões e destinos de pulsão**. AE, vol. 14, p. 128-131). Convocamos essa distinção entre eu-prazer e eu-realidade e os diferentes modos de conceber interno e externo para recordar que não é tão simples assim a distinção entre dentro e fora no bebê. Apenas estamos sendo fiéis aos termos utilizados por Freud nos *Três ensaios...* quando tratamos do seio materno como objeto da pulsão sexual localizado fora do próprio corpo.

191 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 202.

192 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 202.

193 Sobre o termo *Objektfindung*, que foi traduzido por *hallazgo* ou *encuentro de objeto* no espanhol e por encontro de objeto segundo nossa escolha para o português, embora não esteja presente em *Introdução ao narcisismo*, aparece com certa frequência nos *Três ensaios de teoria sexual* e, segundo o verbete *Escolha de objeto ou objetual*, do vocabulário de Laplanche e Pontalis, também faz referência à escolha do objeto de amor (LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970, p. 213-214). Trata-se de apontar um dos traços fundamentais da sexualidade adulta - que a pulsão sexual acha um objeto sexual fora do próprio corpo, independentemente de qual for este objeto. Já havíamos nos deparado anteriormente com a expressão *Objektwahl*, traduzida por *elección de objeto* na edição argentina e

propriamente um reencontro (*Wiederfindung*)."¹⁹⁴

De forma simplificada, no trecho explorado no parágrafo acima, é este o esquema proposto por Freud: 1) a pulsão sexual, ainda apoiada na atividade de nutrição, tinha um objeto fora do próprio corpo (o seio materno); 2) este objeto é perdido, ao que parece na ocasião em que a criança passa a representar a mãe em sua totalidade, na passagem de um objeto parcial para um objeto total, podemos inferir; 3) a pulsão sexual, agora autônoma em relação às funções de autoconservação, torna-se autoerótica, encontra a satisfação no próprio corpo; 4) a pulsão sexual é inibida em seu caminho pelas imposições do período de latência; 5) a pulsão sexual volta a encontrar o objeto, o que leva Freud a falar do encontro de objeto como reencontro. Se originalmente, de acordo com esse formato, havia um objeto, passar do autoerotismo até a escolha de objeto é, em última instância, reencontrá-lo.

Algumas dessas concepções são retomadas nas *Conferências de introdução à psicanálise* (1916-1917)¹⁹⁵. Na 20ª conferência, intitulada *A vida sexual dos seres humanos*, Freud se refere, novamente, ao "sugar sensual" e reforça que a vivência do prazer pela criança se dá, primeiramente, por conta da recepção de alimento para, logo depois, se separar dela. O autor ressalta a importância do ato de mamar, coloca essa experiência como ponto de partida de toda a vida sexual, mas a qualifica como "o modelo inalcançado de toda satisfação sexual posterior"¹⁹⁶. O peito materno é o primeiro objeto da pulsão sexual, de onde decorre sua importância para todos os encontros de objeto posteriores. Ele é substituído, depois, por uma parte do próprio corpo e, por meio da atividade autoerótica, a criança se torna independente do mundo exterior quanto ao ganho de prazer. O autoerotismo é caracterizado como a busca e o encontro dos objetos no próprio corpo, e falar dessa prática implica em conceber pulsões parciais que aspiram ao prazer de órgão de forma desorganizada.

por escolha ou eleição de objeto, de acordo com nossa opção para o português, que é recorrente em *Introdução ao narcisismo* e presente no próprio texto dos *Três ensaios...* Podemos localizar ainda nos textos de Freud - por exemplo, também no artigo sobre o narcisismo, nos *Três ensaios...* e em textos que ainda visitaremos, como o caso Schreber - a expressão *Objektliebe*, traduzida tanto no espanhol quanto no português por amor de objeto, em referência à libido que alcança outros objetos sexuais que não o corpo próprio. Gostaríamos apenas de alertar o leitor quanto à presença desses termos ao longo do texto, com ênfase no fato de que procuraremos conter o uso de *Objektfindung* - encontro de objeto - a este terceiro capítulo, que trata dos *Três ensaios...*, justamente para preservar a opção de Freud. Em geral, as outras aparições do termo decorrem de nossas retomadas de conteúdos deste capítulo ou da presença daquele no texto original alemão, como aconteceu na nota 176 nas páginas 61-62, na citação de um trecho de *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, na página 63, mais especificamente na citação de *Pulsões e destinos de pulsão*, e conforme se repetirá na página 134, na passagem por *Totem e tabu*.

194 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 203.

195 FREUD, S. **Conferências de introdução à psicanálise**. AE, vol. 16.

196 FREUD, S. **Conferências de introdução à psicanálise**. AE, vol. 16, p. 287.

Na 21ª conferência, por sua vez, o argumento principal que queremos resgatar diz respeito à relação das pulsões sexuais parciais com o objeto. Freud afirma, especificamente em relação à oralidade, que "o primeiro objeto dos componentes orais da pulsão sexual é o peito materno, que satisfaz a necessidade de nutrição do lactente"¹⁹⁷. O autor também alude, novamente, ao que denominamos por "sugar sensual" - "No ato do sugar se tornam autônomos os componentes eróticos que se satisfazem juntamente ao mamar"¹⁹⁸ - e sua conexão com o fato de a pulsão oral tornar-se autoerótica, já que o objeto é abandonado e passa a ser uma parte do próprio corpo. Neste cenário, aponta para duas metas principais do restante do desenvolvimento - a primeira é abandonar a atividade autoerótica e trocar, de novo, o objeto localizado no próprio corpo por um objeto alheio; a segunda é unificar os objetos diferentes das pulsões parciais para substituí-los por um único objeto, o que só é possível quando tal objeto unificado é um corpo total, parecido com o próprio. O autor considera que, antes do período de latência, o objeto sexual da infância é quase o mesmo que o primeiro objeto da pulsão sexual oral, aquele adquirido pelo apoio na pulsão de nutrição: "É, se não o peito materno, ao menos a mãe"¹⁹⁹. Identifica, então, a mãe como primeiro objeto de amor e as consequências disso, o que inclui a participação central do complexo edípico na escolha de objeto.

Do que destacamos no último dos *Três ensaios...* e nas conferências abordadas, derivam algumas questões que agora pretendemos delimitar e debater. Primeiramente, a partir do protótipo da oralidade, o psicanalista entende que, na ocasião em que a satisfação sexual ainda estava associada à função vital de nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do próprio corpo, que era o seio materno²⁰⁰. Mais tarde, ela perde esse objeto e se torna, então, autoerótica, o que já nos permite afirmar que o autoerotismo não é uma situação originária no desenvolvimento do indivíduo. Depois do período de latência, a pulsão sexual volta a se relacionar com um objeto alheio ao próprio corpo. É por isso que Freud fala do encontro de objeto como reencontro. Entretanto, na conferência 20, conforme também observamos, o autor fala do apoio das pulsões sexuais nas funções que servem à conservação da vida, propriamente do ganho de prazer apoiado na recepção de alimento através do seio, e concebe

197 FREUD, S. **Conferências de introdução à psicanálise**. AE, vol. 16, p. 299.

198 FREUD, S. **Conferências de introdução à psicanálise**. AE, vol. 16, p. 299-300.

199 FREUD, S. **Conferências de introdução à psicanálise**. AE, vol. 16, p. 300.

200 É pertinente ter em vista o problema da distinção entre interior e exterior no início do desenvolvimento diante de tal concepção do seio como objeto externo da pulsão sexual (Cf. nota de rodapé 190).

o ato de mamar como "o modelo inalcançado de toda satisfação sexual posterior."²⁰¹

De imediato, há uma incongruência que reclama explicações. Como o modelo de satisfação sexual - a ação de mamar no seio materno - é inalcançável, se o encontro de objeto após o período de latência é, em última instância, um reencontro? O que faz com que nenhuma satisfação sexual posterior alcance o mesmo prazer que o ato de mamar, se o objeto é perdido, porém encontrado novamente? É preciso que algo justifique a distância ou o hiato que se impõe entre o reencontro do objeto e a primeira experiência de satisfação atingida através do seio materno.

Para elucidar o problema, nos apoiaremos em Laplanche, mais uma vez, já que o comentador trata de tal questão com clareza. Em primeiro lugar, antes de tentar responder propriamente a ela, é importante esclarecer alguns fundamentos do psicanalista francês quanto ao tema da sexualidade infantil, o que faremos tomando como referência ora *Vida e morte em psicanálise*, ora as *Problemáticas III- A sublimação*. Este autor entende o apoio (*étayage*) em dois tempos: "um tempo de apoio propriamente dito, que é um apoio da atividade sexual sobre a atividade de autoconservação, e um tempo de desligamento e de retrocesso em autoerotismo"²⁰², posição que converge com sua afirmação de que o autoerotismo não é um tempo primeiro, o que é marcado pelo próprio Freud quando este fala de uma pulsão sexual que *se torna* autoerótica.

Laplanche assume uma posição contrária àquela que pressupõe um estágio primário anobjetal no pensamento freudiano - de um lado porque essa noção estaria associada a uma concepção de autoerotismo como ausência de objeto, o que não se confirma; de outro porque o autoerotismo não é o primeiro tempo, conforme acabamos de enunciar. Ele nos diz: "Autoerotismo quer dizer que não existe objeto exterior, satisfazendo-se a sexualidade, inicialmente, no próprio corpo"²⁰³, o que se afasta bastante da ideia da inexistência total do objeto. Pressupor a anobjetalidade, na visão de Laplanche, é problemático na medida em que implica na hipótese improvável do surgimento de um objeto, como que em um passe de mágicas, a partir de um estágio em que não há objeto.

Laplanche também afirma que a inviabilidade da anobjetalidade é confirmada por Freud, em passagens "de particular lucidez"²⁰⁴ de sua obra. O trecho evocado pelo francês é,

201 FREUD, S. **Conferências de introdução à psicanálise**. AE, vol. 16, p. 287.

202 LAPLANCHE, J. **Problemáticas, III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 45.

203 LAPLANCHE, J. **Problemáticas, III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 34.

204 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 26.

justamente, aquele do terceiro dos *Três ensaios...*, do qual tratamos, acerca do encontro de objeto como reencontro, que mostra o autoerotismo como um segundo tempo, de perda do seio enquanto objeto parcial, concomitante à formação da representação da mãe enquanto objeto total²⁰⁵. Contudo - e aqui adentramos mais diretamente na tentativa de responder à pergunta que nos moveu a tal debate -, o psicanalista francês ressalta que, apesar de haver um objeto desde o início, a sexualidade não tem um objeto real a princípio, pois o objeto que existe desde o começo é aquele da função de autoconservação da vida, e não o da sexualidade. Para o autor, o autoerotismo pressupõe um objeto fantasístico, pois há um objeto alimentar, que é o leite, e um objeto sexual, que é o seio, o que é compreensível se lembrarmos que, pela concepção do apoio, os processos sexuais surgem como efeito marginal (*Nebenwirkung*) dos processos vitais:

Longe de pensar que a pulsão sexual, no chupar (*suçotement*), não tenha objeto, Freud lembra-nos por diversas vezes que, ao contrário, ela encontra seus objetos numa via que lhe é indicada pela autoconservação. Há uma via que nos faz passar do objeto alimentar, que é o leite, para o objeto sexual, que é o seio. É a significação que atribuo a uma expressão empregada outrora por Lacan, a de objeto metonímico. De fato, o seio está em relação de contiguidade com o leite e, no movimento de apoio, há um deslocamento metonímico.²⁰⁶

Essa divisão do objeto da autoconservação e do objeto sexual leva a outro entendimento da célebre afirmação de Freud sobre o encontro de objeto como reencontro, pois para Laplanche, o reencontro é sempre o encontro de outra coisa. Há uma passagem do leite para o seio, concomitante à "interiorização do objeto sob a forma de fantasia"²⁰⁷:

Pois justamente, e é isso o que torna a busca sexual incessante, o objeto perdido, por definição, não é aquele que será reencontrado ou mesmo o que será procurado. O objeto perdido é o objeto alimentar, é o leite, seja no aleitamento ou no desmame, mas é no momento em que se perde o leite que o seio, como símbolo, como substituto metonímico, ocupa o seu lugar. Tanto assim que essa expressão supõe um engodo originário, fundamental, que desencadeia para sempre a insatisfação da busca sexual.²⁰⁸

Tais formulações fornecem uma saída para a compreensão do intervalo que se impõe entre a satisfação obtida através do ato de mamar e a satisfação sexual posterior, que nunca alcança a primeira, depois que a pulsão sexual perde o seio enquanto objeto, passa pelo período de latência e volta a encontrar o objeto, segundo as concepções de Freud. Laplanche, ao distinguir o leite como objeto da atividade de autoconservação e o seio como objeto sexual,

205 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 27.

206 LAPLANCHE, J. **Problemáticas, III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 45.

207 LAPLANCHE, J. **Problemáticas, III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 46.

208 LAPLANCHE, J. **Problemáticas, III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 45.

derivado do primeiro, esclarece que, na verdade, o objeto perdido é aquele da função alimentar. Perde-se o leite e, na medida em que ele é perdido, o seio ocupa seu lugar, enquanto objeto da pulsão sexual. O objeto perdido, portanto, não é o mesmo que se quer reencontrar:

"Encontrar o objeto" - assim conclui Freud numa fórmula que se tornou célebre - "encontrar o objeto sexual é, na realidade, reencontrá-lo"; o que interpretamos assim: o objeto a ser reencontrado não é o objeto perdido, mas seu substituto por deslocamento, o objeto perdido é o objeto de autoconservação, é o objeto da fome, e o objeto que se tenta reencontrar, na sexualidade, é um objeto deslocado em relação a esse primeiro objeto.²⁰⁹

Esse debate²¹⁰ diz respeito à difícil tarefa do último dos *Três ensaios...*; vemos que, conforme esclarece Monzani, "quando o leitor inicia o terceiro ensaio, tudo se passa como se ele estivesse defronte a uma *outra* rede conceitual, regida por princípios e ordenadores diferentes daqueles que até agora tinham comandado o discurso"²¹¹. O filósofo insiste, justamente, nessas dificuldades impostas a Freud para dar conta da passagem do autoerotismo para a objetividade, além do polimorfismo à genitalidade, e considera que "todo o texto

209 LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 27.

210 Julgamos importante levantar essa discussão para penetrar em uma das facetas do problema da passagem do autoerotismo para o encontro de objeto, mas também para ressaltar algumas características do autoerotismo, que são relevantes para compreender a posição do narcisismo em relação a ele, como vimos no capítulo um e como veremos no capítulo cinco, quando tratarmos daqueles textos anteriores a *Introdução ao narcisismo* em que Freud já entende os dois conceitos e os vínculos entre eles de forma convergente àquela que encontramos no artigo de 1914. Se nos inclinarmos sobre outra obra de Laplanche que aborda a mesma temática, veremos que ele destaca quatro características do autoerotismo, que já conhecemos depois da exposição deste capítulo: a "*satisfação no lugar*"; a "*satisfação não unificada*" - ambas ligadas à noção do prazer de órgão; "*não tem objeto externo*" - o que não significa que seja anobjetal, já que a satisfação é encontrada nas mais diversas partes do próprio corpo; depende da "*fantasia*" - lembremos dos trechos citados anteriormente, em que Laplanche fala sobre o deslocamento metonímico do objeto da fome (o leite) para o objeto sexual (o seio), o que inclui a dimensão fantasística. Além disso, o autor dá destaque para o fato de que o autoerotismo *não é um tempo primeiro*. A pulsão se torna autoerótica, quando se desliga das funções de autoconservação, considerando o que Freud entende por apoio. Laplanche esclarece: "O que nos importa aqui é que o autoerotismo não é, portanto, absolutamente primeiro, que sucede outra coisa no tempo, embora seja o primeiro estágio independente da sexualidade; não é o começo da relação com o mundo, mas marca o que chamamos de tempo 'auto', que supõe um recuo na relação com o mundo." O narcisismo vem a suceder o autoerotismo, como vimos no artigo de 1914, a depender da nova ação psíquica que se acrescenta sobre o autoerotismo. Para Laplanche, quando Freud concebe essa sucessão, "não se trata, portanto, de todo o indivíduo, mas de sua vida sexual, do objeto sexual e da pulsão sexual. Essa vida sexual destaca-se sobre o pano de fundo de uma vida ou de uma relação não sexual a ela preexistente, a vida de necessidade de que vai se separar." (LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 75-76, grifos do autor). Gostaríamos, então, de reconhecer a validade dessa interpretação de Laplanche, que nos ajuda a justificar porque a insistência em tratar da teoria da sexualidade freudiana e refazer, junto com Freud, o trajeto até a formulação do conceito de narcisismo atribuindo grande relevância ao funcionamento da sexualidade. Pelo menos entre os textos que estamos tratando e sob o recorte temporal que propusemos, o narcisismo pode ser entendido com base nesses pressupostos.

211 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 31 (grifo do autor).

constitui-se numa luta árdua, cujo resultado nem sempre é satisfatório"²¹². O autor entende que só com as adições de 1915 e 1920 foi possível elucidar a questão da escolha de objeto e, quanto à subordinação das pulsões parciais à zona erógena genital, Freud deixou a desejar em suas explicações.²¹³

Quanto a tais adições, interessa-nos chamar a atenção do leitor para algumas daquelas datadas de 1915, que se amparam no artigo *Introdução ao narcisismo*²¹⁴. A primeira é uma nota de rodapé anexada à afirmação sobre a qual nos debruçamos anteriormente - "o encontro de objeto é propriamente um reencontro."²¹⁵ Vejamos o que nos diz Freud:

A psicanálise ensina que existem dois caminhos para o encontro de objeto (*Objektfindung*); em primeiro lugar, o mencionado no texto, que se realiza por *apoio* nos modelos da infância precoce, e em segundo lugar, o *narcisista*, que busca o eu próprio e o reencontra em outros. Este último tem particular importância para os desenlaces patológicos, mas cai fora do contexto que tratamos aqui.²¹⁶

Quer dizer que Freud aproxima as formulações da seção *O encontro de objeto*, as quais procuramos explorar, ao tipo de escolha de objeto por apoio. Contudo, no primeiro

212 MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p. 32.

213 Sobre essa temática, também é interessante aludir à leitura de Simanke. O autor considera que o contraste traçado por Freud entre a vida sexual infantil e a adulta é tão acentuado que, pelo menos na primeira versão dos *Três ensaios...*, ele se vê às voltas com problemas insolúveis decorrentes da passagem da sexualidade infantil para a adulta. Simanke recupera a categorização do historiador da sexualidade Lutz Sauerteig, que divide as teorias da sexualidade entre as homológicas - que concebem a sexualidade infantil como antecipação ou manifestação precoce da sexualidade adulta - e as heterológicas - que consideram a sexualidade infantil como expressão particular que difere do modelo da sexualidade adulta, e a concepção do mesmo historiador de que a teoria freudiana da sexualidade faria parte do primeiro grupo. Assume uma posição inversa, em comparação com a desse autor, e defende que Freud, pelo menos no que diz respeito à primeira edição dos ensaios sobre a sexualidade de 1905, teria construído uma teoria heterológica que, por razões internas ao próprio discurso psicanalítico, foi perdendo esse caráter e se tornando, progressivamente, mais homológica. Ainda seguindo a argumentação de Simanke, a distância antes abismal entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta, cuja transição era atribuída principalmente ao destino imposto por características endógenas, reduz-se na medida em que Freud, ao longo das sucessivas edições do texto, inclui conceitos auxiliares como o das organizações pré-genitais da pulsão sexual, que ajuda a explicar a reunião da polimorfia da vida sexual infantil em torno dos genitais. Na perspectiva de Simanke, há outras três construções teóricas inseridas por Freud que se prestam a diminuir o afastamento entre a sexualidade infantil autoerótica e polimorfa e a sexualidade adulta objetual e genital, a saber, o narcisismo, o complexo de castração e o complexo de Édipo. A primeira contribuiria na medida em que, a princípio, o narcisismo é inserido entre o autoerotismo e o amor de objeto, já que se trata de um estágio do desenvolvimento libidinal no qual o próprio eu é tomado como objeto. O complexo de castração, por sua vez, explicaria como o narcisismo é ultrapassado, pois é na percepção da diferença sexual que se rompe a coincidência entre o eu e o objeto; e o Édipo esclareceria como se edificam os modelos que guiam as escolhas objetais. É sob essa ótica que Simanke justifica que a teorização freudiana da sexualidade, antes heterológica, torna-se mais homológica (Cf. SIMANKE, R. T. Freud e a sexualidade infantil antes de Freud. In: BIRMAN, J. et al (org.) **Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea**. São Paulo: Zagodoni, 2016, p. 43-63).

214 A propósito, são aquelas que Garcia-Roza considera as mais importantes para o texto dos *Três ensaios...* (GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 29).

215 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 203.

216 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, nota 22, p. 203.

capítulo, vimos que Freud admitia que se pode amar com base no modelo da mãe que cuida e protege, mas também tomando a si mesmo como modelo, a escolha que ele chama de narcisista. Ao incluir esta nota de rodapé no terceiro ensaio sobre a sexualidade, que indica os dois modos possíveis de amar com base em elucidações do artigo de 1914, vemos que Freud utiliza o narcisismo como um recurso para dar conta do problema do encontro de objeto.

Além disso, há uma seção praticamente inteira, com exceção do último parágrafo, que foi adicionada em 1915 ao terceiro dos *Três ensaios...*, intitulada *A teoria da libido*. Ela nos interessa em especial na medida em que também se fundamenta no artigo *Introdução ao narcisismo*. O fragmento trata dos conceitos de libido, libido narcisista ou libido do eu, e libido de objeto, como forma de explicar a economia dos investimentos objetivos e, dessa forma, abordar o problema da escolha de objeto. Freud começa por reafirmar o caráter sexual da libido - "como uma força suscetível de variações quantitativas, que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual"²¹⁷ -, em comparação com outros tipos de energia psíquica que não são sexuais. Em seguida, evoca a noção da libido do eu, já conhecida desde 1914, a qual só se torna acessível ao estudo psicanalítico quando investe nos objetos sexuais, isto é, quando assume a forma de libido de objeto:

Nós a vemos concentrar-se em objetos, fixar-se neles ou bem abandoná-los, passar de uns aos outros e, a partir destas posições, guiar a atividade sexual do indivíduo, a qual leva à satisfação, ou seja, à extinção parcial e temporária da libido.²¹⁸

Ainda nessa seção sobre a teoria da libido e também com base no artigo sobre o narcisismo de 1914, Freud indica que a libido que é quitada dos objetos tem como último destino seu retorno para o eu, convertendo-se novamente em libido do eu. Em oposição à libido de objeto, essa libido que retorna ao eu pode ser chamada também de libido narcisista. A libido do eu ou libido narcisista é considerada por Freud como o grande reservatório do qual partem e para onde retornam os investimentos de objeto, de modo que "o investimento libidinal narcisista do eu, como o estado originário realizado na primeira infância"²¹⁹ é preservado por trás daqueles. Assim, o autor fornece um panorama geral da economia libidinal derivado do esquema explicativo do artigo sobre o narcisismo de 1914, que, de alguma forma, é destinado a explicar como a libido circula do eu em direção aos objetos e vice-versa.

Assim, é possível identificar contribuições diretas ao problema da passagem do

217 FREUD, S. *Três ensaios de teoria sexual*. AE, vol. 7, p. 198.

218 FREUD, S. *Três ensaios de teoria sexual*. AE, vol. 7, p. 198.

219 FREUD, S. *Três ensaios de teoria sexual*. AE, vol. 7, p. 199.

autoerotismo para o encontro de objeto acrescentadas no texto dos *Três ensaios...*, baseadas no artigo de 1914 - a possibilidade do narcisismo ser um dos meios através do qual os indivíduos escolhem seus objetos de amor, além do apoio, assim como as vantagens para a compreensão da circulação da libido entre o eu e os objetos externos adquiridas pela introdução do narcisismo como conceito da teoria da libido. Além dessas aquisições ao terceiro ensaio sobre a sexualidade, o narcisismo pode ser entendido como um recurso que auxilia a transição da sexualidade infantil autoerótica para a sexualidade objetal na medida em que, a partir do caso Schreber, em 1911, é admitido como fase regular do desenvolvimento da libido que se situa entre esses dois marcos da vida sexual, como veremos no último capítulo.

Por fim, um apanhado deste terceiro capítulo permite-nos dizer que, conforme pudemos observar na ampla exposição dos *Três ensaios...*, os dois primeiros ensaios se combinam na medida em que, a partir do alargamento do conceito de sexualidade, Freud dá a aparência de uma sexualidade infantil cuja origem está apoiada nas funções vitais, tem suas metas ditadas pelas mais diversas zonas erógenas, de onde partem pulsões parciais sexuais, e é essencialmente autoerótica. Examinamos mais atentamente o conceito de apoio e, principalmente, o de autoerotismo e saltamos, junto com Freud, da vida sexual infantil para a configuração definitiva da sexualidade adulta, centrada nos genitais e marcada pela escolha de objeto, ainda que este não seja um objeto determinado. Acompanhamos a interpretação de Laplanche, contrária ao pressuposto de um estágio anobjetal e atenta ao problema do hiato localizado entre a condição da insatisfação da busca sexual e o encontro de objeto como reencontro. Esse debate nos situou diante do problema da transição do autoerotismo para a objetividade no terceiro ensaio, imerso em dificuldades teóricas, e assim nos amparou na localização da teoria do narcisismo como um possível recurso auxiliar neste trajeto.

Percorremos o segundo passo ao qual nos propusemos em nossa tarefa e, desta forma, concluímos aquilo que denominamos pré-história do narcisismo - está dado o pano de fundo, dentro da teoria freudiana da sexualidade, que fornece as bases para a constituição desse conceito, que antecede até mesmo a primeira menção ao narcisismo na obra de Freud. Chegamos, por fim, à sua história - à investigação propriamente dita das referências ao narcisismo, para que seja possível examinar atentamente seu papel na esteira da teoria da sexualidade. Contudo, para que possamos relacioná-lo ao autoerotismo, propomos uma incursão por suas origens, a saber, o estudo da homossexualidade, já que foi só em um

momento posterior do pensamento freudiano que se tornou legítimo conceber o narcisismo como fase regular, e portanto universal, do desenvolvimento libidinal, no percurso até o encontro de objeto.

CAPÍTULO 4. NARCISISMO E HOMOSSEXUALIDADE

Sabemos que a primeira menção ao conceito de narcisismo data de uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, de 10 de novembro de 1909, segundo a nota introdutória de James Strachey a *Introdução ao narcisismo*, e já naquela ocasião ele fora definido por Freud como estágio intermediário entre o autoerotismo e o amor de objeto. Esta afirmação será reiterada em seus textos a partir do caso Schreber, de 1911, mesma ocasião na qual o narcisismo é admitido como um estágio regular do desenvolvimento da libido, como veremos no último capítulo. Contudo, a origem pública do conceito em sua obra data de 1910 e traz uma definição diferente. Portanto, no próximo passo relativo à tarefa de percorrer os antecedentes da formulação do conceito de narcisismo na teoria freudiana, chegaremos propriamente à história do termo e apresentaremos as duas primeiras menções ao narcisismo, convergentes na medida em que o associam, sob o mesmo ponto de vista, à escolha de objeto homossexual - primeiramente uma nota de rodapé da edição de 1910 dos *Três ensaios de teoria sexual* e depois a obra, publicada no mesmo ano, *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*.

Veremos que, comparando as duas obras, não só a concepção de homossexualidade é semelhante como também o papel que o narcisismo exerce em sua gênese. Contudo, no artigo sobre Leonardo da Vinci, diferentemente da nota de rodapé dos *Três ensaios...*, a referência ao narcisismo já vem acompanhada da menção ao autoerotismo. Embora ainda não sejam estabelecidas as particularidades de cada um deles, anunciam-se os vínculos entre ambos, a serem consolidados posteriormente. Vejamos como Freud entende o narcisismo em meio ao problema da homossexualidade, antes que ele possa ser universalizado a todos os indivíduos e ocupe a posição já conhecida entre o autoerotismo e a objetividade.

4.1 A inversão no primeiro ensaio sobre a sexualidade

Partiremos, então, da primeira menção pública ao conceito de narcisismo, referente à nota de rodapé acrescentada em 1910, na segunda edição dos *Três ensaios de teoria sexual*, no ensaio que inaugura o texto. Como já vimos, o primeiro ensaio é dedicado ao estudo das perversões sexuais e um dos temas sobre o qual Freud se debruça são os desvios quanto ao objeto da pulsão sexual, entendido como a pessoa que desperta a atração sexual, entre os quais é incluído o estudo da inversão. Os invertidos se comportam de maneiras variadas, quanto a diferentes aspectos: podem ser invertidos absolutos, por encontrarem a satisfação

exclusivamente com o objeto sexual do mesmo sexo que o seu, ao mesmo tempo em que podem ser invertidos que se contentam tanto com objetos sexuais do sexo oposto, quanto com aqueles do mesmo sexo. Existem ainda os que Freud chama de invertidos ocasionais; eventualmente, devido a circunstâncias externas - como a ausência do objeto sexual do sexo oposto - tomam como objeto sexual alguém do mesmo sexo e se satisfazem com ele.

A conduta dos invertidos também se mostra variável quanto ao período do desenvolvimento em que a inversão se manifesta e ao tempo em que ela se mantém atuante. Pode ter sido percebida desde a primeira infância, ou apenas depois da puberdade; pode permanecer durante toda vida sexual, exteriorizar-se em ocasiões pontuais, ou ainda vir a substituir a atividade sexual normal depois de um intervalo em que esta bastava ao indivíduo. As possibilidades não se esgotam por aqui, contudo já temos condições de perceber a pluralidade de manifestações da inversão e o caráter em comum entre elas - eleger uma pessoa do mesmo sexo como objeto sexual -, que possibilita a Freud agrupá-las nesta investigação sobre os desvios da pulsão sexual quanto ao objeto.

Depois de expor o que é a inversão e quais tipos de condutas pretende abarcar sob tal denominação, o psicanalista rebate a concepção médica da inversão "como um signo inato de degeneração nervosa"²²⁰. Em primeiro lugar porque, para Freud, o sentido legítimo de degeneração deveria incluir uma série de desvios graves em relação à norma e implicar no prejuízo da "capacidade de rendimento e de sobrevivência"²²¹, que não é o caso dos invertidos. Normalmente, não apresentam nenhum outro desvio em relação à norma, a não ser aquele relativo ao objeto sexual. Além disso, encontram-se entre os invertidos indivíduos que se destacam por seu intelecto desenvolvido e por sua postura ética²²², assim como os traços da inversão podem ser identificados entre outras organizações sociais da história humana, por exemplo nos povos civilizados da Antiguidade. Da mesma forma, é questionável o caráter inato atribuído à inversão quando se consideram os invertidos como degenerados. Para Freud, o debate sobre sua origem inata ou adquirida não esclarece o problema e não é capaz de abranger todos os tipos de inversão que podem ser encontrados. Como explicar a inversão ocasional se esta fosse uma conduta inata? Ou como conceber que uma impressão sexual precoce provoque a inversão, se essa mesma vivência não tem efeito equivalente em

220 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 125-126.

221 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 126.

222 Já podemos adiantar o que veremos mais à frente - Leonardo da Vinci, artista e cientista, é um exemplo claro dessa capacidade intelectual e postura ética elevadas dos invertidos, às quais Freud se refere aqui nos *Três ensaios*...

diferentes indivíduos?

Após retirar os invertidos da categoria de degenerados e questionar a eficácia da discussão sobre a origem inata ou adquirida da inversão, na medida em que não colabora para a elucidação de sua natureza, Freud recorre ao tema da disposição bissexual originária dos indivíduos e à possibilidade de sua contribuição para compreender a escolha de objeto sexual invertida. Chega até essa temática com base nos estudos sobre hermafroditismo, que mostram a possibilidade de que os dois sexos estejam anatomicamente presentes nos genitais de uma mesma pessoa. Embora sejam casos anormais, que na maioria das vezes implicam na atrofia dos dois tipos de aparelho sexual, esclarecem a normalidade - nos indivíduos normais também é possível encontrar traços do sexo oposto nos genitais de ambos os sexos, que persistem sem ter função alguma ou se alteram para assumirem outras funções. Assim, Freud completa sua argumentação: "A concepção que resulta destes fatos anatômicos conhecidos desde muito tempo é a de uma disposição originariamente bissexual que, no curso do desenvolvimento, vai se alterando até chegar à monossexualidade com restos mínimos do sexo atrofiado."²²³

Diante desse quadro, a tendência seria estender o hermafroditismo para além da conformação anatômica, até a esfera psíquica, e conceber as manifestações da inversão como exteriorizações de um hermafroditismo psíquico. Contudo, Freud já adianta que não é possível solucionar o problema da inversão desta maneira. O impasse principal estaria no objeto sexual dos invertidos, que parece não obedecer ao pressuposto esperado, caso o hermafroditismo psíquico seja admitido como pressuposto da inversão - ser o contrário do objeto sexual normal; o homem invertido ter atração pelo homem viril, sentir-se mulher e desejá-lo tal como a mulher o deseja. Freud traz exemplos que provam essa tese de que, em muitos casos, o homem invertido preserva seu próprio caráter viril e procura nos objetos sexuais características femininas²²⁴. Na prostituição masculina, desde a Antiguidade, os homens se vestem e se comportam como mulheres para agradar os outros homens, assim como entre os gregos, os homens viris invertidos se interessavam pelos efebos, que eram afeminados. Chega, assim, a uma conclusão parcial: frequentemente, o objeto sexual do homem invertido conjuga características masculinas e femininas, "como um compromisso

223 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 129.

224 Freud também menciona as mulheres invertidas. É que no caso delas, normalmente apresentam características de virilidade e procuram aspectos femininos em seu objeto sexual, embora um conhecimento mais aprofundado possa revelar uma variedade maior quanto ao que a mulher invertida busca em seu objeto sexual (FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 132-133).

entre uma moção (*Regung*) que aspira ao homem e outra que aspira à mulher"²²⁵, o que leva Freud a considerar tal objeto como "o espelhamento da própria natureza bissexual"²²⁶ dos indivíduos.

É a este trecho que se agrega a nota de rodapé de número 13, adicionada na segunda edição de 1910; trata-se de uma nota extensa, que também foi modificada ao longo das posteriores edições do texto, com a inclusão de novas passagens em 1915 e 1920. Além de se tratar da inauguração pública do narcisismo, a nota também fornece um panorama geral da compreensão freudiana da homossexualidade que, por sua vez, está entrelaçada ao primeiro conceito. Freud inicia a nota com a ressalva de que a psicanálise não alcançou um esclarecimento completo da origem da inversão, no entanto colaborou de forma significativa para o problema através da revelação do mecanismo psíquico de sua gênese:

Em todos os casos indagados comprovamos que as pessoas depois invertidas atravessaram nos primeiros anos de sua infância uma fase muito intensa, mas também muito breve, de fixação à mulher (quase sempre a mãe), após cuja superação (*Überwindung*) se identificaram com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, vale dizer, a partir do *narcisismo* buscaram homens jovens, e parecidos com sua própria pessoa, que deviam amá-los como a mãe os havia amado²²⁷.

Também é frequente, segundo Freud, que nos casos de inversão seja revelada a transferência da excitação provocada pela mulher a um objeto masculino, o que demonstra que os invertidos não são "insensíveis ao encanto da mulher"²²⁸ - eles repetem, durante sua vida, o mecanismo através do qual se instaurou a escolha de objeto invertida, a saber, o período de fixação à mulher, seguido pela identificação com ela e pela tomada de si mesmo como modelo dos objetos sexuais, pela via do narcisismo. Freud afirma: "Sua aspiração compulsiva ao homem aparecia condicionada por sua incessante fuga da mulher"²²⁹. Apenas na edição de 1910, a nota prosseguia com a observação do autor a respeito da complexidade do problema da inversão e da sua variedade de manifestações, aspectos que Freud já havia se preocupado em retratar na abordagem da inversão no primeiro dos três ensaios sobre a sexualidade. É indicado que, até então, apenas os invertidos cuja atividade sexual se achava esquecida e cuja inversão se expressava como remanescente tinham se submetido à

225 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 131.

226 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 131. Esta frase foi adicionada por Freud apenas na edição de 1915.

227 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 132 (grifo nosso).

228 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 132.

229 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 132.

psicanálise²³⁰. Ainda neste fragmento de 1910, posteriormente suprimido, Freud sugeria a diferenciação dos casos de inversão, considerando sua multiplicidade, segundo se tenha invertido "o caráter sexual do *objeto* ou do *sujeito*."²³¹

No trecho seguinte da nota, que foi adicionado na edição de 1915, Freud é taxativo nesta afirmação: "A investigação psicanalítica se opõe terminantemente à tentativa de separar os homossexuais²³² como uma espécie particular de seres humanos"²³³. Nota-se que esta posição é convergente com a argumentação freudiana, também já defendida no primeiro ensaio, de afastar os invertidos da condição de degenerados. Freud ainda comenta, sobre os resultados da investigação psicanalítica: "Na medida em que estuda outras excitações sexuais além das que se dão a conhecer de maneira manifesta, sabe que todos os homens são capazes de eleger um objeto do mesmo sexo que o seu, e ainda o consumaram no inconsciente."²³⁴ Mesmo assim, apesar de aproximar a escolha homossexual da escolha de objeto considerada normal, o autor concebe que a primeira desempenha um papel importante na vida sexual e de maior relevância para a contração da neurose, quando comparada à escolha heterossexual.

Ainda nessa passagem de 1915, Freud adverte o leitor que, para a psicanálise, a escolha de objeto da maturidade, tanto a normal quanto a invertida, decorre de uma restrição, cuja origem se localiza na possibilidade de eleger objetos femininos e masculinos, tal como se mostra em estados primitivos, épocas pré-históricas e na infância. Logo, nem mesmo a heterossexualidade é óbvia segundo a investigação psicanalítica, que assume a multiplicidade de fatores determinantes contingente à variedade de condutas sexuais que se manifestam após

230 Como veremos ainda neste capítulo, Freud considera que a homossexualidade de Leonardo da Vinci pertence a esse tipo, pois nele é possível identificar certa frigidez e atrofia das manifestações da sexualidade.

231 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 132 (grifos do autor). Vale a pena mencionar os comentários de Simanke a respeito desta parte da nota de 1910 que foi suprimida nas outras edições. Eles mostram, de alguma forma, a importância dessas primeiras colocações de Freud sobre a inversão em que o narcisismo se insere: "Talvez a supressão desta passagem deva-se à percepção posterior, por parte de Freud, de que toda inversão do objeto se dá a partir de uma inversão no sujeito ou, em outras palavras, que toda *escolha de objeto* é efetuada a partir de uma certa *posição subjetiva*, determinada pela identificação. As complexas inter-relações entre narcisismo, identificação e escolha de objeto começam a delinear-se aqui" (SIMANKE, R. T. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 115, grifos do autor).

232 Embora nós tenhamos utilizado o adjetivo "homossexual" e o substantivo "homossexualidade" para se referir à escolha do objeto sexual pertencente ao mesmo sexo, nos *Três ensaios...*, esta é a primeira vez que Freud utiliza o termo "homossexuais"; até então, só havia utilizado o termo "invertidos". Como apontamos, trata-se de uma passagem de 1915 acrescentada à nota de rodapé da qual estamos tratando. É curioso que, em todas as menções anteriores nos *Três ensaios...*, Freud preserve a denominação "inversão". Contudo, quando passarmos ao texto sobre Leonardo da Vinci, publicado no mesmo ano, veremos que ocorre uma substituição quase completa, pois o psicanalista deixa de preferir a palavra "inversão" e passa a optar por "homossexualidade".

233 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 132.

234 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 132.

a puberdade. Freud esclarece: "A conduta sexual definitiva se decide somente após a puberdade, e é resultado de uma série de fatores que ainda não podemos abarcar em seu conjunto, e de natureza em parte constitucional, em parte acidental."²³⁵ Entretanto, é possível identificar algumas particularidades quanto à escolha de objeto invertida:

Em todos os tipos de invertidos é possível comprovar o predomínio de constituições arcaicas e de mecanismos psíquicos primitivos. A vigência da *eleição narcisista de objeto* e a *retenção* da importância erótica da zona anal aparecem como suas características mais essenciais.²³⁶

O que, em uma primeira leitura deste trecho, parece ser uma tentativa de afastar a inversão da normalidade, com a atribuição de qualidades específicas à primeira, logo se dissolve na sequência, em acréscimos também datados da edição de 1915. Freud ressalta que tais constituições arcaicas e mecanismos primitivos, entre os quais destaca a eleição narcisista de objeto e a retenção da importância erótica da zona anal, também podem ser encontrados na constituição normal e na dos tipos transicionais, porém com uma intensidade menor. As fronteiras entre a escolha de objeto invertida e a normal, portanto, localizam-se no âmbito da diferença de grau, e não de natureza, quanto às condições do desenvolvimento dos indivíduos: "Por mais que as diferenças nos resultados possam ser de natureza qualitativa, a análise mostra que a diferença nas condições são só quantitativas."²³⁷ Freud já havia indicado que a conduta sexual definitiva após a puberdade depende de fatores tanto constitucionais quanto acidentais e agora, entre os últimos, destaca a influência da frustração (*Versagung*) e da presença dos dois membros do casal parental - a falta de um pai forte na infância é concebida pelo autor como um fator significativo que pode favorecer a inversão²³⁸.

Interessa-nos chamar a atenção para a explicação psicanalítica da gênese da inversão,

235 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 132. É interessante observar as diferenças entre esta posição, presente em um trecho acrescentado em 1915 aos *Três ensaios...*, e aquela que expusemos nos capítulos dois e três, presente na edição de 1905, para a qual chamamos a atenção do leitor. Para recordar, Freud dizia que emergem certos diques no período de latência, os quais inibem o livre curso da pulsão sexual, e que esse desenvolvimento é condicionado do ponto de vista endógeno, algo fixado organicamente. Isto acontece mesmo que não se tenha ajuda da educação. Agora, afirma a influência dos fatores constitucionais e acidentais na determinação da conduta sexual definitiva, depois da fase puberal. Observar esta diferença contribui para o entendimento dos efeitos que o abandono da teoria da sedução provocou na teoria freudiana, sobretudo na concepção da sexualidade, conforme indicamos anteriormente. Se de imediato Freud concebeu uma sexualidade determinada do ponto de vista endógeno, isto se atenuou ao longo das outras edições dos *Três ensaios...* e os fatores acidentais voltaram a ter influência.

236 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 132- 133 (grifos do autor).

237 FREUD, S. **Três ensaios de teoria sexual**. AE, vol. 7, p. 133.

238 Há ainda uma terceira parte da nota de rodapé número 13, agregada em 1920, na qual Freud explora algumas concepções de Ferenczi acerca da homossexualidade e alguns trabalhos da biologia sobre as características sexuais, que reiteram a hipótese da disposição bissexual originária dos indivíduos, na opinião de Freud. Não entraremos nessas considerações, pois nos interessa em especial a concepção psicanalítica da escolha de objeto invertida que procuramos expor junto aos fragmentos da nota datados de 1910 e 1915.

conforme ela é apresentada por Freud nessa longa nota de rodapé, com destaque para a menção ao narcisismo. O esquema explicativo, presente desde 1910, concentra-se no pressuposto de um período infantil de fixação à mulher, normalmente a mãe, sucedido pela identificação com ela e pela escolha de objeto invertida, na qual o indivíduo toma a si mesmo como modelo dos objetos que virá a escolher, pela via do narcisismo, a fim de que eles o amem tal como a mãe o amou na infância. Portanto, se esta é a primeira referência pública de Freud ao narcisismo, podemos afirmar que ele emerge na teoria freudiana circunscrito à condição de meio através do qual o invertido escolhe seus objetos de amor. A princípio, é um recurso típico da inversão e não há referências à possibilidade de que ele se estenda a todos os indivíduos, ainda que Freud se esforce por aproximar a escolha de objeto sexual invertida daquela considerada normal desde a edição de 1905 do primeiro dos *Três ensaios...*, mas principalmente em alusão à disposição bissexual originária de todos os indivíduos.

A partir de 1915, é acrescentado à nota de rodapé o trecho sobre as constituições arcaicas e mecanismos primitivos que predominam em todos os tipos de invertidos, entre os quais Freud identifica a eleição narcisista de objeto, que seria uma das características mais essenciais da inversão. Até aqui, mantém-se certa restrição do narcisismo à inversão. Contudo, esta elucidação é seguida pelo reconhecimento de que essa mesma constelação psíquica pode ser encontrada, ainda que com intensidade menor, em todas as pessoas. Se em 1910 o narcisismo se restringia a configurar a via pela qual os invertidos escolhiam seus objetos sexuais, ainda que Freud já argumentasse a favor da aproximação da inversão à normalidade com o recurso à bissexualidade, com base nas adições de 1915, o psicanalista passa a falar que tal eleição narcisista de objeto também pode ser encontrada na normalidade, ainda que em menor grau, o que o leva a falar de uma diferença quantitativa entre a escolha de objeto sexual invertida e aquela considerada normal, além da influência de alguns fatores acidentais, como a falta de um pai forte na infância.

Podemos encontrar algumas convergências entre essas concepções e aquelas que observamos na *Introdução ao narcisismo*, publicada um ano antes dessas aquisições de 1915. Em 1914, Freud considera que a escolha narcisista de objeto está disponível para todos os indivíduos, além da escolha do tipo do apoio, mas é bem claro quando diz que a busca por objetos de amor segundo seu próprio modelo se expressa de forma mais evidente entre os homossexuais e os perversos. Convém repetir que, no artigo em questão, a escolha narcisista de objeto é considerada "o motivo mais forte que nos levou a adotar a hipótese do

narcisismo"²³⁹, e na visita a esta nota de rodapé dos *Três ensaios...*, temos condições de assegurar que o reconhecimento de tal escolha provém do estudo da inversão, incluída no campo das práticas perversas de desvio quanto ao objeto sexual considerado normal. De atributo restrito à escolha de objeto sexual invertida, o narcisismo passa a significar um meio através do qual qualquer um pode amar. Para isso, o narcisismo precisou ultrapassar o campo da inversão e ser admitido como um estágio regular do desenvolvimento da libido, operação que foi efetuada em 1911, no caso Schreber, como veremos no último capítulo. Isso nos ajuda a compreender as diferentes características dos trechos de 1910 e de 1915 da nota de rodapé da qual tratamos, no que diz respeito ao narcisismo.

De qualquer modo, gostaríamos de acentuar que o narcisismo brota do solo da inversão nos textos de Freud. E se nos voltarmos para a nota de rodapé sobre a qual nos inclinamos sob a perspectiva geral do texto dos *Três ensaios...*, notaremos que a função argumentativa do problema da inversão consiste em contribuir para a ampliação e a extensão do conceito de sexualidade, conforme os objetivos de Freud neste primeiro ensaio e de acordo com o que acompanhamos no terceiro capítulo. Embora os casos normais induzam à concepção de que a pulsão sexual está rigidamente ligada ao objeto sexual, os casos considerados anormais e comumente incluídos no quadro das perversões, como a escolha de objeto invertida, revelam a necessidade de rever tais pressupostos ao mostrar quão frouxos são os laços que unem a pulsão ao objeto no campo da sexualidade. Ademais, já sabemos que Freud universaliza a disposição perversa da pulsão sexual, o que afasta ainda mais a anormalidade como atributo dos invertidos. Completemos e encerremos a primeira parte do capítulo quarto com os comentários de Roudinesco a respeito da postura do psicanalista em relação à inversão:

Dá um grande passo ao se recusar a classificá-la entre as "taras" ou "anomalias" da sexualidade, como faziam os sexólogos de sua época. Não acha que os homossexuais cometam "atos contra a natureza". Recusa qualquer forma de estigmatização fundada na noção de "degenerescência". Em outros termos, não separa os homossexuais dos outros seres humanos e considera que cada sujeito pode ser portador dessa escolha, em virtude da existência de uma bissexualidade psíquica em cada um de nós. Em determinados momentos, Freud não exclui a existência de uma predisposição orgânica na gênese da homossexualidade, embora permaneça convencido de que, tanto para um homem quanto para uma mulher, o fato de ser criado por mulheres favorece a homossexualidade. Ou seja, se o homem no sentido freudiano é marcado pela tragédia do desejo, o homossexual não passa, do ponto de vista da tragicidade humana em geral, de um sujeito ainda mais trágico do que o neurótico comum, uma vez que sua escolha sexual instala-o à margem da sociedade burguesa. Seu único recurso então é tornar-se um criador, a fim de assumir o próprio

239 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 85.

drama. Encontramos essa posição no ensaio que Freud dedica a Leonardo da Vinci. E é nesse livro de 1910 que ele desiste de utilizar a palavra "invertido" em favor do termo "homossexual".²⁴⁰

4.2 A homossexualidade de Leonardo da Vinci

Passemos, então, para a segunda parte e para o estudo de Freud sobre da Vinci - este homossexual que, conforme as palavras de Roudinesco citadas acima, tornou-se um criador para assumir seu drama -, considerando que é a mesma conjuntura, a saber, a investigação freudiana da homossexualidade, que conduz à referência ao conceito de narcisismo em *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*, obra publicada também em 1910, mesmo ano em que foi adicionada a nota de rodapé dos *Três ensaios...* Não por acaso, há uma nítida convergência entre as concepções sobre narcisismo e homossexualidade elucidadas em ambos os textos. Vale a pena recuperar as palavras do tradutor inglês James Strachey que, apesar das discussões levantadas a respeito do erro de tradução cometido por Freud²⁴¹, reforça a importância do estudo sobre Leonardo, ao qual ele atribui não só a qualidade de se tratar de uma "análise profunda de sua história psicosssexual", como também de abarcar temas colaterais elementares, entre os quais situa "um bosquejo da gênese de um dos tipos de homossexualidade, e a primeira exposição cabal do conceito de narcisismo - de especial interesse, este último, para a história da teoria psicanalítica -"²⁴².

Trata-se de um texto dividido em seis partes, rico e repleto de conteúdos, que não temos a pretensão de esgotar e percorreremos apenas sob certa perspectiva, sem perder de vista nosso foco de investigação relativo à menção ao narcisismo e sua relação com a

240 ROUDINESCO, E. **Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 47-48. Como já mencionamos em nota, há uma predileção pelo termo "homossexual" no texto sobre Leonardo da Vinci, enquanto que nos *Três ensaios...*, na maioria das vezes o termo escolhido é "invertido". Contudo, a palavra "invertido" não desaparece no artigo sobre da Vinci. De acordo com a nossa pesquisa pelo artigo sobre Leonardo, tanto na edição da Amorrortu quanto na edição alemã de cotejamento, arriscamos afirmar que há apenas uma aparição do termo "invertido". Cf. FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 82).

241 É central no texto sobre Leonardo sua recordação de ter sido visitado por uma ave de rapina em seu berço, chamada *nibio*, que é a palavra italiana para *milano*. Freud, provavelmente por conta das consultas a traduções alemãs de biografias e obras sobre o artista e cientista, traduziu esse termo pela palavra alemã *Geier*, que significa "abutre". Parte dessa imagem do abutre para explorar uma série de análises, por isso alguns leitores tomaram o estudo por inválido considerando o erro de tradução. Strachey se posiciona com cautela diante dessa polêmica e, apesar de concordar que, em alguma medida, certos argumentos de Freud caem por terra, reafirma que a confusão de Freud não afeta o estudo no que ele tem de essencial - a análise minuciosa do desenvolvimento psíquico de Leonardo e a abordagem de temas caros à psicanálise (FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 57-58). Laplanche propõe uma discussão interessante sobre o equívoco de tradução de Freud, assumindo uma posição semelhante: "o erro acerca do abutre não anula o essencial da demonstração de Freud" (Cf. LAPLANCHE, J. **Problemáticas, III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 58-65).

242 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 58.

homossexualidade. Por conseguinte, nos atentaremos sobretudo à terceira seção do escrito, que contorna esta temática, não sem antes fornecer um panorama geral das duas partes iniciais. Às seções posteriores, aludiremos brevemente, apenas na medida em que esclareçam ou complementem as elucidações sobre narcisismo e homossexualidade.

4.2.1 A vida psicosssexual do artista e cientista e sua recordação infantil

Para introduzir o leitor nesse escrito de Freud, tenhamos em conta que na primeira das seis seções do estudo sobre Leonardo, o psicanalista parte da constatação de que ele se destacava pelas habilidades de artista (*Künstler*) e de investigador da natureza (*Naturforscher*); mais do que isso, chama a atenção para "o giro de seus interesses desde sua arte (*Kunst*) para a ciência (*Wissenschaft*), que foi se acentuando com os anos"²⁴³, afirmação fundamentada no fato dele ter pintado cada vez menos, além de ter demonstrado o hábito de deixar incompleta a maioria de suas obras, mostrando-se insatisfeito em relação a elas e pouco preocupado com o seu destino. Se, a princípio, Leonardo fora atraído pela ciência em consequência de seu interesse artístico, a fim de reproduzir fielmente a natureza em seus quadros, posteriormente sua qualidade de investigador veio a prejudicar sua condição de pintor, afastando-o da atividade pictórica.

A fim de compreender tais aspectos biográficos de Leonardo, Freud suscita o leitor à investigação da vida sexual do artista, argumentando que, se um ensaio biográfico se propõe a penetrar na vida anímica de seu herói, não pode abster-se de abarcar "a peculiaridade sexual do indagado"²⁴⁴. Embora se conheça pouco a respeito desse aspecto em sua história, de antemão é sublinhada a atrofia da sexualidade de Leonardo, da ordem de uma frigidez. Não se tem notícia de seu envolvimento com nenhuma mulher e, apesar dos rumores, também não é possível confirmar o comércio sexual entre ele e seus discípulos, jovens e belos homens. Para o psicanalista, este silenciamento de tudo que diz respeito ao sexual na vida de Leonardo se harmoniza com sua mencionada "dupla natureza"²⁴⁵ de artista e investigador - a condição para amar ou odiar algo consiste em conhecê-lo, segundo as próprias declarações de da Vinci no *Tratado da pintura*, citado por Freud. Quer dizer que, diferentemente do que se encontra correntemente entre os indivíduos - o amor e o ódio como sentimentos impulsivos, que antecedem o conhecimento acerca do objeto -, em Leonardo o afeto é submetido ao trabalho

243 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 61.

244 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 64.

245 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 68.

do pensar: "Seus afetos eram dominados, submetidos à pulsão de investigar (*Forschertrieb*); não amava ou odiava, senão que se perguntava por que deveria amar ou odiar, e o que significava isso"²⁴⁶.

Essa constelação psíquica explica porque a pulsão de investigar se tornou hipertrófica em Leonardo, embora ele tenha iniciado sua incursão pela ciência a serviço da arte. Tais características são interpretadas por Freud como indícios da submissão da pulsão sexual à pulsão de investigar no protagonista das análises empreendidas - a mudança de seus afetos, sua paixão, em apetite de saber (*Wißbegierde*). As observações da psicanálise inclinam-se a atribuir à tal hegemonia da pulsão de investigar, assim como à particular intensidade de qualquer outra pulsão, uma origem infantil e reforçada pelas forças pulsionais (*Triebkräfte*) sexuais, de modo que, posteriormente, venha a substituir um fragmento da atividade sexual. Na história infantil, a pulsão hiperpotente provavelmente estava a serviço de interesses da sexualidade, e no caso específico do predomínio da pulsão de saber, Freud convoca o período de investigação sexual infantil²⁴⁷ como testemunho desse enlace.

Baseado no pressuposto de que o período de investigação sexual infantil é atingido por uma onda de repressão sexual (*Sexualverdrängung*), Freud propõe três possibilidades quanto ao destino posterior da pulsão de investigar, decorrentes de sua ligação prévia com os interesses sexuais. Os dois primeiros tipos podem ser descritos, resumidamente, como uma inibição do apetite de saber, assim como a sexualidade fora inibida por ter sido alvo da repressão, chamado de inibição neurótica; ou a compulsão neurótica do pensamento - o retorno, desde o inconsciente, da investigação sexual sufocada pela repressão, que resulta na sexualização do pensar e na transformação do próprio investigar em atividade sexual, na medida em que as operações do pensamento envolvem prazer e angústia, que são características próprias dos processos sexuais.

O terceiro, considerado como o tipo "mais raro e perfeito"²⁴⁸, é o que mais nos interessa por ser o caso de Leonardo. Nele, por uma disposição peculiar, apesar da ocorrência da repressão sexual, a pulsão sexual não é lançada no inconsciente: "a libido escapa ao destino

246 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 69.

247 Como nos diz Freud, trata-se de um período atravessado por muitas crianças por volta do terceiro ano de vida, que se concentra em investigar de onde vêm as crianças. Normalmente, esse apetite de saber irrompe na criança quando nasce um irmão, o que é vivido como uma ameaça para seus interesses egoístas (FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 73). Freud considera que a investigação sexual infantil colabora para o entendimento de que o apetite de saber, enquanto pulsão particularmente intensa na vida anímica, surge desde a infância, é reforçado por forças pulsionais sexuais e, posteriormente, vem a substituir um fragmento da vida sexual, à semelhança do que se pode observar em Leonardo.

248 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 74.

da repressão sublimando-se desde o começo mesmo em um apetite de saber e somando-se como reforço à vigorosa pulsão de investigar"²⁴⁹. Ainda que pela sublimação também se alcance certa compulsão do pensamento e, em certo grau, este substitua a atividade sexual, trata-se de processos psíquicos de bases diferentes - a irrupção desde o inconsciente da investigação sexual reprimida, ao lado dos dois primeiros tipos, pertencente ao mecanismo neurótico; e a sublimação²⁵⁰, ao lado do terceiro tipo, no qual "dele [do investigar] está ausente a atadura aos originários complexos da investigação sexual infantil, e a pulsão pode operar livremente sua atividade a serviço do interesse intelectual."²⁵¹

Contextualizar essa discussão de Freud sobre a sublimação é relevante na medida em que ele assume um tipo de homossexualidade em Leonardo, já na parte inicial de seu estudo, relacionada com sua hiperintensa pulsão de investigar, que por sua vez estava encadeada com interesses sexuais na infância:

Se nos atrevemos a relacionar a hiperpotente pulsão de investigar de Leonardo com a atrofia de sua vida sexual que se limita à homossexualidade chamada ideal [sublimada], nos inclinaremos a tomá-lo como o paradigma de nosso terceiro tipo. Então, o núcleo e o segredo de seu ser seria que, depois de uma atividade infantil do apetite de saber a serviço de interesses sexuais, conseguiu sublimar a maior parte de sua libido como esforço de investigar (*Forscherdrang*).²⁵²

249 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 75.

250 Não nos debruçaremos sobre o tema da sublimação no escrito sobre Leonardo, no entanto, é oportuno indicar que, segundo Laplanche, "esse estudo é, sem dúvida, o mais completo sobre o assunto, embora tenha ainda numerosas lacunas" (LAPLANCHE, J. **Problemáticas, III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 57). Se voltarmos ao primeiro capítulo, lembraremos que Freud menciona a sublimação em *Introdução ao narcisismo*, na ocasião em que discorre sobre o ideal do eu, sob o ponto de vista da distinção entre aquele processo e a idealização. Em 1914, Freud define a sublimação como um processo relativo à pulsão sexual e aos rumos da libido de objeto - a pulsão sexual se desvia da meta sexual -, ao passo que a idealização diz respeito à libido do eu ou à libido de objeto, já que consiste em engrandecer psiquicamente o eu ou o objeto. A sublimação é considerada uma via de escape que permite a satisfação das exigências do ideal do eu sem que isso seja feito através da repressão (FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 91-92). É interessante notar que há convergências do processo sublimatório conforme ele é descrito no artigo sobre o narcisismo e da sublimação conforme ela é descrita quatro anos antes, no texto sobre Leonardo da Vinci, na medida em que aqui já podemos reconhecer a ideia de que a pulsão é desviada de sua meta sexual e o faz por outra via que não a da repressão - quando a pulsão de investigar, outrora ligada a interesses sexuais, tem a sublimação como destino (o caso de Leonardo), desvincula-se da investigação sexual infantil; por conseguinte, desvia-se do alvo sexual e coloca-se a serviço da investigação intelectual, sem sucumbir à repressão.

251 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 75 (colchetes nossos).

252 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 75. Gostaríamos de retomar aquela constatação de Elizabeth Roudinesco com a qual encerramos a primeira parte deste capítulo, concentrada na nota de rodapé dos *Três ensaios de teoria sexual*, e demos início à incursão sobre *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*: "Ou seja, se o homem no sentido freudiano é marcado pela tragédia do desejo, o homossexual não passa, do ponto de vista da tragicidade humana em geral, de um sujeito ainda mais trágico do que o neurótico comum, uma vez que sua escolha sexual instala-o à margem da sociedade burguesa. Seu único recurso então é tornar-se um criador, a fim de assumir o próprio drama. Encontramos essa posição no ensaio que Freud dedica a Leonardo da Vinci" (ROUDINESCO, E. **Em defesa**

Freud encerra a primeira seção do texto com ressalvas quanto a comprovar essa primeira tese sobre Leonardo, na medida em que faltam informações biográficas sobre ele, sobretudo referentes a seu desenvolvimento anímico na primeira infância. Às impressões infantis, o psicanalista concede importância decisiva na constituição psíquica dos indivíduos, conforme demonstra este trecho da segunda parte do texto: "De fato, nos primeiros três ou quatro anos de vida se fixam impressões e irrompem modos de reação frente ao mundo exterior dos quais nenhum vivenciar posterior pode mais arrebatá-las" ²⁵³. Fica justificada a incursão, à qual Freud instigará o leitor na sequência de seu escrito, por entre as experiências infantis do artista e cientista, sobre quem apenas se tem as informações de ter sido um filho extraconjugal que viveu por um tempo indeterminado somente com a mãe, chamada Caterina. O único registro documentado relativo à infância de Leonardo data de seus cinco anos; menciona-o como filho ilegítimo de Ser Piero Da Vinci quem, já casado com outra mulher, com a qual não teve filhos, acolhera Leonardo em sua casa.

O ponto de partida da segunda seção - e também conteúdo central da obra - é a alusão de Leonardo à sua infância, provavelmente a única, presente em um de seus escritos científicos que versa sobre o voo do abutre, em que ele descreve a recordação (*Erinnerung*) de ter sido visitado em seu berço por um abutre (*Geier*) que abriu-lhe a boca com sua cauda (*Schwanz*) e golpeou com ela contra seus lábios, justificando, assim, que parecia estar destinado há tempos a se ocupar dessa ave de rapina ²⁵⁴. Freud também chama a recordação de infância (*Kindheitserinnerung*) de Leonardo de fantasia (*Phantasie*), por conta dela se referir a um período demasiadamente precoce: "Aquela cena com o abutre não há de ser uma recordação de Leonardo, senão uma fantasia que ele formou mais tarde e transferiu a sua infância." ²⁵⁵ Para Freud, não é possível distinguir precisamente as recordações infantis das fantasias; as primeiras, na medida em que são recuperadas, sofrem alterações e são colocadas

da psicanálise: ensaios e entrevistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 47-48). É pertinente recuperar este comentário na medida em que ele se torna mais claro depois da leitura desse trecho de Freud ao qual anexamos essa nota de rodapé. Freud considera que o núcleo e o segredo de Leonardo estão na sublimação da pulsão sexual da qual ele é capaz, que explica sua exuberante capacidade intelectual e criativa, ao mesmo tempo em que justifica sua vida sexual atrofiada, ou melhor, sua homossexualidade, que Freud nomeia de ideal. O drama da homossexualidade é socialmente ajustado na medida em que as pulsões libidinosas de Leonardo são sublimadas - desviadas de seu fim sexual - e têm como destino a atividade intelectual e, podemos acrescentar, artística.

253 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 85.

254 É precisamente nesse ponto que se encontra o erro de tradução, já que na tradução alemã utilizada por Freud o termo italiano que designa a ave - *nibio* - fora traduzido por *Geier*, que significa abutre, e não por *milan*, que é o vocábulo correto. Ele é especialmente prejudicial e levantou questionamentos porque o psicanalista deriva uma série de interpretações colocando o "abutre" como fundamento.

255 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 77.

a serviço de tendências posteriores à infância, o que, no entanto, não retira sua validade. Através da analogia com o desenvolvimento da atividade historiográfica entre os povos antigos²⁵⁶, que também é composta tardiamente, implica em desfigurações e nem por isso deixa de representar (*repräsentieren*) a realidade do passado (*Realität der Vergangenheit*), Freud ressalta a capacidade das recordações infantis ou fantasias dos indivíduos de revelar traços essenciais de sua vida anímica.

Assim, é delineada a proposta do autor de "preencher as lacunas da biografia de Leonardo mediante a análise de sua fantasia infantil"²⁵⁷, ancorado nas técnicas psicanalíticas, que consistem em recursos eficazes para iluminar aquilo que se encontra escondido ou que nos parece obscuro. Trata-se, para Freud, de enxergar a fantasia infantil do protagonista do estudo com "os olhos do psicanalista"²⁵⁸, traduzi-la (*übersetzen*) de sua linguagem privada (*eigentümliche Sprache*) para palavras que possam ser compartilhadas por todos, à semelhança do que se pode empreender com os aparentemente enigmáticos sonhos, delírios ou outros tipos de criações psíquicas, com a expectativa de que seja possível apreender deles um significado (*Bedeutung*)²⁵⁹. No caso de Leonardo, Freud afirma de antemão que a tradução (*Übersetzung*) da fantasia conduz ao erótico; a relação convocada pelo autor é aquela que associa a cauda do abutre ao órgão sexual masculino²⁶⁰ e, conseqüentemente, a fantasia do abutre que golpeia contra os lábios da criança com sua cauda ao sexo oral praticado no genital masculino.

O psicanalista chama a atenção para o caráter passivo desse tipo de atividade sexual, praticada pelas mulheres e pelos homossexuais passivos²⁶¹. Avança mais um pouco ao conceber a atitude de introduzir o genital masculino na boca para mamá-lo (*saugen*) como uma refundição (*Umarbeitung*) da experiência de tomar o seio materno na boca para mamar

256 Cf. FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 78-79.

257 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 80.

258 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 80.

259 É notável o movimento efetuado por Freud na seqüência do texto, desde tal conhecimento restrito sobre o desenvolvimento anímico de Leonardo na primeira infância, até as múltiplas e complexas interpretações sobre sua figura, à semelhança da imagem de um feixe de luz divergente que parte de um ponto isolado e se propaga em diversas direções. Chegar-se-á até a discussão sobre a homossexualidade e o narcisismo através dessa fantasia infantil de Leonardo.

260 A associação imediata se dá pelo significado da palavra "cauda" - *Coda*, no italiano; *Schwanz* no alemão; *Cola* no espanhol. Freud explica que "é um dos mais familiares símbolos e designações substitutivas do membro viril, não menos em italiano que em outras línguas" (FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 80).

261 Entenda-se: "aqueles que desempenham o papel feminino no ato sexual" (FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 80).

(*saugen*), nosso "primeiro gozo vital"²⁶². Conclui parcialmente, então, que por trás da fantasia de Leonardo se encontra a memória da vivência infantil da amamentação: "Na verdade, atrás dessa fantasia não se esconde outra coisa que uma reminiscência do mamar - ou do ser amamentado - no peito materno"²⁶³.

Se da imagem do abutre que abriu-lhe a boca com sua cauda e golpeou com ela contra seus lábios Freud chega ao sexo oral praticado no genital masculino, e deste, por sua vez, à experiência de ser amamentado pela mãe, qual seria a causa da refundição da amamentação em uma fantasia homossexual passiva? Esta é uma das questões que emerge como precipitado diante dessa análise da recordação infantil de Leonardo. A resposta de Freud a esta pergunta interessa-nos em especial, por circunscrever-se ao tema da homossexualidade. Para tanto, saltaremos para a terceira parte do estudo sobre Leonardo, na qual o psicanalista se propõe a avançar no trabalho de interpretação (*Deutungsarbeit*) da fantasia infantil do protagonista da obra. Trata-se da seção mais importante do texto de acordo com nossos propósitos, visto que a discussão acerca de seus conteúdos desemboca na referência ao narcisismo e em sua relação com a homossexualidade.

4.2.2 A gênese psíquica da homossexualidade ideal de Leonardo segundo a investigação psicanalítica

No início da terceira seção do escrito, para solucionar o enigma da transformação de ser amamentado no peito materno em fantasia homossexual passiva, o ponto de partida de Freud consiste na figura do abutre. Como vimos, segundo a interpretação freudiana, na recordação infantil de Leonardo o abutre consiste em um símbolo materno, na medida em que o autor convoca a experiência da amamentação sobre a qual se edifica a fantasia: "A mãe que amamenta à criança - melhor: de quem a criança mama - se transforma em um abutre que introduz sua cauda na boca da criança."²⁶⁴ Portanto, ao mesmo tempo, este abutre é dotado "com o distintivo da masculinidade"²⁶⁵, visto que sua cauda é símbolo do órgão sexual masculino. Como conceber esse aparente absurdo? Vejamos por meio de quais caminhos

262 Freud nos diz: "A impressão orgânica deste nosso primeiro gozo vital deixou em nós um selo indelével" (FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 81). Conforme é possível notar, persiste em Freud a noção do mamar como vivência primária de satisfação, que fundamenta a ideia de apoio da pulsão sexual nas funções vitais nos *Três ensaios...*, conforme observamos no terceiro capítulo: a satisfação da necessidade biológica de nutrição gera como efeito marginal a excitação sexual, que posteriormente se torna independente das funções orgânicas e passa a se comportar de forma autoerótica.

263 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 81.

264 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 87.

265 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 87.

Freud se arrisca a encontrar explicações para essa conjunção da feminilidade e da masculinidade no abutre-mãe da fantasia de Leonardo.

Primeiramente, envereda pela mitologia que, com suas figuras andróginas de divindades maternas, exibiria a mesma conjunção da maternidade e da virilidade que é reconhecida na figura do abutre da fantasia de da Vinci. Freud adverte, contudo, que o recurso à mitologia não basta: "Mas nenhuma destas observações nos esclarece o enigma psicológico de que à fantasia dos seres humanos não escandalize dotar do signo da força viril, o oposto à maternidade, a uma figura em que supostamente se corporizaria a essência da mãe"²⁶⁶. Para o psicanalista, na verdade, o esclarecimento efetivo desse "enigma psicológico" se encontra nas teorias sexuais infantis. Basicamente, elas provam que "Houve um tempo, em efeito, em que o genital masculino esteve unido à figuração (*Darstellung*) da mãe."²⁶⁷ Para justificar esta tese expõe, em pouco mais de duas páginas, o complexo de castração²⁶⁸, com uma ênfase particular ao período inicial que antecede o reconhecimento da diferença sexual e a ameaça de castração, em que vigora a crença de que a menina - o que inclui a mãe - também possui o genital masculino. A primeira representação (*Vorstellung*) que o menino tem do corpo da mãe unifica as características femininas ao pênis, o que leva Freud a afirmar que "o suposto infantil do pênis materno é a fonte comum da qual derivam tanto a figura andrógina das divindades maternas, [...] como a 'coda' do abutre na fantasia de infância de Leonardo."²⁶⁹

O trabalho de tradução dessa criação psíquica do protagonista da obra, no qual Freud já havia declarado estar empenhado desde o princípio, não se esgota por aqui. Foram esclarecidos os aspectos relativos à cauda do abutre como símbolo do órgão sexual masculino, porém continua aberta a questão do aspecto claramente homossexual da mudança da atividade de mamar no peito materno para a passividade de ser amamentado, ponto pelo qual havíamos indicado nosso interesse e pautado nossa justificativa em saltar para a terceira parte do escrito sobre Leonardo. Freud indicará, então, a relação entre Leonardo e sua mãe, esta figura central na experiência da amamentação, como chave para compreender a modificação em fantasia homossexual passiva:

Uma breve reflexão nos adverte agora que na fantasia de Leonardo não podemos

266 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 88.

267 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 88.

268 Não entraremos em detalhes quanto à retomada do problema da castração. Interessa-nos destacar que é através das teorias sexuais infantis que Freud fornece uma explicação para o abutre reunir a condição de símbolo da mãe, ao mesmo tempo em que sua cauda simboliza o pênis do homem (Cf. FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 88-90).

269 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 91.

contentar-nos com o esclarecimento da cauda do abutre. Aquela parece conter mais coisas que ainda não compreendemos. Na verdade, seu traço mais chamativo era que mudava o mamar do peito materno em um ser-amamentado, vale dizer, em passividade e, deste modo, em uma situação de inequívoco caráter homossexual. Se temos presente a probabilidade histórica de que Leonardo tenha se comportado em sua vida como uma pessoa de sentir homossexual, nos vemos levados a perguntar-nos se esta fantasia não aponta a um vínculo causal entre a relação infantil de Leonardo com sua mãe e sua posterior homossexualidade manifesta, se bem ideal [sublimada]. Não nos atreveríamos a inferi-lo a partir dessa desfigurada reminiscência de Leonardo se não soubéssemos, pelas indagações psicanalíticas de pacientes homossexuais, que esse vínculo existe, e ainda é estreito e necessário.²⁷⁰

Freud assegura, então, que todos os homossexuais submetidos à psicanálise mantiveram uma ligação erótica particularmente intensa com uma pessoa do sexo feminino, normalmente a mãe. Esse vínculo se estabeleceu na primeira infância e foi fadado ao esquecimento na posteridade. O autor considera que a "hiperternura"²⁷¹ (*Überzärtlichkeit*) da mãe provoca ou favorece o estabelecimento dessa ligação erótica, ao passo que sua sustentação se deve ao afastamento do pai na configuração familiar da vida infantil, que teria deixado o caminho livre para a influência feminina sobre o menino. Consequentemente, Freud supõe que a presença de um pai forte tivesse o poder de garantir a escolha heterossexual de objeto. O psicanalista ainda aponta que sustenta tal explicação da gênese da homossexualidade mesmo que os próprios homens homossexuais, através de seus "portavozes teóricos"²⁷², defendam outro tipo de fundamento para sua escolha de objeto, ao apresentarem-se como um terceiro sexo e presumirem que estão submetidos a determinadas condições orgânicas que os impelem a se sentirem atraídos por outros homens e não pelas mulheres.²⁷³

Após constatar o estágio precedente de fixação à mãe, suscitado pela fantasia de Leonardo e apoiado nos casos de homossexuais abordados pela psicanálise, Freud segue com

270 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 92.

271 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 92.

272 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 92.

273 Em uma nota de rodapé agregada em 1919, seguinte a este fragmento em que Freud fornece alguns dados provenientes da investigação psicanalítica para conceber a homossexualidade de tal forma, o psicanalista identifica dois fatos certos, ainda que não exclusivos, para a compreensão desse tipo de escolha de objeto. Ambos são familiares a nós se recordarmos as explanações anteriores deste capítulo. Primeiro, o conhecido período de fixação à mãe; segundo, a tese da universalidade da escolha de objeto homossexual, à qual Freud não alude no corpo do escrito sobre Leonardo da Vinci, mas que pudemos observar naquela nota de rodapé dos *Três ensaios de teoria sexual*. Reconhece que todas as pessoas, mesmo as heterossexuais, chegaram a consumir tal eleição objetual, porém as consequências possíveis diante dela são sua conservação no inconsciente, ou a luta defensiva contra ela. Estes são motivos suficientes, segundo Freud, para objetar a explicação dos próprios homossexuais, baseada em uma diferença constitucional que os impede de encontrarem satisfação no trato com a mulher, bem como o debate sobre a homossexualidade ter origem inata ou adquirida, ao qual Freud demonstrara sua reprovação também desde a importante nota de rodapé dos ensaios sobre a sexualidade (Cf. FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, nota 11, p. 93).

a descrição do mecanismo de instauração da homossexualidade. Enfim, chegamos ao ápice da argumentação freudiana, no que concerne à finalidade de investigar narcisismo e homossexualidade:

O amor em direção à mãe não pode prosseguir o ulterior desenvolvimento consciente, e sucumbe à repressão (*Verdrängung*). O rapaz reprime seu amor pela mãe pondo-se ele mesmo no lugar dela, identificando-se com a mãe e tomando a sua própria pessoa como o modelo à semelhança do qual escolhe seus novos objetos de amor. Assim se tornou homossexual; na realidade, deslizou até atrás, até o autoerotismo, pois os rapazes a quem ama agora, já crescido, não são senão pessoas substitutas e novas versões de sua própria pessoa infantil, e os ama como a mãe amou a ele mesmo quando criança. Dizemos que acha seus objetos de amor pela via do *narcisismo*, pois a saga grega menciona um jovem Narciso a quem nada agradava tanto como sua própria imagem refletida no espelho e foi transformado na bela flor desse nome.²⁷⁴

Freud continua sua exposição com a afirmação de que o mecanismo característico da gênese psíquica da homossexualidade, por conta da repressão dirigida ao amor pela mãe, implica na permanência, no inconsciente, da fixação a sua imagem mnêmica e da fidelidade a ela. O homossexual, ao invés de correr atrás dos rapazes, está, na verdade, fugindo das outras mulheres para continuar sendo fiel à mãe. Desse modo, ele também está sujeito à atração que provém da mulher, porém a transfere para um objeto masculino, como forma de repetir o dispositivo através do qual se inclinou à essa escolha de objeto invertida e manter, assim, o amor pela mãe na esfera do inconsciente:

Considerações psicológicas de maior profundidade justificam a tese de que a pessoa tornada homossexual por essa via permanece no inconsciente fixada à imagem mnêmica de sua mãe. Em virtude da repressão do amor por sua mãe, conserva este no inconsciente e desde então permanece fiel à mãe. Quando parece correr como amante atrás dos rapazes, o que na realidade faz é correr para refugiar-se das outras mulheres que poderiam fazê-lo infiel. Ademais, pela observação direta de casos pudemos comprovar que essas pessoas, em aparência só receptivas para o encanto masculino, na verdade estão submetidas como as normais à atração que parte da mulher; mas em cada nova oportunidade se apressam a transferir a um objeto masculino a excitação recebida da mulher, e dessa maneira repetem continuamente o mecanismo pelo qual adquiriram sua homossexualidade.²⁷⁵

Freud enfatiza a ressalva de que não pretende generalizar esse esclarecimento, dado que, possivelmente, se trata de apenas um dos tipos de homossexualidade, que pode ser entendida como aquela sublimada, exteriorizada por uma vida sexual inibida, tal como aparece em Leonardo. De todo modo, não recusa que fatores constitucionais desconhecidos possam ter participação tanto na gênese desse gênero de homossexualidade quanto de outros.

Embora Freud ainda insista nas elucidações sobre a homossexualidade de Leonardo no

274 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 93 (grifo do autor).

275 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 94.

decorrer do texto, algumas das quais abordaremos adiante, consideramos que já apresentamos o essencial sobre esse tipo de escolha de objeto contido neste artigo, sobretudo no que se refere ao papel ocupado pelo narcisismo em sua gênese. Do que pudemos observar até aqui, interessa-nos acrescentar alguns comentários de Laplanche que se revelam esclarecedores a respeito da explicação psicanalítica da homossexualidade fornecida por Freud no escrito sobre Leonardo e do conteúdo da fantasia infantil do protagonista da obra que levou até ela:

Em relação a essa "lembrança", Freud formula, por exemplo, o seguinte problema: se associarmos a lembrança à sucção do seio, esta é ativa por parte do bebê; ora, a recordação de Leonardo apresenta-se sob um aspecto passivo, já que é o abutre que vem bater com sua cauda entre os lábios da criança. Há, portanto, uma inversão da atividade em passividade, problema metapsicológico a que Freud nunca deixou de prestar a maior atenção. [...] essa inversão pode ser relacionada com um certo tipo de devir homossexual, o primeiro tipo que Freud, aliás, detectou, o mais famoso senão o mais frequente, aquele que passa pela identificação com a mãe: um amor quase exclusivo pela mãe culmina numa identificação com ela e numa escolha de objeto narcísico (o narcisismo é um ponto de referência central no estudo de Leonardo [...]): os objetos sexuais correspondem ao que o próprio indivíduo era, quando ele era o objeto dos cuidados de sua mãe. Portanto, tendo se identificado com a mãe, ele escolhe seus objetos de acordo com o modelo do que outrora foi para ela, uma criança mimada. Vocês percebem, por certo, que, segundo esta análise, os homossexuais não estão, insisto, fixados no homem mas na mãe. Sua escolha de uma pessoa do mesmo sexo é uma escolha narcísica.²⁷⁶

De acordo com a nossa exposição das explanações de Freud sobre a homossexualidade e a menção ao narcisismo no estudo sobre Leonardo, e conforme a síntese que tomamos emprestada de Laplanche situada neste mesmo domínio, gostaríamos de interpolar algumas observações que julgamos relevantes. Primeiramente, autorizamo-nos a decompor o mecanismo psíquico que leva à escolha de objeto homossexual em quatro tempos: (a) fixação à mãe; (b) repressão do amor pela mãe; (c) identificação com ela; (d) escolha de objeto homossexual. É na última etapa que o narcisismo adquire visibilidade, dado que é pela via narcísica que o homossexual escolhe seus objetos de amor, tomando a si mesmo como modelo, para que eles o amem assim como a mãe o amou em sua primeira infância.

Depois, interessa-nos comparar a concepção de Freud a respeito da homossexualidade no estudo sobre Leonardo da Vinci e na nota de rodapé dos *Três ensaios...*, que conduz à confirmação de que é possível elencar uma série de convergências. No trecho presente desde 1910 da nota Freud reconhece, basicamente, as mesmas etapas até a escolha de objeto homossexual, efetuada pela via narcísica. Exceto por poucos detalhes - vale a pena pontuar que, quando o psicanalista menciona a fixação à mãe nos *Três ensaios...*, refere-se à superação (*Überwindung*) desse período infantil, para que depois se desenrole a identificação com ela e,

276 LAPLANCHE, J. **Problemáticas, III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 66.

subsequentemente, a escolha homossexual por meio do narcisismo. Já no escrito sobre Leonardo, o amor pela mãe é submetido à repressão (*Verdrängung*) - é destinado ao inconsciente, onde se mantém. De qualquer forma, a conservação do amor pela mãe é marcante nas duas referências tratadas, independentemente dele ter sido superado ou reprimido. O indivíduo homossexual repete o mecanismo através do qual se estabeleceu a homossexualidade durante toda sua vida - transfere a excitação provocada pela mulher a um objeto masculino, o que significa que aspira ao homem para fugir das mulheres e, dessa forma, permanecer fiel à mãe.

Além disso, tanto nos *Três ensaios...* quanto em *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*, Freud destaca que suas considerações se aplicam a apenas um dos tipos de homossexualidade, a saber, aquela caracterizada por uma vida sexual inibida, cujo resíduo se exterioriza nesse tipo de conduta sexual²⁷⁷. Em ambos os textos, a ausência do pai na infância aparece como facilitador para a instauração da homossexualidade, já que determina o cenário da criança livre à ternura excessiva da mãe e, conseqüentemente, aos essenciais vínculos eróticos entre mãe e filho que conduzem à escolha de objeto homossexual²⁷⁸.

Por fim, interessa-nos marcar que no texto sobre Leonardo há uma informação a mais que não se encontra na nota de rodapé dos *Três ensaios...*. Apesar de em ambas as obras ser destacado o papel do narcisismo como uma espécie de recurso ou meio através do qual o sujeito homossexual escolhe os objetos sexuais, na primeira referência Freud menciona um deslize até atrás, até o autoerotismo, para que se efetue tal escolha de objeto específica. Vemos que é a primeira vez que autoerotismo e narcisismo aparecem lado a lado na teoria freudiana. Entretanto, o autor trata do que pode ser considerado como um retorno ao autoerotismo e de um encontro dos objetos de amor pela via do narcisismo, sem que fique clara a distinção entre os dois conceitos e em que medida eles se relacionam, conforme esclarece Simanke:

Um outro ponto digno de nota é que Freud emprega, nesta passagem, tanto o termo "narcisismo" quanto "auto-erotismo". Na forma como eles se articulam no texto, tem-se a impressão de que *narcisismo* é o modo de escolha de objeto que resulta de uma fixação na *fase auto-erótica*. O narcisismo terá, ainda, que distinguir-se do auto-erotismo enquanto *fase* antes que possa constituir-se em um *modo de operação*

277 É digno de nota que essa constatação é feita por Freud no trecho da nota de rodapé que está presente apenas na edição de 1910 dos *Três ensaios...* e que é suprimido nas edições posteriores, conforme indicamos na primeira parte deste capítulo.

278 Para rememorar, este fator é acrescentado à nota de rodapé dos *Três ensaios...* junto às adições de 1915, no contexto das indicações de Freud sobre fatores acidentais que têm a capacidade de favorecer a homossexualidade.

psíquica particular.²⁷⁹

Como já adiantamos anteriormente, o narcisismo irá ultrapassar o campo da escolha de objeto homossexual, adquirir o estatuto de fase regular, possível de ser identificada em todos os indivíduos, e ser discriminado do autoerotismo a partir de 1911, com a publicação do caso Schreber, que será abordado no próximo capítulo. Por enquanto, no estudo sobre Leonardo da Vinci notamos o narcisismo como marca da escolha de objeto homossexual e identificamos o prenúncio das relações que serão estabelecidas entre ele e autoerotismo.

Feitos os comentários a respeito daquilo que entendemos como essencial acerca da relação entre homossexualidade e narcisismo, propomos um breve retorno ao texto sobre Leonardo da Vinci, a fim de complementar a temática de nosso interesse. Isso porque, em todo o final da terceira parte do estudo sobre o artista e investigador e em alguns trechos das partes quatro e cinco, Freud dispõe-se a provar sua tese de que ele pode ser considerado homossexual, incluído nessa categoria de homossexualidade que é familiar à psicanálise. Neste esforço, o autor reforça aspectos que nos são caros, como a importância da fixação à mãe e do narcisismo na gênese da escolha de objeto homossexual, na medida em que Leonardo toma a si mesmo como modelo de seus objetos sexuais, os quais são substitutos de sua pessoa infantil, para amá-los como a mãe o amou. Acompanhem alguns pontos da argumentação freudiana, com base no entendimento que esperamos ter adquirido sobre homossexualidade e narcisismo e com o intuito de obter um retrato desse enlace, já que Freud ilustra-o através dos dados contidos no diário íntimo de Leonardo, citados por seus biógrafos, e de suas criações artísticas.

Ainda na terceira parte, o psicanalista trata das notas de da Vinci sobre pequenos desembolsos destinados aos gastos com seus discípulos, conhecidos por serem rapazes jovens escolhidos por sua beleza e não propriamente por seu talento artístico, e com o funeral de sua mãe²⁸⁰. Trata-se de anotações distintas por sua minuciosa precisão, o que leva Freud a se questionar sobre o motivo que levou Leonardo a registrar tais notas em seu diário íntimo. Para o psicanalista, só poderia ser uma razão "de natureza afetiva"²⁸¹. A interpretação freudiana, de

279 SIMANKE, R. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 118 (grifos do autor).

280 O diário de Leonardo traz anotações sobre os gastos com o funeral de uma mulher chamada Caterina e Freud assume como correta a suposição de um dos biógrafos de da Vinci, o poeta Merejkovski, de que este era o nome da mãe do artista e investigador. Ela teria ido à Milão visitar o filho em 1493, ocasião em que ficou doente e foi internada por Leonardo, quem se encarregou de seu enterro após sua morte (FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 98).

281 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 97.

forma sintética, é a de que tal compulsão de anotar consiste em uma forma de expressão desfigurada de moções libidinosas reprimidas, à semelhança do mecanismo da neurose obsessiva, em que sentimentos intensos, tornados inconscientes pelo trabalho da repressão, manifestam-se por meio de deslocamentos até atos e pensamentos aparentemente insignificantes. A ação ínfima é compulsiva e, por essa via, é delatado o poder efetivo das moções inconscientes, as quais a consciência se esforça por desmentir (*verleugnen*). No caso de Leonardo, tanto a mãe quanto os discípulos teriam sido seus objetos sexuais, até que a repressão passou a atuar e gerou como precipitado tais recordações do diário, ínfimas e quase irreconhecíveis, sobre os gastos direcionados a eles - uma solução de compromisso do conflito neurótico rudimentar entre a consciência e as moções inconscientes do amor infantil pela mãe e do amor homossexual pelos discípulos:

A mãe e os discípulos, os homólogos de sua própria beleza quando rapaz, haviam sido seus objetos sexuais - até onde a repressão do sexual que governava seu ser admitira semelhante caracterização -, e a compulsão de anotar com penosa proximidade os desembolsos devidos a eles seria a estranha revelação desses rudimentares conflitos. Assim, haveríamos obtido o resultado de que a vida amorosa de Leonardo efetivamente pertence ao tipo de homossexualidade cujo desenvolvimento psíquico pudemos descobrir, e a emergência da situação homossexual em sua fantasia sobre o abutre se tornaria compreensível para nós, pois ela não enunciava outra coisa senão o que desde antes afirmamos acerca desse tipo. Requereria esta tradução: "Por obra desse vínculo erótico com a mãe me tornei um homossexual".²⁸²

A fantasia do abutre, portanto, seria uma revelação da situação homossexual de Leonardo, que confirmou o que já vinha sendo exposto sobre o tipo de homossexualidade desnudado pela psicanálise. A mesma insistência em destacar os vínculos eróticos entre mãe e filho, centrais na fantasia do abutre, de participação fundamental na história psíquica de Leonardo e, conseqüentemente, na gênese de sua homossexualidade, então confirmada pela argumentação de Freud, é identificada na parte quatro do escrito. Para Freud, o abutre-mãe que golpeia os lábios da criança com sua cauda remete não somente à mãe que amamenta a criança, como já havia sido sugerido, mas que a beija apaixonadamente. A confirmação de que este conteúdo mnêmico também se encontra na base da fantasia de Leonardo é encontrada por Freud nas próprias obras do artista, o que o leva a discorrer sobre o fascínio do menino por sua mãe evidenciado em suas criações que retratam a figura feminina. A título de exemplo, segundo Freud, o sorriso de Gioconda, magistralmente ilustrado no retrato de Mona Lisa e transferido depois para diversos outros rostos pintados por Leonardo, teria convocado a

282 FREUD, S. **Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci**. AE, vol. 11, p. 99.

recordação de sua mãe e, justamente por isso, cativado o artista de tal forma. Freud também informa ao leitor que da Vinci, no início do exercício de sua arte, costumava produzir com terracota esculturas de cabeças de mulheres sorridentes e de cabeças de meninos. A interpretação psicanalítica é a de que essa característica de sua produção artística remete às duas classes de objetos sexuais do artista, revelados pela fantasia do abutre - a mãe, com a qual estabeleceu um vínculo erótico significativo, e as multiplicações de sua própria pessoa infantil, que evidenciam, mais uma vez, que é pela via do narcisismo que o homossexual escolhe seus objetos.

Em suma, pudemos acompanhar tanto na nota de rodapé dos *Três ensaios...*, quanto em *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*, consideradas como as primeiras referências de Freud ao narcisismo em sua obra pública, a importância da explicação da homossexualidade para a apresentação do narcisismo. A princípio, ele emerge como meio pelo qual o homossexual escolhe seus objetos dentro do esquema explicativo que exploramos exaustivamente neste capítulo, no qual percorremos mais um passo importante para sua apresentação conceitual, efetivada em *Introdução ao narcisismo*. Passemos, então, para o quinto e último capítulo, a fim de investigar como o narcisismo ultrapassa as fronteiras da homossexualidade e se aproxima ainda mais do arranjo ao qual se ajustará em 1914.

CAPÍTULO 5. A DISTINÇÃO ENTRE AUTOEROTISMO E NARCISISMO

Após termos nos dedicado, no capítulo anterior, a rastrear as primeiras menções ao narcisismo na teoria freudiana, situadas no campo da escolha de objeto homossexual, e termos nos deparado, no artigo sobre Leonardo da Vinci, com os vínculos ainda indefinidos, porém sinalizados, entre autoerotismo e narcisismo, alcançamos nosso último capítulo - o último passo que nos comprometemos a percorrer no itinerário de reconstruir a formação conceitual do narcisismo na obra de Freud. Neste capítulo, nossa finalidade consiste em abordar a admissão do narcisismo como fase regular do desenvolvimento da libido e, principalmente, a determinação das relações entre autoerotismo e narcisismo, segundo a posição que este vem a assumir, a qual já mencionamos nos capítulos anteriores, de estágio intermediário entre autoerotismo e escolha de objeto, a partir das *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente*, publicadas em 1911. Tal colocação atribuída ao narcisismo nos destinos da libido é reforçada dois anos depois em *Totem e tabu*, o que justifica a escolha dos dois escritos como protagonistas deste capítulo final.

Além disso, recordemos que, em 1914, logo na primeira parte de *Introdução ao narcisismo*, Freud elenca uma série de justificativas para fundamentar a suposição do narcisismo - a conduta narcisista dos neuróticos no trabalho psicanalítico, a onipotência dos pensamentos das crianças e dos povos primitivos e, principalmente, os traços dos parafrênicos, os quais ocupam o maior espaço da argumentação freudiana, em conformidade com o que apresentamos no primeiro capítulo. Pode-se considerar que, na empreitada à qual nos lançamos, é nosso dever investigar, dentre tais suportes à teorização acerca do narcisismo, aqueles que estão a nosso alcance. É tarefa indispensável, pois, espreitar a paranoia de Schreber, que entra na conta das parafrenias, e a questão da onipotência dos pensamentos no célebre *Totem e tabu*, na medida em que ambos se constituem como subsídios importantes para a elaboração conceitual do narcisismo, tal como é formulada em 1914.

Nosso propósito, apesar de estar concentrado em mostrar a forma como Freud descreve o narcisismo e o lugar ocupado por ele no desenvolvimento sexual em relação ao autoerotismo e ao amor de objeto, por vezes se estenderá à apresentação de outros pontos que julgamos importantes, em cada um dos textos, para a elaboração do conceito de narcisismo no artigo dedicado a ele. Enfim, passemos à apresentação do caso Schreber e, por último, de

Totem e tabu, e às pontuações sobre seus conteúdos que preparam o terreno para a *Introdução ao narcisismo*.

5.1 A paranoia de Schreber

Nas *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente* (1911), Freud dá um passo adiante quanto às questões tratadas nos escritos de 1910, citados no capítulo anterior. A homossexualidade ainda é um aspecto central para o autor, embora com algumas particularidades, assim como sua relação com a paranoia e com o narcisismo. Em primeiro lugar, inclui o narcisismo como fase regular do desenvolvimento libidinal dos indivíduos, e não mais apenas como meio através do qual o homossexual escolhe seus objetos. Além disso, formaliza uma distinção entre autoerotismo e narcisismo, pautada no lugar intermediário do narcisismo no caminho que vai do autoerotismo até a escolha de objeto. Inclinem-nos, pois, sobre essa incursão acerca da paranoia e sobre os conceitos de autoerotismo e narcisismo no caso Schreber.

Como se sabe, nesta obra Freud propõe interpretações analíticas acerca do histórico clínico de um paranoico, baseado nos relatos do caso descrito pelo próprio enfermo no livro *Memórias de um doente dos nervos*, publicado em 1903, pelo protagonista do texto freudiano Daniel Paul Schreber. O psicanalista faz descrições minuciosas dos sintomas de Schreber e as investigações caminham lado a lado com os relatos das *Memórias...*; entretanto, de antemão assumimos que, já que o que nos interessa, acima de tudo, é a abordagem da paranoia em sua relação com a homossexualidade, o narcisismo e o autoerotismo, tais termos irão ditar as direções quanto ao itinerário a ser percorrido nesta obra tão densa. Ela é composta por três seções; passaremos brevemente pelas duas primeiras, destacando alguns pontos que julgamos indispensáveis para o entendimento da terceira e última, à qual nos atentaremos, por nela estarem presentes as temáticas que nos propusemos a contemplar.

5.1.1 A caracterização do delírio e sua interpretação psicanalítica segundo Freud

Começaremos, então, pela primeira seção do escrito de Freud, que se refere ao quadro clínico de Schreber, para que as tentativas de interpretação e o mecanismo paranoico descritos pelo psicanalista nas segunda e terceira seções tornem-se plausíveis. Freud segue os relatos do livro do próprio doente, que conta ter passado por duas internações: a primeira entre o fim de 1884 e o começo de 1885, quando passou seis meses na clínica da Universidade de Leipzig,

dirigida pelo médico e professor Flechsig, e a segunda em outubro de 1893, após oito anos sem reincidências, quando foi internado por alguns meses na mesma clínica e, depois de uma breve passagem por outro sanatório, foi finalmente transferido para Sonnenstein, onde ficou até ter alta, em 1902²⁸³. Meses antes de ser internado pela segunda vez, mais especificamente de junho - período em que foi designado a um cargo importante no trabalho - a outubro de 1893, ocorreram a Schreber os seguintes eventos:

No intervalo sobrevieram-lhe alguns sonhos, mas só mais tarde se viu movido a atribuir-lhes significatividade. Algumas vezes sonhou que sua enfermidade nervosa anterior havia voltado [...]. Além disso, em uma oportunidade, chegando já a manhã, em um estado entre o dormir e a vigília, havia tido "a representação (*Vorstellung*) do belo (*schön*) que é sem dúvida ser uma mulher submetida à cópula", uma representação que estando com plena consciência haveria rechaçado com grande indignação.²⁸⁴

É fundamental reter essa informação trazida por Freud, pois ela será de grande utilidade para compreender suas interpretações futuras. Mas antes de chegar até elas, é necessário caracterizar o sistema delirante de Schreber. Freud cita um informe do diretor de Sonnenstein, Dr. Weber, de 1899, contido nas *Memórias...*, que descreve os sintomas de Schreber no início dessa segunda enfermidade em Leipzig. Sobretudo, os delírios giravam em torno de ideias hiponcondríacas - dava-se por morto e acreditava que seu corpo era alvo de manipulações terríveis - e também de ideias persecutórias:

Agreguemos que insultava diversas pessoas pelas quais acreditava ser perseguido e prejudicado, sobretudo seu anterior médico Flechsig: chamava-o "almicida" ("assassino de almas") (*Seelenmörder*) e incontáveis vezes e o increpou "Pequeno Flechsig!", acentuando com força a primeira dessas palavras.²⁸⁵

A perícia médica também informava que o quadro clínico havia se alterado significativamente durante o curso da patologia. As ideias de Schreber aproximaram-se, progressivamente, do caráter mítico e religioso, ao ponto do paranoico ter passado a acreditar que estava destinado a redimir o mundo e devolver a ele sua beatitude (*Seligkeit*) perdida. Para descrever seu delírio de forma resumida, com o intuito de extrair dele uma imagem integral, levantaremos alguns aspectos centrais. Tal missão havia sido dada a Schreber

283 Foi o próprio Schreber que se empenhou em conquistar juridicamente sua alta: "E ao fim, a agudeza e o rigor lógico deste homem reconhecido como paranoico lhe deram o triunfo: em julho de 1902 se levantou a incapacidade que pesava sobre o doutor Schreber; no ano seguinte apareceram as *Memórias de um doente dos nervos...*" (FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 16).

284 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 14.

285 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 15 (grifo do autor).

diretamente por inspirações divinas, já que seus nervos desequilibrados exerceram atração sobre Deus, que revelou unicamente a ele conteúdos que não podiam ser expressos em linguagem humana. Para completar sua missão redentora, ele precisava primeiro transformar-se em mulher – era uma obrigação, e não uma vontade sua. Esse "ter que" se tornar mulher era ditado pela ordem do universo ou ordem do mundo (*Weltordnung*), ainda que Schreber preferisse permanecer em sua forma viril. Diversos órgãos de seu corpo haviam sido destruídos no início de sua enfermidade, mas os milagres - ou raios divinos - repararam esses danos. A necessária transformação em mulher também se daria por um milagre divino, o qual ele seria o único a experienciar, e poderia demorar anos, décadas ou séculos para ocorrer. Ele tinha a sensação de que nervos femininos já haviam passado para o seu corpo e, quando fecundados diretamente por Deus, gerariam novos homens²⁸⁶.

"O psicanalista traz, da notícia que tem sobre as psiconeuroses, a conjectura de que ainda formações de pensamento tão extravagantes, tão apartadas do pensar ordinário dos homens, se originaram nas moções mais universais e conhecidas da vida anímica"²⁸⁷, nos diz Freud. Para chegar até tais moções, o autor se debruça, então, sobre as entrelinhas do delírio e sobre o modo como ele foi construído. Seu ponto de partida são seus dois aspectos fundamentais - o papel redentor e a transformação em mulher -, a partir dos quais o autor apresenta suas teses centrais a respeito de Schreber, para depois justificá-las. Freud destaca que, ao contrário do que possa parecer, já que a perícia médica tende a localizar o papel de redentor como o fomentador da formação delirante e a transformação em mulher como um meio para alcançá-lo, o delírio de emasculação é primário - era encarado como perseguição por Schreber e tinha como fim o abuso sexual no início, somente depois entrou em relação com o delírio de redenção e com os fins superiores, em um movimento que o autor chama de

286 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 17-18. É importante ter em vista que, como nos diz Strachey, na nota introdutória ao caso Schreber, há uma dificuldade especial em traduzir o discurso esquizofrênico, "em que as palavras desempenham um papel tão proeminente", tal como ocorre com os sonhos, chistes e atos falhos (p. 9). É interessante consultar a tradução das "*Memórias de um doente dos nervos*" para o português, obra publicada em 1984 por Marilene Carone, em que consta um Glossário que descreve a linguagem específica do delírio de Schreber, explicando termos como beatitude, ordem do universo ou ordem do mundo, entre outros. Cf. SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos.** Trad. Marilene Carone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 306-311.

287 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 18. Novamente, como já procuramos apontar, por exemplo, no papel do delírio de observação da parafrenia para as concepções sobre o ideal do eu e a instância crítica ligada a ele em *Introdução ao narcisismo*, Freud parte das manifestações exageradas da patologia para elucidar o funcionamento normal da vida anímica dos indivíduos. Já na introdução ao caso Schreber, o psicanalista afirma a particularidade dos paranoicos "de revelar, ainda que de forma desfigurada, justamente aquilo que os outros neuróticos escondem como segredo." (p. 11).

reconciliação: "um delírio de perseguição sexual se transformou no paciente, com posteridade, no delírio religioso de grandeza."²⁸⁸ Além disso, para Freud, o papel de perseguidor cabia ao médico Flechsig, que tratou de Schreber na primeira internação e no início da segunda.

O psicanalista justifica tais teses através dos relatos do próprio Schreber em suas *Memórias...*, entre os quais o paranoico afirma que era vítima de um complô, no qual ele seria destinado, já com seu corpo de mulher, a um homem que abusaria sexualmente dele, o que o enfermo designa como a emasculação (*Entmannung*) com fins contrários à ordem do mundo. Outro ponto de apoio para a argumentação de Freud consiste na retomada daquela representação de Schreber citada no início desta exposição, que apareceu antes de eclodir a segunda doença, de que deveria ser belo ser uma mulher no ato sexual, a qual corroboraria a hipótese de que a emasculação antecedeu o papel redentor e constitui-se como "o primeiro germe da formação delirante"²⁸⁹.

Freud, então, refaz o caminho da construção do delírio de Schreber, investiga sua relação com Deus²⁹⁰, os aspectos da beatitude, a qual Schreber acredita que deve devolver ao mundo²⁹¹, e do delírio de emasculação. Inicialmente, o enfermo reagiu com indignação a essa ideia e se transformar em mulher era uma forma de ser hostilizado. Posteriormente, ele se reconcilia com essa mudança e atribui a ela propósitos divinos, já que se trata de um dever outorgado a ele por Deus - a emasculação com fins adequados à ordem do universo. Tomemos o seguinte pressuposto defendido por Freud: "As duas peças principais do delírio de Schreber, a mudança em mulher e o vínculo privilegiado com Deus, estão enlaçadas em seu sistema mediante a atitude feminina frente a Deus."²⁹² A proposta que norteia a investigação do psicanalista, portanto, é a de demonstrar que há um "vínculo genético

288 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 19.

289 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 20.

290 Trata-se de um sistema teológico complexo, no qual não nos aprofundaremos aqui. Freud destaca que se trata de uma representação de Deus marcada pela "mescla de traços de veneração e revolta." A princípio, Deus era um aliado de Flechsig na perseguição a Schreber; foi só em um segundo momento que houve a reconciliação com sua figura (FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 28).

291 A beatitude, no sistema delirante de Schreber, estabelece fortes vínculos com a volúpia (*Wollust*), de modo que o próprio Deus exige dele o cultivo da voluptuosidade. Freud enfatiza que Schreber se sentia mulher de Deus e assumia uma atitude feminina diante dele. (FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 30).

292 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 33.

essencial"²⁹³ entre tais peças, de onde partem as tentativas de interpretação que compõem o segundo tópico do escrito.

Logo no início da segunda parte, Freud indica que lhe foram impostas certas reservas nesta empreitada de interpretar analiticamente o caso Schreber, pelo fato de que suas *Memórias...* foram alvo de censura, o que implicou na supressão de partes relevantes do material. Diante de tais limitações, como recurso para penetrar mais a fundo na formação delirante, Freud enfatiza a relação de Schreber com o médico Flechsig, dado seu papel de perseguidor no delírio do paciente:

Sabemos já que o caso Schreber levava no começo o selo do delírio de perseguição, só apagado a partir do ponto de inflexão da enfermidade (a "reconciliação"). Desde então as perseguições se tornam cada vez mais toleráveis, e o caráter ignominioso da emasculação que o ameaça é relegado, por responder ela a uma finalidade da ordem do universo. [...] o autor de todas as perseguições é Flechsig, quem segue sendo seu maquinador durante toda a trajetória da enfermidade.²⁹⁴

Flechsig fora o mentor das tentativas de almicídio das quais Schreber foi vítima - seu grande inimigo²⁹⁵. Freud propõe-se, então, a examinar as relações anteriores entre ambos, já que assume o pressuposto, ao qual chegaram ele e outros estudiosos a partir de casos de delírios persecutórios, de que o poder e influência do perseguidor na formação delirante apontam para alguém, ou algum substituto dessa pessoa, que tinha semelhante importância na vida do paciente antes da enfermidade:

Sustentamos que a intencionalidade do sentimento é projetada como um poder exterior, o tom do sentimento é transformado em seu contrário *{ins Gegenteil verkehren}*, e que a pessoa agora odiada e temida por causa de sua perseguição é alguém que alguma vez foi amado e venerado. A perseguição estatuída no delírio - afirmamos - serve sobretudo para justificar a mudança de sentimento no interior do enfermo.²⁹⁶

A investigação da relação entre Schreber e Flechsig, da primeira doença até a segunda internação²⁹⁷, leva Freud a inferir que a atitude feminina da fantasia do paranoico tinha como

293 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 33.

294 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 36-37.

295 Durante toda enfermidade, Schreber mantém a ideia de que Flechsig exerce sobre ele uma "influência nociva" e isso fica claro na "Carta aberta ao Sr. Conselheiro Prof. Dr. Flechsig" presente nas *Memórias...* (SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos.** Trad. Marilene Carone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 22-24). É oportuno observar que Schreber, como mostra Freud, tem uma concepção diferente da alma de Flechsig e da pessoa do médico. Todas as operações do delírio, sobretudo a hostilidade, dizem respeito à sua alma.

296 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 39.

297 Cf. FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 39-41.

referência o médico, desde o princípio. Tal conteúdo da fantasia foi rechaçado em sua ocorrência, mas depois, com a instalação da paranoia, impôs-se e Schreber passou a temer o abuso sexual proveniente de seu médico, o que leva o psicanalista a anunciar a seguinte tese: "Um avanço de libido homossexual foi então o ocasionamento desta afecção; é provável que desde o começo mesmo seu objeto fora o médico Flechsig, e a revolta contra essa moção libidinosa produzira o conflito do qual se engendraram os fenômenos patológicos."²⁹⁸ Logo em seguida, inclina-se sobre as possíveis objeções a ela, recorrendo às palavras de Schreber nas *Memórias...*, argumentando a partir delas e ilustrando como o próprio relato do enfermo justifica e valida sua inferência de que a explosão da moção homossexual (*homosexuellen Regung*), cujo objeto era Flechsig, consiste na base dessa paranoia.

Portanto, a formação do delírio persecutório em Schreber é resultado da luta defensiva contra a fantasia homossexual passiva - aquele que é desejado se torna o perseguidor. Que tal fantasia de desejo (*Wunschphantasie*) se torne delírio de perseguição, não é especificidade do caso Schreber. Contudo, o que o torna particular e, por isso, chama a atenção de Freud, é o desenvolvimento atingido pelo sistema delirante durante a doença, com a substituição de Flechsig por Deus e a conseqüente solução do conflito. O papel de mulher diante do médico era inaceitável para Schreber, mas deixa de ser insultante, bem como de provocar a resistência do eu, quando a voluptuosidade passa a ser oferecida a Deus e o paranoico passa a sentir-se o único capaz de redimir o mundo na missão redentora para a qual foi destinado. Dessa maneira, a emasculação torna-se consoante à ordem do universo e as duas partes do conflito se satisfazem, tanto o eu, através do delírio de grandeza, quanto a fantasia de desejo feminina.

5.1.2 A universalidade do narcisismo e seu papel mediador entre autoerotismo e escolha de objeto

Através dessa breve caracterização do sintoma de Schreber, já temos condições de adentrar na terceira parte do texto, para a qual forneceremos um tratamento mais extenso, e compreender a singularidade do mecanismo paranoico examinado por Freud: "Diríamos que o caráter paranoico está em que, para defender-se de uma fantasia de desejo homossexual se reage, precisamente, com um delírio de perseguição dessa classe"²⁹⁹. A experiência clínica,

298 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 41.

299 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 55.

segundo Freud e outros psicanalistas citados por ele, como Ferenczi e Jung, induziu a conferir à fantasia homossexual o vínculo estreito, talvez regular, com a paranoia, e a situar a defesa contra o desejo homossexual como centro do conflito da patologia - em todos os casos, os enfermos "haviam fracassado em dominar sua homossexualidade reforçada desde o inconsciente."³⁰⁰ Para compreender o papel do desejo homossexual na paranoia, Freud recorre ao conceito de narcisismo, que já havia sido introduzido em consonância com a explicação da homossexualidade nos anteriormente comentados *Três ensaios da teoria sexual* e no artigo sobre Leonardo da Vinci, publicados em 1910, um ano antes desse caso:

Indagações recentes nos têm chamado a atenção sobre um estágio (*Stadium*) na história evolutiva da libido, estágio pelo qual se atravessa no caminho que vai do autoerotismo ao amor de objeto (*Objektliebe*). Designamo-lo Narzissismus; prefiro a designação Narzissmus, não tão correta talvez, porém mais breve e que soa menos mal. Consiste em que o indivíduo empenhado no desenvolvimento e que sintetiza *{zusammenfassen}* em uma unidade suas pulsões sexuais de atividade autoerótica, para ganhar um objeto de amor (*Liebesobjekt*) toma primeiro a si mesmo, a seu próprio corpo, antes de passar deste à eleição de objeto (*Objektwahl*) em uma pessoa alheia. Uma fase assim, mediadora entre autoerotismo e eleição de objeto, é talvez de rigor no caso normal; parece que muitas pessoas demoram nela um tempo insolitamente longo, e que desse estado, é muito do que fica pendente para fases posteriores do desenvolvimento.³⁰¹

Freud supõe que no estágio narcísico, de tomar a si mesmo como objeto, os genitais já têm relevância a ponto de serem o aspecto principal, de modo que continuam a exercer influência sobre o indivíduo quando ele se volta para outros objetos, que não ele mesmo: "A continuação desse caminho leva a eleger um objeto com genitais parecidos; portanto, leva à heterossexualidade através da eleição homossexual de objeto."³⁰² Entende-se que, para Freud, o alcance da escolha de objeto heterossexual implica em uma homossexualidade prévia. A diferença das pessoas que se tornaram homossexuais manifestos é nunca terem conseguido abandonar a busca por genitais que fossem iguais aos seus. As teorias sexuais infantis exercem influência em tal busca, pois concebem que os dois sexos possuem os mesmos genitais.

Para atingir a escolha de objeto heterossexual, Freud considera que, diferente do que se supunha, os desejos homossexuais nunca são completamente interrompidos ou deixados de

300 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 55.

301 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 56.

302 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 56.

lado, mas sim inibidos em sua meta sexual, voltando-se para outras aplicações – apoiam-se³⁰³ nas pulsões do eu, ou pulsões de autoconservação, e juntos formam as pulsões sociais, contribuindo com o componente erótico nas relações de amizade, de comunidade e de amor entre os seres humanos, no geral. O autor enfatiza a importância de tal erotismo inibido em sua meta sexual para os laços sociais e acrescenta, ainda, que os homossexuais manifestos, entre os quais se incluem aqueles que relutam contra as manifestações da sexualidade, destacam-se por suas estimadas colaborações à sociedade, produtos da sublimação dos impulsos sexuais³⁰⁴.

É chegado o momento em que julgamos necessária uma digressão, um tanto quanto extensa, para realçar e, na medida do possível, esmiuçar algumas das afirmações feitas por Freud no caso Schreber, apresentadas logo no início da terceira seção do escrito. Tal digressão será guiada pela tentativa de apresentar determinadas pontuações - aquelas que consideramos necessárias - quanto à concatenação com os conteúdos já explorados neste trabalho³⁰⁵. Nossos esclarecimentos se inclinarão, principalmente, sobre a concepção de escolha de objeto homossexual defendida por Freud; a admissão do narcisismo como estágio regular do desenvolvimento libidinal; as fronteiras traçadas entre autoerotismo e narcisismo; e, finalmente, o lugar assumido pelo último em meio ao autoerotismo e ao amor objetal.

Primeiramente, vemos o narcisismo, novamente, ao redor do problema da homossexualidade, o que reafirma o valor da escolha de objeto homossexual para a formulação do conceito de narcisismo na teoria freudiana³⁰⁶. Contudo, é pertinente observar que aqui encontramos certa particularidade; parece-nos que Freud assume a concepção de homossexualidade a partir de outro ângulo, em comparação com os textos de 1910, os quais caminhavam de acordo com o esquema já exposto de fixação à mãe, superação ou repressão do amor por ela, identificação com a mesma e escolha de objeto homossexual pela via do

303 Trata-se do mesmo tipo de apoio (*Anlehnung*) que diz respeito à relação das pulsões sexuais com as pulsões do eu, explorado nos capítulos um e, principalmente, três.

304 É quase impossível não pensar em Leonardo da Vinci e sua homossexualidade sublimada, que em conjunto produziram arte e ciência de forma tão memorável, conforme é explorado por Freud em seu artigo sobre o ilustre homem, assunto do capítulo anterior.

305 Esse esclarecimento nos obrigará a retomar uma série de ideias presentes no capítulo um, referentes ao artigo de 1914, *Introdução ao narcisismo*, e nos outros capítulos, as quais, no entanto, já foram apresentadas anteriormente; portanto a intenção é a de rememorar o leitor, e não desenvolver aquelas ideias novamente.

306 Não acreditamos ser redundante recordar, já que nossos esforços se dirigem para reconstituir os passos percorridos por Freud até o narcisismo de 1914: no primeiro capítulo e no capítulo quarto vimos que, no artigo *Introdução ao narcisismo*, ao tratar da escolha de objeto do tipo narcisista, Freud a associa sobretudo aos perversos e homossexuais - aqueles que buscam a si mesmos como objeto de amor - e declara ter sido este o motivo mais forte para conceber a hipótese do narcisismo.

narcisismo, no sentido de tomar a si mesmo como modelo dos objetos de amor, a fim de ser amado como a mãe o amou. No caso Schreber, o psicanalista enfatiza a relevância dos genitais no estado narcísico e na gênese da homossexualidade - o indivíduo homossexual não conseguiu abandonar a procura por genitais iguais aos seus. Essa procura, por sua vez, é universal, até mesmo a heterossexualidade a inclui³⁰⁷ e o embasamento de Freud está nas teorias sexuais infantis, que pressupõem o mesmo genital em ambos os sexos³⁰⁸. Além dessa relevância dada aos genitais, chama a atenção que Freud informe ao leitor que mesmo na escolha de objeto heterossexual, os impulsos homossexuais nunca são suprimidos, mas sim inibidos em sua meta sexual. Sim, Freud já afirmava que todos consumavam a escolha de objeto homossexual, mesmo que inconscientemente, desde os *Três ensaios...*, mas agora a homossexualidade perde ainda mais do seu caráter patológico, tanto por este fator quanto pela generalização da presença do narcisismo na constituição dos indivíduos, anteriormente restrito ao que Freud chamava de inversão.

A propósito, é digno de nota que o caso Schreber adquira o estatuto de marco inaugural quanto ao fato do narcisismo deixar de ser apenas o mecanismo através do qual se desenrola a escolha de objeto homossexual, conforme foi apresentado nos *Três ensaios...* e no estudo sobre Leonardo da Vinci, e passar a ser admitido como estágio regular e universal do desenvolvimento da libido. Como vimos em nosso capítulo inaugural, no artigo sobre o narcisismo de 1914, Freud concebe a presença de um narcisismo primário e normal, presente em todos os indivíduos, porém tal generalização deste estado provém do escrito sobre o paranoico - "Uma fase assim, mediadora entre autoerotismo e eleição de objeto, é talvez de rigor no caso normal"³⁰⁹ -, conforme aparece no fragmento sobre o narcisismo citado acima.

Além disso, e também pela primeira vez na obra pública de Freud³¹⁰, no caso Schreber

307 Laplanche chega a dizer que Freud, em determinado momento de sua obra, concebe a sequência autoerotismo - narcisismo - homossexualidade - escolha de objeto heterossexual, com atenção especial para o acréscimo da homossexualidade. O autor francês não indica propriamente que momento da teoria freudiana seria este, mas podemos perceber que no caso Schreber essa concepção parece estar presente, pois Freud entende que o narcisismo se localiza entre o autoerotismo e o amor de objeto, porém pressupõe que o narcisismo leva à escolha homossexual - à procura de genitais iguais aos seus -, para que depois seja consumada a escolha heterossexual de objeto (LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 77).

308 Condição que antecede a castração, pois ainda não há percepção da diferença sexual.

309 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente**. AE, vol. 12, p. 56.

310 Sabe-se que a primeira menção ao narcisismo data de uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, de 10 de novembro de 1909, segundo a nota introdutória de James Strachey ao texto que trata propriamente da formulação do conceito. Na ocasião, este já fora definido por Freud como estágio intermediário entre o autoerotismo e o amor de objeto. (FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 67). Ora, podemos

é efetuada uma distinção clara entre autoerotismo e narcisismo, que não estava presente no texto sobre Leonardo da Vinci, apesar de nele Freud já ter evocado os dois termos lado a lado, como pudemos perceber no capítulo anterior. Aqui, o papel do narcisismo é definido como de mediação entre o autoerotismo - a satisfação das pulsões parciais ditada pela pluralidade de zonas erógenas - e o amor de objeto - a eleição de um objeto externo ao próprio corpo. Trata-se da tomada de si mesmo como objeto sexual, através da síntese das pulsões sexuais em uma unidade. Esta compreensão do conceito também pode ser considerada como um dos passos percorridos por Freud para chegar até a relação entre autoerotismo e narcisismo, tal como é descrita no artigo de 1914. É apropriado citar novamente o trecho ao qual procuramos dedicar nossa atenção no primeiro capítulo:

É um suposto necessário que não esteja presente desde o começo no indivíduo uma unidade comparável ao eu; o eu tem que ser desenvolvido. Ora, as pulsões autoeróticas são iniciais, primordiais; portanto, *algo tem que agregar-se ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua.*³¹¹

Naquela ocasião, buscamos ressaltar que Freud indica uma precedência do autoerotismo em comparação com o narcisismo, além de diferenciar os dois termos com base em uma ideia de pluralidade, veiculada às "pulsões autoeróticas", e de unidade, agregada ao "narcisismo" e à "nova ação psíquica" necessária para sua constituição, a qual pode ser inferida como o desenvolvimento do eu, para que este possa, enfim, ser investido de libido. Vemos que os contornos que autoerotismo e narcisismo recebem no escrito sobre o paranoico Schreber, em 1911, podem ser considerados como alicerces para a definição de ambos na referência de 1914, na medida em que três anos antes da publicação de *Introdução ao narcisismo* já aparece, de forma muito clara, a ideia de que o indivíduo, no desenvolvimento libidinal, *sintetiza em uma unidade suas pulsões sexuais autoeróticas, toma a si mesmo como objeto de amor, para enfim eleger um objeto alheio ao próprio corpo*. No artigo sobre o narcisismo, Freud não expõe, literalmente, a série *autoerotismo - narcisismo - escolha de objeto*, como faz no caso Schreber, e no próximo texto ao qual faremos referência, *Totem e tabu*, publicado em 1913. De qualquer forma, ao incluir o narcisismo como fase mediadora entre autoerotismo e amor objetual prevalece a antecedência do autoerotismo e sua pluralidade em relação à unidade e posteridade do narcisismo, que vão ao encontro dos traços que

conjecturar que Freud, durante todo o trajeto até 1914, o qual estimamos tanto na presente pesquisa, já vislumbrasse, desde pelo menos dois anos antes do lançamento do caso Schreber e cinco anos antes da publicação do artigo sobre o narcisismo, seu lugar no desenvolvimento libidinal - entenda-se sua relação com o autoerotismo e com a escolha de objeto - de tal forma.

311 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 74 (grifo nosso).

circunscrevem autoerotismo e narcisismo em 1914. Tomemos emprestadas as palavras de Simanke para condensar tais conteúdos, que merecem destaque no caso Schreber:

Chama a atenção, em primeiro lugar, o fato de que o narcisismo é, agora, nitidamente destacado do auto-erotismo: ambos consistem em fases distintas e sucessivas do desenvolvimento psicosexual. Em segundo lugar, é definido em que ambos se distinguem, ou seja, o narcisismo caracteriza-se pela *síntese* da pluralidade das pulsões parciais em uma unidade; o ego torna-se, assim, o primeiro objeto total da criança. Como consequência de sua definição como fase necessária de transição no movimento que leva ao pleno amor de objeto, o narcisismo, como tantos conceitos freudianos, abandona o domínio exclusivo da psicopatologia e passa a integrar o desenvolvimento normal.³¹²

Ainda há mais a dizer a respeito da sequência apresentada no escrito sobre o paranoico, que já vínhamos mencionando, antecipadamente, nos capítulos anteriores: *autoerotismo - narcisismo - escolha de objeto*. Se recuperarmos aquilo que foi apresentado nos capítulos dois e três, sobre o abandono da teoria da sedução e o advento da sexualidade infantil, bem como sua caracterização e a passagem para a sexualidade adulta, referentes aos *Três ensaios de teoria sexual*, recordaremos que, a princípio, em 1905, sem considerar as adições posteriores ao texto, Freud apresentava a sexualidade determinada do ponto de vista endógeno, dado que as inibições ao livre curso da pulsão sexual seriam impostos, em última instância, por condições orgânicas. Esta concepção afetava, portanto, a maneira como o autor empreendia a transição da sexualidade infantil para a sexualidade adulta, imersa em dificuldades teóricas. Indicamos outrora e agora reafirmamos - de forma mais contundente, depois de termos compreendido os antecedentes que julgávamos indispensáveis - a possibilidade de que o narcisismo exerça uma função auxiliar no caminho que leva da vida sexual da criança até sua conformação nos moldes da maturidade, na medida em que é inserido no intervalo entre autoerotismo e objetividade³¹³.

312 SIMANKE, R. T. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p. 119 (grifo do autor).

313 Na ocasião em que tratamos do tema da sexualidade infantil, especificamente quando falávamos do autoerotismo e do caminho até o encontro de objeto no terceiro capítulo, procuramos trazer algumas contribuições de Laplanche - tanto em nosso texto propriamente dito quanto em acréscimos propostos em notas de rodapé. Em síntese, essas contribuições se concentravam em sua oposição ao reconhecimento da anobjetalidade em Freud, além da consideração de que o autoerotismo não é um tempo primeiro, pois vimos que a pulsão sexual se torna autoerótica, depois de se desligar das funções de autoconservação e recuar às diversas partes do próprio corpo. O autoerotismo seria o primeiro estágio independente da sexualidade, mas não o começo da relação com o mundo. Ele e o narcisismo que o sucede seriam modos de funcionamento sexual, com a diferença de que o narcisismo implica a constituição do eu e é sobre ele, enquanto objeto único, que se dirige. Se revisitarmos um dos textos de Laplanche, veremos que ele afirma que podemos ver uma linha em Freud: autoerotismo - narcisismo - escolha objetal, a qual é inaugurada no caso Schreber, como pudemos perceber. Nesta linha, o narcisismo está "ladeado", para usar o termo de Laplanche, por algo de erótico dos dois lados: "tem autoerotismo antes e escolha objetal depois, e sabemos que, para Freud, trata-se exclusivamente da escolha de objeto de amor." E quem está encarregado de dar conta desta passagem do

Feita esta digressão e os comentários adjacentes a ela, voltemos ao caso Schreber, visto que narcisismo e autoerotismo continuam a marcar sua presença no desenrolar da terceira seção do escrito. Como vimos, depois da generalização do narcisismo efetuada por Freud, parece que seu entendimento sobre as patologias associadas a ele, como a paranoia, configura-se a partir do problema da demora, por um tempo excessivo, neste estado, que acabaria por perturbar as fases posteriores do desenvolvimento. É nesse sentido que o autor lança mão da ideia de que os estágios psicosssexuais de desenvolvimento oferecem, cada um, uma possibilidade de fixação, onde se reside o lugar de predisposição para a neurose³¹⁴. Mais a frente no texto, Freud nos dá uma definição de fixação, à qual recorreremos para clarificar seu entendimento: "uma pulsão ou componente pulsional não percorre o desenvolvimento previsto como normal e, em consequência dessa inibição do desenvolvimento, permanece em um estágio mais infantil."³¹⁵ O principal é que os indivíduos que têm uma fixação no estágio do narcisismo e, portanto, têm nele um possível ponto de predisposição à doença, correm o risco de que um afluxo intenso de libido sem possibilidade de escoamento efetue a sexualização de pulsões sociais, desfazendo sublimações que já haviam sido alcançadas no desenvolvimento. Para Freud, tal excesso de libido "rompe o dique no ponto mais débil do edifício"³¹⁶ e o que se assiste, em consequência disso, é a regressão da libido até o respectivo ponto de fixação. No caso da paranoia, este ponto fraco - o local de fixação onde se localiza a predisposição patológica - concentra-se no trecho entre autoerotismo, narcisismo e homossexualidade. Freud considera que os paranoicos defendem-se da sexualização de suas pulsões sociais³¹⁷.

autoerotismo para o amor de objeto, segundo o psicanalista francês, é o narcisismo. O narcisismo primário teria uma essência de unificação, ainda de acordo com Laplanche (LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 73-78). Converte com tais considerações nossa tentativa de mostrar como o narcisismo, ao ser inserido entre autoerotismo e escolha de objeto, exerce certa função a respeito da transição da sexualidade infantil para a sexualidade adulta.

314 Freud indica que essa ideia já havia sido apresentada por ele nos *Três ensaios de teoria sexual*, desde 1905. James Strachey, por sua vez, remete o leitor ao artigo *A predisposição à neurose obsessiva*, publicado em 1913, no qual Freud confere um tratamento maior ao problema da fixação relacionada à escolha da neurose.

315 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente**. AE, vol. 12, p. 62.

316 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente**. AE, vol. 12, p. 58.

317 Para esclarecer, recordemos que Freud pressupõe que os desejos homossexuais - a procura do indivíduo por objetos sexuais com genitais iguais aos seus, pautada na condição do narcisismo e na hipótese de que neste estado de tomar a si mesmo como objeto de amor os genitais já sejam o principal - são inibidos em sua meta sexual, apoiam-se nas pulsões de autoconservação e compõem as pulsões sociais, fornecendo a elas seu componente erótico. Se o narcisismo é o local de fixação, um incremento significativo de libido regredirá até este estágio do desenvolvimento e, dessa forma, irá sexualizar aquelas pulsões sociais que haviam se constituído pelos desejos homossexuais desviados de sua meta sexual, apoiados nas pulsões de

Em seguida, o autor sustenta a hipótese de que, na paranoia do homem, o núcleo do conflito está na fantasia de desejo homossexual, isto é, na concepção de que "Eu (um homem) amo ele (um homem)"³¹⁸. Contudo, recorda que há outros tipos de paranoia, para os quais é preciso averiguar se é válida a mesma etiologia. O autor defende que, surpreendentemente, todas as formas conhecidas da paranoia podem ser figuradas como contradições a essa frase, as quais se esforçam por recusar o amor homossexual, e então esgota as formulações possíveis de refutar essa premissa. É recorrendo a este jogo de palavras que Freud abarca as diferentes formações da paranoia e justifica sua hipótese de que partem da mesma etiologia – a defesa contra o desejo homossexual.

Freud examina as contradições quanto ao delírio de perseguição, à erotomania, ou delírio de ser amado por alguém, e ao delírio de ciúmes³¹⁹. Porém, a que mais nos interessa é a última contradição tratada pelo psicanalista, que nega a frase em sua totalidade: "Eu não amo em absoluto, eu não amo ninguém"³²⁰. Ela seria equivalente a amar somente a si mesmo, pois se não há investimento de libido no objeto, deve haver um recuo da libido para o eu. "Esta variedade da contradição nos dá então por resultado o delírio de grandeza, que podemos conceber como *uma superestimação sexual (Sexualüberschätzung) do próprio eu* e, assim, colocar em paralelo com a consabida superestimação do objeto de amor"³²¹, esclarece-nos o autor. O delírio de grandeza pode ser encontrado na maioria dos casos dos diferentes tipos de

autoconservação. Se a sublimação é desfeita, é como se a libido voltasse a inundar os laços sociais - o indivíduo vai voltar a buscar a si mesmo, ou melhor, a genitais iguais aos seus em seus objetos de amor -, por isso a imagem do dique que se rompe na parte mais frágil do edifício.

318 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 58.

319 Cf. FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 58-60. Apenas para exemplificar e não ficar obscuro para o leitor, no caso do delírio da erotomania, por exemplo, a frase se transforma em "Eu não o amo, eu a amo", com o acréscimo de que o paranoico projeta este amor como se viesse de fora e cria o delírio de que ela o ama - uma série de operações que recusam o desejo homossexual. Parece ser um fator comum a esses três tipos, o que não exclui as particularidades de cada um dos delírios, o mecanismo da projeção, de considerar como proveniente de fora o sentimento que, na verdade, é interior ao indivíduo - o amor de caráter homossexual. Gostaríamos de assinalar ainda que, no caso do delírio de ciúmes das mulheres, Freud menciona o componente narcísico: as mulheres acusam o homem de desejar outras mulheres porque recusam que elas mesmas as desejem, por conta de seu exacerbado narcisismo e, é claro, da homossexualidade. Essa ideia que aparece aqui - da mulher cujo narcisismo é tão saliente - antecipa o lugar que virá a ser ocupado pelas mulheres em 1914, no artigo de *Introdução ao narcisismo*, no campo das escolhas de objeto. Se relembrarmos o primeiro capítulo, reconheceremos esta convergência, na medida em que Freud aproxima as mulheres da escolha de objeto do tipo narcisista, por bastarem a si mesmas e procurarem seus objetos de amor tomando a si mesmas como modelo.

320 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 60.

321 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 60 (grifos do autor).

paranoia, de acordo com Freud, que extrai desta formação psíquica mais algumas conclusões que nos parecem relevantes:

É que temos o direito de supor que o delírio de grandeza é inteiramente infantil e sacrifica-se a ele no ulterior desenvolvimento da sociedade³²², e, por outra parte, que nenhuma influência o sufoca de maneira tão intensa como um enamoramento que capture com força o indivíduo.³²³

Freud ainda ilustra a condição de apaixonar-se com um trecho poético, que fala da morte do eu onde o amor desperta. Notadamente, há mais uma ponte que liga o caso Schreber ao artigo sobre o narcisismo, de 1914, no que diz respeito às elucidações apresentadas sobre o delírio de grandeza e sua origem "inteiramente infantil", bem como sobre o enamoramento e o conseqüente aniquilamento do eu. Elas antecipam, de alguma forma, a futura oposição a ser estabelecida entre libido do eu e libido do objeto e o funcionamento econômico entre ambas - quanto mais se investe no objeto, menos se investe no eu, cujo protótipo fornecido por Freud é, justamente, o enamoramento; e vice-versa. Parece-nos que a maior novidade de 1914 é a constatação da condição de um investimento originário de libido no eu que permanece em certa medida, mesmo quando esta se dirige aos objetos³²⁴. Entretanto, mais uma vez é proveitoso rememorar nosso primeiro capítulo, posto que Freud, já em 1911, estava se aproximando da concepção da circulação da libido tal como ela aparece em *Introdução ao narcisismo*, para a qual, segundo as declarações explícitas do psicanalista neste artigo, o delírio de grandeza tem contribuição fundamental.

Os prenúncios do que virá a ser afirmado no artigo de 1914 não se esgotam por aqui. Um dos pontos ao qual Freud se dedica que toca no assunto que protagoniza nosso trabalho, do qual trataremos adiante, é a fantasia de fim de mundo (*Weltuntergang*) relatada pelo enfermo e presente em outros casos clínicos de paranoia³²⁵. Se a análise psicanalítica do

322 Quando abordarmos a obra *Totem e tabu*, será possível compreender melhor o que Freud quer dizer com o fato do delírio de grandeza infantil ser sacrificado com o desenvolvimento da sociedade. O autor trata do sistema animista, da magia e da onipotência dos pensamentos presente entre os homens primitivos que compartilham daquela cosmovisão. Veremos que a superestimação dos atos psíquicos se trata de uma espécie de mania de grandeza que se exterioriza entre eles, mas que vai sendo abandonada e se torna cada vez menos acentuada, conforme se sucedem a história e as outras cosmovisões humanas, com o advento da religião e, posteriormente, da ciência.

323 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente**. AE, vol. 12, p. 61.

324 Em *Totem e tabu*, como veremos, parece que Freud já vislumbrava essa característica: o eu nunca deixa de ser investido por alguma quantidade de libido.

325 No escrito sobre Schreber, depois de mergulhar no oceano da homossexualidade, do autoerotismo e do narcisismo em relação à paranoia, Freud dedica-se a investigar o papel da projeção na formação de sintoma desta patologia e o mecanismo da repressão. A projeção é definida por Freud da seguinte maneira: "Uma percepção interna é sufocada, e como substituto dela advém à consciência seu conteúdo, depois de experimentar certa desfiguração, como uma percepção de fora." (FREUD, S. **Observações psicanalíticas**

histórico clínico de Schreber conduz Freud a vislumbrar o enamoramento como exemplo típico daquilo que descreverá como acúmulo de libido no objeto, em detrimento ao investimento de libido no eu, conforme aparece em *Introdução ao narcisismo*, tal fantasia característica dos paranoicos consiste no paradigma da condição inversa, a saber, a quantidade elevada de libido do eu em contraposição à libido de objeto, como também é exposto no artigo de 1914. Embora sejam protótipos da estase da libido de objeto e da estase da libido do eu, respectivamente, em última instância, Freud identifica o próprio enamoramento como uma variedade do sepultamento do mundo, na medida em que neste estado o objeto absorve para si toda libido que se destinava ao mundo externo, enquanto no delírio dos paranoicos é o eu que cumpre este papel³²⁶.

Para ilustrar o segundo tipo, este "delírio que retinha o eu e sacrificava o mundo"³²⁷ em Schreber se exteriorizava na convicção de que uma catástrofe havia atingido a Terra, da qual só havia restado ele mesmo enquanto "homem real" e alguns poucos "homens de milagre", correspondentes às figuras dos médicos, enfermeiros e pacientes com os quais convivia. As causas desta catástrofe eram variadas, desde terremotos até pestes que destruíram a humanidade, por vezes atribuídas a Flechsig. A ideia central, presente no caso Schreber e em outras ocorrências da paranoia, é a de que o mundo é devastado durante o curso da doença. A explicação de Freud é que ocorre em Schreber um movimento de desprendimento da libido³²⁸ antes investida nas pessoas e coisas do mundo externo, que se

sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente. AE, vol. 12, p. 61). Porém, esse processo não tem a mesma função em todos os tipos de paranoia e aparece com frequência na vida anímica normal, o que leva Freud a se dedicar com mais afinco ao estudo da repressão e deixar a investigação da projeção para depois. A propósito, não se tem notícia deste suposto trabalho posterior sobre a projeção. Sobre a repressão, Freud a decompõe em três fases: fixação, repressão propriamente dita e o retorno do reprimido. A título de contextualizar o leitor, é no contexto da repressão que o autor insere o tema da fantasia de fim de mundo dos paranoicos, para o qual chamamos a atenção. Tratamos anteriormente da fixação, na medida em que se relacionava ao narcisismo, porém não nos aprofundaremos nas outras fases, assunto que será trabalhado por Freud no artigo metapsicológico sobre a repressão, publicado em 1915. Cf. FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 62-63; **A repressão.** AE, vol. 14, p. 141-152.

326 Freud faz essa afirmação, sobre os dois mecanismos - enamoramento e delírio paranoico - que levam à ideia de fim de mundo por caminhos diferentes, de forma praticamente equivalente em notas de rodapé tanto no caso Schreber, quanto no artigo sobre o narcisismo. Cf. FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 64, nota 15; **Introdução ao narcisismo.** AE, vol. 14, p. 74, nota 11.

327 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 64.

328 Já indicamos que não nos aprofundaremos no tema da repressão. Contudo, vale a pena apontar que esse despregar-se da libido, para Freud, é parte da repressão que caracteriza a paranoia. Ele associa o cancelamento dos vínculos libidinais com os objetos externos à segunda fase do processo, a repressão propriamente dita. Cf. FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 66.

torna desinteressante: "O sepultamento do mundo é a projeção desta catástrofe interior; seu mundo subjetivo se sepultou desde que ele subtraiu dele seu amor."³²⁹

Esse mundo exterior desinvestido de libido é, então, reconstruído pelo paranoico através do trabalho do delírio, que se configura como tentativa de restabelecimento dos vínculos com as pessoas e coisas, apesar de o qualificarmos como o atestado da enfermidade propriamente dita. A retirada de libido do mundo externo só pode ser percebida, segundo Freud, a partir do processo de reconstrução empreendido pela formação delirante, que busca vincular novamente a libido aos objetos. Contudo, Freud não atribui a esse desprendimento de libido o caráter patológico da paranoia, porque reconhece que ele acontece em outras afecções e também na vida normal. O ponto chave é o destino que a libido toma depois de ser retirada dos objetos, que é diferente daquele que ocorre normalmente, no qual a libido livre procura substitutos para reinvestir. Na paranoia, seus rumos são outros:

Recordemos que a maioria dos casos de paranoia mostra um pouco de delírio de grandeza, e que este último pode constituir por si só uma paranoia. Daí inferiremos que na paranoia a libido liberada se inverte ao eu, se aplica à magnificação do eu. Assim se volta a alcançar o estágio do narcisismo, conhecido pelo desenvolvimento da libido, estágio no qual o próprio eu era o único objeto sexual. Em virtude desse enunciado clínico suporemos que os paranoicos implicam uma *fixação no narcisismo*, e declaramos que *o retrocesso desde a homossexualidade sublimada até o narcisismo* indica o montante da *regressão* característica da paranoia.³³⁰

Trata-se de intelecções muito próximas àquelas que pudemos observar no artigo de *Introdução ao narcisismo*. De novo faz-se necessário um esforço para recuperar os conteúdos daquilo que nomeamos, com as devidas ressalvas, de forma *final* do narcisismo. As coincidências são explícitas, pois em 1914, toda construção teórica empreendida por Freud acerca da "imagem de um narcisismo primário e normal" provém do estudo das parafrenias, entre as quais se incluem a demência precoce e a paranoia, mais precisamente de dois de seus traços principais, o delírio de grandeza e o afastamento do enfermo em relação ao mundo externo. O autor se atenta à particularidade de tal afastamento recorrendo, justamente, à condição da libido retornar ao eu, ao invés de encontrar substitutos para investir, tal como se sucede nas neuroses de transferência, nas quais a libido que abandonou os objetos reais

329 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 65. Provavelmente, Freud trata aqui da representação que o indivíduo tem dos objetos (pessoas e coisas) do mundo externo. Retirar o investimento libidinal dos objetos é retirar a libido da representação que se tem deles e, portanto, é destruir o mundo subjetivo. Entendemos que é neste sentido que a ideia de fim de mundo é projeção da catástrofe interior - é atribuir como proveniente de fora, algo que acontece no interior do indivíduo.

330 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 67 (grifos do autor).

encontra como destino alternativo os objetos na fantasia - atitude específica que Freud chama de introversão da libido. É este quadro que leva Freud a conceber os parafrênicos como imunes ao trabalho psicanalítico e a significar os sintomas, isto é, aquilo que nos aparece como distintivo de sua enfermidade, como a tentativa de cura, através da retomada do vínculo libidinal com os objetos externos. Do delírio de grandeza o psicanalista ainda extrai sua nova diferenciação entre narcisismo primário e secundário; o último consiste apenas na amplificação de um estado outrora existente, pois a libido que é retirada dos objetos e se volta para o eu configura o narcisismo secundário, edificado sobre um estado anterior de narcisismo primário.

Além disso, a distinção do artigo de 1914 entre libido e interesse, enquanto a energia psíquica sexual e a energia das pulsões do eu, respectivamente, que estariam fundidas e indiscriminadas no estado do narcisismo, também se origina das reflexões suscitadas em Freud por conta da análise da paranoia de Schreber. O autor já se lança em uma separação entre os investimentos provenientes do eu e aqueles relativos à libido. Vejamos porque o psicanalista é instigado a abordar esta temática:

Uma terceira reflexão, que se situa no terreno dos pontos de vista aqui desenvolvidos, nos sugere perguntar-nos se devemos supor eficaz o bastante o desprendimento geral da libido do mundo exterior como para explicar desde aí o "sepultamento do mundo", e se em tal caso não alcançariam os investimentos do eu (*Ichbesetzungen*) retidos para manter o *rapport* com o mundo exterior. Dever-se-ia então fazer coincidir o que chamamos investimento libidinal (*Libidobesetzung*) (interesse de fontes eróticas) (*Interesse aus erotischen Quellen*) com o interesse em geral, ou bem considerar a possibilidade de que uma vasta perturbação na colocação da libido possa induzir também uma perturbação correspondente nos investimentos do eu.³³¹

Ainda não há resposta para essa questão, segundo Freud, em decorrência da ausência de uma doutrina das pulsões segura, apesar da psicanálise admitir, por ora, a contraposição entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu. Aqui, tal como no artigo sobre o narcisismo, Freud reafirma o dualismo pulsional nesses moldes, porém se mostra aberto a possíveis revisões neste campo obscuro das pulsões. Não é possível descartar que perturbações na libido possam afetar os investimentos do eu ou que o contrário também seja capaz de

331 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.** AE, vol. 12, p. 68 (grifos do autor). Sobre o termo *Ichbesetzungen*, traduzido como investimentos do eu, James Strachey sinaliza, na nota 22 da mesma página, a ambiguidade à qual está sujeito, por referir-se tanto ao eu que é investido quanto ao eu que investe. Neste caso, o tradutor inglês afirma tratar-se do segundo sentido, o eu que investe, e equivale *Ichbesetzungen* ao *Ichinteresse* (interesse do eu) que aparece em *Introdução ao narcisismo* (Cf. FREUD, S. **Introdução ao narcisismo.** AE, vol. 14, p. 79). De qualquer forma, nossa preocupação aqui é indicar que Freud já diferenciava o interesse do eu do interesse proveniente de fontes eróticas, análoga à distinção entre libido e interesse.

acontecer; talvez esta seja, justamente, a singularidade das psicoses. A única afirmação que Freud fornece com certo grau de certeza ao leitor é a de que o paranoico não retira todo seu interesse do mundo exterior, tal como acontece em outros tipos de psicose alucinatória, porque ele ainda percebe a realidade externa e formula explicações para lidar com ela, como o faz Schreber³³². Para Freud, essa condição torna plausível que, no caso da paranoia, trate-se, exclusivamente ou predominantemente, de alterações na relação da libido com os objetos³³³.

Temos subsídios para compreender, a partir dessa caracterização da paranoia, quais as relações que Freud estabelece entre essa afecção e a demência precoce, relevantes na medida em que marcam a diferença entre autoerotismo e narcisismo já indicada no texto e por nós destacada, sobretudo no que se refere à antecedência do autoerotismo em relação ao narcisismo no desenvolvimento libidinal. Para além da discussão que Freud propõe sobre a nomenclatura - chamá-la de demência precoce ou de esquizofrenia -, considera necessário conservar a paranoia como uma categoria clínica independente, por mais que possa estar impregnada de traços esquizofrênicos³³⁴. As semelhanças encontradas por Freud entre demência precoce e paranoia consistem no desprendimento da libido do mundo externo, seu retorno até o eu e nas manifestações patológicas como tentativa de restabelecimento. As diferenças, por sua vez, abarcam os caminhos de tal tentativa, feita através da projeção na paranoia e pelas alucinações na demência precoce; o desenlace, menos favorável na demência precoce do que na paranoia, na qual há o triunfo da reconstrução por intermédio da formação delirante; a relevância da questão homossexual, central apenas na paranoia; e por fim e de maior importância para nós, os respectivos e diferentes pontos de fixação presentes em cada uma delas³³⁵. O psicanalista revela o seguinte entendimento sobre a demência precoce:

332 Quem, como vimos, empreendeu sua própria defesa diante do tribunal e conquistou sua alta - um exemplo claro da preservação de boa parte de sua relação com a realidade.

333 Recordemos que, em 1914, Freud levanta a questão do por que manter a separação entre libido e interesse, a qual responde recorrendo à oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais, em alusão ao debate com o monismo de Jung, que equivale a libido ao interesse psíquico em geral e retira dela seu caráter sexual. Na parte do artigo em que Freud tece críticas diretas a Jung, acusa o psicanalista suíço de ter interpretado de forma equivocada justamente este trecho do caso Schreber, pois Jung teria entendido que aqui, com as afirmações que expusemos, Freud teria renunciado a sua teoria da libido. Cf. FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 77-78.

334 Aqui Freud tenta substituir a demência precoce ou esquizofrenia pelo termo "parafrenia", separado da categoria clínica da paranoia. Mas, como sabemos, em 1914, no artigo sobre o narcisismo, ele acaba por se referir a ambas sob a denominação de parafrenia, embora não ignore a diferença entre elas (FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Demência paranoides) descrito autobiograficamente**. AE, vol. 12, p. 70, nota 25).

335 Se na carta 125 enviada a Fliess (9/12/1899) - referência destacada por nós no terceiro capítulo, por ser a primeira menção de Freud ao autoerotismo - o psicanalista considera a paranoia como retrocesso ao modo de satisfação autoerótico, aqui o narcisismo vem a ocupar este lugar. Já se tem uma visão mais detalhada do

A regressão não chega até o narcisismo exteriorizado no delírio de grandeza, mas sim até a liquidação do amor de objeto (*Objektliebe*) e o *regresso ao autoerotismo* infantil. Portanto, a fixação predisponente deve situar-se *mais atrás* que no caso da paranoia, ou seja, estar contida no começo do desenvolvimento que partindo do autoerotismo aspira ao amor de objeto.³³⁶

Chamar a patologia de Schreber de "demência paranoide" é uma solução encontrada por Freud para explicitar a possibilidade de combinação de sintomas característicos da demência precoce e da paranoia, produto da proximidade dos pontos de fixação correspondentes às respectivas patologias. Mais de um lugar de fixação e, portanto, de predisposição à doença pode ter marcado o desenvolvimento libidinal do indivíduo, de modo que a regressão da libido possa se consumir até cada um deles - primeiro até o mais próximo em relação à linha imaginária que figura o desenvolvimento alcançado, depois até o mais distante e, conseqüentemente, mais arcaico. Traduzido nos termos que nos interessam, segundo Mezan, "enquanto o paranoico regride ao narcisismo, o esquizofrênico regride ao autoerotismo, cortando seus laços com o mundo de maneira mais radical."³³⁷

Encerramos aqui nossa passagem pelo escrito de Freud sobre Schreber. Se podemos extrair alguma conclusão geral sobre esta exposição, trata-se da relevância indiscutível desta obra como passo para a construção conceitual do narcisismo na composição da teoria da libido. Buscamos nos deslocar pelo escrito sobre o paranoico guiados pelo movimento de retornar a elucidaciones outrora apresentadas, principalmente em alusão a *Introdução ao narcisismo*, sempre que nos saltavam aos olhos as aproximações ou convergências entre as duas obras. Podemos afirmar que a paranoia de Schreber se configura, pelo menos, como um ponto de apoio substancial para uma gama de considerações tecidas por Freud no artigo de 1914 no qual, não por acaso, o autor cede tantos créditos aos traços fundamentais dos parafrênicos como suporte para a extensão da teorização sobre a libido na qual investe.

Conforme pudemos notar, apesar de, assim como nos textos de 1910 - a nota de rodapé dos *Três ensaios...* e o artigo sobre Leonardo da Vinci - o caso Schreber tratar de homossexualidade e narcisismo, ele apresenta uma série de particularidades. Além daquelas

desenvolvimento da libido, com a inserção do narcisismo como fase subsequente ao autoerotismo. À demência precoce cabe a regressão a esse estágio mais inicial do desenvolvimento. Cf. FREUD, S. **Carta 125**. AE, vol. 1, p. 322.

336 FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente**. AE, vol. 12, p. 71 (grifos nossos).

337 MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 231.

que já foram indicadas, como a concepção de homossexualidade e a inclusão do narcisismo como estágio regular do desenvolvimento libidinal, merece destaque a apresentação das diferenças entre autoerotismo e narcisismo, numa espécie de linha que vai do primeiro, passa pelo segundo e chega até o amor de objeto. Veremos como se desenrola o curso desses conceitos, cujos contornos são preservados na próxima obra freudiana à qual nos dedicaremos.

5.2 Ao encontro de *Totem e tabu*

Composta por quatro ensaios, publicados separadamente desde 1912³³⁸, antes de serem reunidos sob o conhecido título um ano depois, *Totem e tabu* pode ser considerada uma obra de síntese - "ela reúne especulações da antropologia, etnografia, biologia, história da religião - e da psicanálise"³³⁹, conforme a descrição de Peter Gay. Apesar das típicas vacilações de Freud quanto ao escrito, Strachey afirma que "o livro foi durante toda sua vida um de seus favoritos"³⁴⁰. Assim como se sucederia com *Introdução ao narcisismo*, pertenceu ao contexto histórico assinalado pelo embate teórico com Jung e seus trabalhos, desta vez referente à crítica de que "procuram resolver problemas da psicologia individual recorrendo a material da psicologia dos povos."³⁴¹

Trata-se de uma obra cuja relevância para a teoria freudiana é inegável, com uma densidade de conteúdos proporcional a sua importância, que é realçada quando nos inclinamos sobre cada um de seus ensaios. No curso do presente trabalho, sua investigação é parte do último passo que nos propusemos a reconstituir quanto à edificação do conceito de narcisismo, aquele que se distingue, principalmente, pela inclusão do narcisismo no desenvolvimento regular da libido e no intervalo localizado entre autoerotismo e amor de objeto, em conformidade com a exposição antecedente do caso Schreber. Portanto, assim como advertimos quanto ao escrito sobre o paranoico, é esta a temática que guiará nossa incursão pelos volumosos artigos de *Totem e tabu*. Já que esta pauta é assunto privilegiado por Freud apenas no terceiro dos quatro ensaios, intitulado *Animismo, magia e onipotência*

338 *O horror ao incesto; O tabu e a ambivalência das moções de sentimento; Animismo, magia e onipotência dos pensamentos; e O retorno do totemismo na infância*, respectivamente. Para uma síntese da obra, cf. FREUD, S. **Apresentação autobiográfica**. AE, vol. 20, p. 62-64.

339 GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 335.

340 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 5. Esse fato tem a ver com a recepção calorosa de seus conteúdos por parte dos discípulos de Freud. Entretanto, vale a pena pontuar que no meio antropológico, como nos informa Garcia-Roza, a obra foi recebida com duras críticas: "O fato é que, até o presente, a aceitação de *Totem e tabu* por parte dos antropólogos pode ser considerada nula." (GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 26).

341 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 7.

dos pensamentos, esta será nossa referência principal daqui por diante.

Entretanto, antes de saltarmos até ele, interessa-nos destacar o pano de fundo sob o qual Freud desenvolve sua investigação sobre as tribos primitivas, suas crenças, seu modo de pensar e de se organizar nesta obra. Já no primeiro ensaio, o autor anuncia a perspectiva que norteia sua escrita não só nesta primeira parte, mas em todos os ensaios, e que justifica o subtítulo conferido à obra, a saber, "Algumas concordâncias na vida anímica dos selvagens e dos neuróticos". Trata-se de debruçar-se sobre a vida anímica dos povos chamados por ele de selvagens segundo a hipótese de que ela conserva estágios prévios de nosso próprio desenvolvimento, com a expectativa, a ser alcançada através da argumentação freudiana, de que a comparação entre a "psicologia dos povos naturais" e a "psicologia do neurótico" proporcionada pela psicanálise revele uma série de convergências, além de permitir "ver sob nova luz"³⁴² o que já se conhece a respeito de ambas.³⁴³

Podemos nos autorizar a estender as aproximações entre a vida anímica do neurótico e do selvagem para a criança, na medida em que os neuróticos representam (*repräsentieren*) "uma peça do infantilismo psíquico"³⁴⁴, seja porque não conseguiram superar constelações psíquicas infantis, seja porque enfrentaram uma inibição no seu desenvolvimento psicosexual, regredindo até determinados pontos de fixação. Consequentemente, também são revelados traços anímicos do indivíduo considerado normal quando são identificadas tais convergências entre os primitivos, os neuróticos e as crianças³⁴⁵. É com base nesses fundamentos que se desenrolam os argumentos de Freud em *Totem e tabu*; deveremos levá-los em conta no estudo a ser desenvolvido a seguir sobre animismo, magia, onipotência dos pensamentos e os elos que os articulam ao narcisismo.

342 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 11.

343 Observamos que a utilização de termos como "selvagem" e "primitivo" apenas segue as denominações escolhidas por Freud nesta obra.

344 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 26.

345 Fazemos questão de distinguir como mais dois termos da comparação a criança e o indivíduo normal, que estão implícitos nesta concordância entre os selvagens e os neuróticos, porque no terceiro ensaio, ao qual concederemos um tratamento mais minucioso, esse pressuposto será de grande valor para a compreensão da onipotência dos pensamentos e da inclusão do debate sobre o narcisismo empreendida por Freud neste contexto. O psicanalista identificará a onipotência dos pensamentos nas crianças, nos primitivos, nos neuróticos e no indivíduo considerado normal. A propósito, em um apêndice ao caso Schreber, já podemos encontrar sugestões que reforçam esta aproximação: "Dissemos: 'No sonho e na neurose reencontramos a criança, com as propriedades de seus modos de pensar e de sua vida afetiva'. Completaremos: 'Também achamos o homem *selvagem, primitivo*, tal como ele se mostra à luz da arqueologia e da etnologia'." (FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente**. AE, vol. 12, p. 76, grifos do autor).

5.2.1 Selvagem, neurótico e criança - a onipotência dos pensamentos como testemunho do narcisismo presente em todos os indivíduos

O tratado sobre *Animismo, magia e onipotência dos pensamentos* está dividido em quatro partes. Grosso modo, Freud trilha o seguinte caminho: na primeira seção, apresenta e define o animismo; na segunda, dedica-se ao estudo da técnica do animismo - a magia -, através da qual chega ao tema subsequente; na terceira, por sua vez, analisa a onipotência dos pensamentos, na qual encontramos a maior parte das referências diretas ao narcisismo; e na quarta, esforça-se por responder por que no animismo renuncia-se à parte da onipotência dos pensamentos, que é conferida aos espíritos. Vejamos os conteúdos mais importantes de cada uma delas, segundo nosso propósito de mostrar como as elucidações sobre o narcisismo trazidas aqui contribuíram para sua formulação enquanto conceito da teoria da libido.

Na primeira parte, baseado principalmente em referências bibliográficas do campo antropológico, o psicanalista circunscreve o animismo ao estatuto de "primeira cosmovisão da humanidade"³⁴⁶, um sistema de pensamento (*Denksystem*) dos povos primitivos, na medida em que fornece explicações sobre o universo como um todo a partir da conexão entre os fenômenos da natureza. A marca desta forma de ver o mundo seriam as "representações sobre as almas"³⁴⁷ (*Seelenvorstellungen*), que são transferidas a todas as coisas, às plantas, aos animais e aos homens, sob o seguinte formato:

Povoam o universo com um sem número de seres espirituais bem ou mal intencionados em relação a eles; atribuem a estes espíritos (*Geister*) e demônios a causação dos processos naturais, e consideram que não só os animais e as plantas, mas também as coisas inertes do universo, estão animadas por eles. Uma terceira peça, e talvez a mais importante, desta "filosofia da natureza" primitiva nos parece muito menos chamativa porque nós mesmos não estamos ainda o bastante distanciados dela, apesar de que limitamos em muito a existência dos espíritos e hoje explicamos os processos naturais mediante o suposto de forças físicas impessoais. Nesta: os primitivos creem em parecida "animação" também a respeito do indivíduo humano. As pessoas possuem almas que podem abandonar sua morada e mudar para outros seres humanos; estas almas são as portadoras das atividades espirituais, e em certo grau são independentes dos "corpos".³⁴⁸

Segundo a maioria dos autores, com os quais Freud concorda, as representações de almas seriam originárias no sistema animista, portanto anteriores à noção de espíritos, que seriam almas que se tornaram independentes do corpo. O animismo seria a base para a construção das religiões, já que Freud elenca três cosmovisões que teriam se sucedido ao longo da história, a saber, a animista, que ele também chama de mitológica neste momento do

346 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 81.

347 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 79.

348 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 79-80.

texto, a religiosa e a científica, também em conformidade com os autores nos quais se baseia. A primeira cosmovisão da humanidade se caracterizaria por ser aquela que foi mais longe em suas explicações sobre o universo e em captar sua essência e, além disso, se configuraria como uma teoria psicológica, consideração que, como veremos, Freud desenvolverá melhor ao longo deste ensaio.

Depois de apresentar ao leitor as características principais do animismo, na segunda parte o autor introduz o tema da magia, através do qual alcançará a questão da onipotência dos pensamentos e, assim, chegará ao campo pelo qual a psicanálise envereda e onde tem muito a contribuir. Para Freud, devem ter sido motivos práticos, guiados pela exigência de se apoderar do mundo, que forneceram o impulso para a criação de um sistema de pensamento tal como o animismo. A pista que permite confirmar esta hipótese está, justamente, nas técnicas de magia (*Magie*) e bruxaria³⁴⁹ (*Zauberei*) encontradas no sistema animista, que indicam as tentativas dos primitivos de manipular os fenômenos da natureza e as relações dos homens entre si. Freud irá privilegiar a investigação sobre a magia, com base na diferenciação entre os dois termos - a bruxaria parece estar centrada na influência sobre os espíritos, ao passo que a magia aparenta ser "a peça mais originária e substantiva da técnica animista"³⁵⁰, porque apesar de atuar sobre os espíritos, serve a outros propósitos anteriores à espiritualização da natureza.

De todo modo, é a técnica da magia que interessa a Freud, cujo princípio consiste em "*tomar equivocadamente uma conexão ideal por uma real*"³⁵¹. O atributo de teoria psicológica conferido ao animismo começa, então, a ser explicado, pois o cerne das operações mágicas será entendido a partir do "mal entendido que leva a substituir leis naturais por leis psicológicas."³⁵² Para chegar até esta compreensão da magia baseada na confusão entre a associação de ideias e a realidade propriamente dita, conhecida como teoria da associação, o autor se debruça sobre dois grupos de ações mágicas, regidos por princípios associativos

349 Na edição argentina, o tradutor opta pelo termo *ensalmo*, que também existe no português, mas sugere que "bruxaria" também exprime o significado de *Zauberei*. Optamos por "bruxaria" por ser um termo mais conhecido, que remete à feitiçaria e não deixa de fornecer a visão dessa influência sobre os espíritos privilegiada por Freud em sua definição de *Zauberei* em comparação com a concepção de magia, a ser descrita na frase seguinte.

350 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 82.

351 A citação é de E. B. Tylor, reproduzida por Freud: "*mistaking an ideal connection for a real one*" (FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 83, grifos do autor).

352 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 87. Ainda no terceiro ensaio, porém já em sua quarta parte, Freud reafirma que o animismo era uma cosmovisão psicológica porque o homem primitivo julgava conhecer o mundo, transferia a ele suas próprias constelações psíquicas (p. 94-95) - como veremos em seguida, é justamente essa operação que a magia evidencia na forma de pensar animista.

diferentes - a similitude (*Ähnlichkeit*) e a afinidade (*Zusammengehörigkeit*) ou contiguidade (*Kontiguität*) -, também conhecidas por Frazer, principal referência de Freud neste assunto, como magia imitativa e magia contagiosa, respectivamente.

No primeiro grupo, destaca-se a similitude entre a ação mágica realizada e o resultado previsto, de modo que "a distância não supõe obstáculo algum, e por conseguinte se aceita a telepatia como um fato natural"³⁵³. Um dos exemplos oferecidos por Freud desta magia imitativa, governada pela noção de similaridade, é a construção da figura do inimigo ou daquele que é devotado em algum material, assim todas as atitudes dirigidas ao modelo sucedem-se, de fato, àquele a quem a imagem tenta imitar, tanto aquelas guiadas por sentimentos hostis, quanto as de veneração. Já no segundo grupo, regido pelo princípio da afinidade ou contiguidade, prevalece a ideia de nexos espacial, ainda que esta proximidade já não esteja mais presente e seja apenas recordada, como mostra a prática primitiva do canibalismo e a concepção adjacente a ele de que se alimentar de uma parte do corpo que pertenceu ao outro significa, automaticamente, apreender suas qualidades. Por isso a possibilidade de nomeá-la também de magia contagiosa, já que pressupõe algum tipo de contato prévio entre as partes envolvidas na ação mágica.

A técnica da magia e suas variações revelam, pois, "que é o império da associação de ideias que explica toda a insensatez dos procedimentos mágicos."³⁵⁴ Freud identifica a magia como técnica do animismo, investiga seu mecanismo de funcionamento através desses dois grupos de ações mágicas e conclui que ele consiste na hegemonia de leis psicológicas que passam a se sobressair diante das leis naturais. É esclarecida a via pela qual a magia transita, porém ainda não se tem notícia dos motivos que levam os primitivos a atribuírem tanto valor a suas ideias, em detrimento aos fatos da realidade. Freud se dedica, justamente, a investigar tais razões; para ele, consistem, claramente, nos desejos dos homens. É a fim de realizar seus desejos sobre as coisas, pessoas e fenômenos da natureza que os primitivos praticam magia. Se querem prejudicar um inimigo, se querem devotar alguma divindade, se querem a chuva ou a fertilidade da terra - tudo pode ser alcançado pela atividade mágica. O psicanalista atribui um caráter central ao desejo (*Wunsch*) como impulso da magia e, além disso, ao pressuposto de que "o homem primitivo tem uma grande confiança no poder dos seus desejos"³⁵⁵.

Freud propõe uma analogia com a criança para elucidar esse tipo de atitude psíquica

353 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 84-85.

354 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 86.

355 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 87.

dos primitivos e remete o leitor ao artigo *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*³⁵⁶, publicado em 1911, para justificar a afirmação de que a criança se encontra na mesma situação que o primitivo quanto a esta suposta confiança excessiva no poder dos seus desejos outrora indicada, exceto pelo fato de que ela não dispõe de meios para executar ações motoras impulsionadas por esta crença. No caso da criança, no início do desenvolvimento os desejos são satisfeitos pela via alucinatória, por meio da excitação dos órgãos sensoriais³⁵⁷. Por outro lado, o primitivo tem acesso à motilidade e, portanto, a capacidade de agir sobre o mundo: "De seu desejo pende um impulso motor, a vontade, e esta - que logo mudará a face da Terra a serviço da satisfação de desejos - é empregada então para figurar a satisfação, de sorte que, por assim dizer, se possa vivenciá-la mediante alucinações motoras"³⁵⁸. É como se a própria ação mágica tivesse levado à modificação exterior que produziu a satisfação dos desejos, mas, por trás de tal ação, encontram-se as razões que conduziram até ela, a saber, a vontade de que os desejos fossem realizados.

A aproximação entre os selvagens e as crianças ainda pode ser encontrada na equiparação de tal "*figuração (Darstellung)* do desejo satisfeito"³⁵⁹ realizada pelos primeiros e o jogo (*Spiel*) das segundas. Freud apenas indica brevemente esta comparação, mas podemos inferir que no caso do jogo a criança também satisfaz seus desejos por meio de ações motoras e não mais pelo investimento alucinatório da recordação do objeto que proporcionou a satisfação. O jogo infantil é concebido à semelhança das alucinações motoras

356 FREUD, S. **Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico**. AE, vol. 12, p. 217-231.

357 Em *Formulações...*, Freud considera que as exigências impostas pelas necessidades internas perturbaram o estado de repouso psíquico: "Neste caso, o pensado (o desejado) foi posto de maneira simplesmente alucinatória, como ainda hoje nos acontece todas as noites com nossos pensamentos oníricos." Como a satisfação esperada não foi encontrada, a via alucinatória deixou de ser um caminho possível para a satisfação e o aparato psíquico teve que buscar a alteração real no mundo exterior. (FREUD, S. **Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico**. AE, vol. 12, p. 224). Apesar de Freud remeter o leitor ao artigo mencionado, estas concepções são muito mais antigas, como podemos notar no *Projeto de psicologia*, publicado em 1950, mas escrito em 1895. Naquela ocasião, ao discorrer sobre a vivência de satisfação, Freud considera que a eliminação temporária dos estímulos endógenos depende de uma ação específica, isto é, uma alteração no mundo exterior que elimine a tensão, como o alimento no protótipo da fome. No início do desenvolvimento, a criança não tem condições de realizar a ação específica - em convergência com o que Freud afirma agora em *Totem e tabu* quando diz que a criança não é capaz de executar ações motoras para realizar seu desejo, diferentemente do primitivo -; isso é feito com o auxílio daqueles que cuidam dela. O cancelamento dos estímulos endógenos garantido pelo auxílio alheio na consumação da ação específica consiste na vivência de satisfação. A vivência de satisfação, por sua vez, associa-se à imagem do objeto que proporcionou esse alívio de tensão, de modo que quando os estímulos endógenos voltam a exigir a descarga e o objeto não está presente, investe-se na imagem recordada do objeto. O resultado é a reanimação de tal imagem recordada como se ela equivalesse à percepção do objeto, produzindo a satisfação alucinatória do desejo. (FREUD, S. **Projeto de psicologia**. AE, vol. 1, p. 364).

358 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 87.

359 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 87 (grifo do autor).

vivenciadas pelos primitivos a partir da atuação mágica sobre o mundo - o desejo é satisfeito tanto através da técnica mágica quanto através do jogo.

O mais importante aqui é que por meio do estudo da magia entre os primitivos e da constatação do poder dos desejos que se encontra por trás dela, reforçados pelas analogias com a criança, Freud chega até a "onipotência dos pensamentos" (*Allmacht der Gedanken*), entendida como o princípio que governa a magia enquanto técnica do sistema de pensamento animista:

Existe então uma superestimação (*Überschätzung*) geral dos processos anímicos, vale dizer, uma atitude frente ao mundo, que nós, de acordo com nossas intelecções do vínculo entre realidade e pensar, não podemos menos que considerar como uma superestimação do segundo. As coisas do mundo são relegadas atrás de suas representações; o que com estas se empreenda acontecerá por força também a aquelas. As relações que existem entre as representações se pressupõem também às coisas. Posto que o pensar não conhece distâncias, reúne com facilidade em um só ato de consciência o mais afastado no espaço e o mais separado no tempo, no mundo mágico se sobrepõe telepaticamente a distância espacial e tratará como atual um nexa que se apresentou outrora.³⁶⁰

Aquilo que no sistema de pensamento animista é atribuído à magia pelos primitivos - a capacidade de atuar sobre as coisas e modificá-las conforme o seu desejo -, trata-se, na verdade, da manifestação da extensão que esses homens conferem à sua própria vontade. A superestimação de seus desejos é, então, generalizada por Freud ao poder concedido pelos primitivos a todos os seus atos psíquicos, o que o leva a reconhecer o papel central da onipotência dos pensamentos, que ultrapassará as fronteiras da vida anímica primitiva na próxima parte deste terceiro ensaio, pois as comparações que vêm sendo traçadas entre o primitivo e a criança se estenderão até o neurótico e, em última instância, ao indivíduo considerado normal. Entretanto, antes de continuar, tomemos emprestadas as palavras com as quais Peter Gay descreve o terceiro ensaio. Apesar do caráter de síntese, já podemos compreendê-las sob a perspectiva de que esclarecem as analogias entre criança, selvagem, neurótico e o indivíduo comum, bem como seu papel na argumentação freudiana:

O terceiro examina a relação entre animismo, na época geralmente considerado como o precursor primitivo da religião, e pensamento mágico, e a seguir associa ambos à necessidade da crença infantil na onipotência dos pensamentos. Aqui, como em todo o *Totem e tabu*, Freud foi além do que havia prometido a seus leitores no subtítulo³⁶¹. Estava interessado em algo mais do que a concordância entre formas neuróticas e o que ele chamava de formas "primitivas" de pensamento: ele queria descobrir a luz que a postura mental primitiva pode lançar sobre todo o pensamento, mesmo o "normal" - e sobre a história. Freud concluiu que o sistema mental dos "selvagens" revela nos mais fortes traços aquilo que o psicanalista é levado a reconhecer em seus pacientes e, observando o mundo, em todas as pessoas: a

360 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 88.

361 Para recordar: "Algumas concordâncias na vida anímica dos selvagens e dos neuróticos".

pressão dos desejos no pensamento, as origens absolutamente práticas de toda a atividade mental.³⁶²

Passemos, então, para a investigação mais profunda disso que Peter Gay chama de "pressão dos desejos no pensamento", mas que Freud estende à superestimação de todos os atos psíquicos através da já conhecida onipotência dos pensamentos, e para a análise dos vínculos estabelecidos entre esta e o narcisismo - o ponto mais alto de nossa discussão. Se até então no terceiro ensaio Freud havia identificado a onipotência dos pensamentos no selvagem, por meio da magia, e na criança, pela satisfação alucinatória de desejo característica do início do desenvolvimento e pelos jogos infantis, a partir de agora reconhecerá esta atitude psíquica nos neuróticos obsessivos, bem como nos demais tipos de neuroses.

Logo no primeiro parágrafo da terceira parte, o psicanalista credita ao "Homem dos ratos" - um de seus célebres casos clínicos - o termo "onipotência dos pensamentos". Ora, provém de ninguém menos que um neurótico obsessivo a designação à qual o psicanalista vinha recorrendo para qualificar aspectos encontrados nas vidas anímicas primitiva e infantil. Através de uma breve visita ao escrito de 1909, vemos que neste homem submetido ao tratamento psicanalítico por Freud, a superestimação dos atos psíquicos se exterioriza na ausência de fronteiras espaciais ou temporais para os atos psíquicos - o que é pensado ou sentido pode afetar diretamente as pessoas e as coisas e provocar alterações no mundo exterior. "Suponhamos, sem mais, que nessa crença se confessa sinceramente um fragmento da antiga mania de grandeza da infância"³⁶³, afirma o psicanalista. Apesar dos detalhes do caso, o que chama a atenção é a extensão atribuída pelo "Homem dos ratos" a seus pensamentos e sentimentos, que se aplica também aos demais neuróticos obsessivos, segundo Freud.

Entretanto, apesar do autor reconhecer que na neurose obsessiva isso se mostra de

362 GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 335. Deve ter chamado a atenção do leitor a utilização do termo "mental", que aparece três vezes neste trecho e que não havíamos utilizado nenhuma vez em nosso trabalho. Normalmente, Freud utiliza em seu texto termos derivados de *Seele* ou de *Psyche*, como os adjetivos *seelisch* e *psychisch*, para expressar esse tipo de sentido que parece estar presente neste trecho de Peter Gay. Na edição argentina, eles são traduzidos por anímico e psíquico, respectivamente. Portanto, optamos por seguir esta escolha e não recorreremos ao adjetivo "mental", apenas neste caso em que preservamos a opção da tradutora para o português da obra de Peter Gay.

363 FREUD, S. **A propósito de um caso de neurose obsessiva**. AE, vol. 10, p. 182. Trata-se de um escrito de 1909. Como sabemos, Freud já mencionara o narcisismo em um encontro da Sociedade Psicanalítica de Viena, mas o citou publicamente pela primeira vez naquela nota de 1910 dos *Três ensaios de teoria sexual*, à qual nos dedicamos no quarto capítulo. Depois do percurso que fizemos neste trabalho, contudo, acreditamos que já temos condições de sugerir que essa mania de grandeza da infância está associada ao narcisismo infantil.

maneira mais acentuada, fala de uma "sobrevivência da onipotência dos pensamentos"³⁶⁴ nas neuroses em geral. Para justificar a inclusão de todos os neuróticos nessa conta, Freud recorre, mais uma vez, às já citadas *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, dessa vez no sentido de apontar a importância da realidade do pensar para a formação do sintoma neurótico. Recapitulando o que já foi afirmado nesse artigo, Freud diz que o neurótico vive em um mundo próprio onde só circula a "moeda neurótica"³⁶⁵, o que significa que valem as representações investidas de afeto, mesmo que não concordem com aquilo que é encontrado na realidade objetiva do vivenciar³⁶⁶. Um dos exemplos oferecidos por Freud é do histérico, cujos sintomas se fundam em fantasias, ainda que estas estejam relacionadas, em última instância, a fatos reais. De todo modo, essa condição da neurose - a prevalência da realidade do pensar sobre a realidade objetiva exterior³⁶⁷ - autoriza a afirmar que também vigora nela a onipotência dos pensamentos, a mesma que é revelada pela magia entre os primitivos e pela atitude psíquica da criança frente ao mundo exterior.

Eis o desenlace no qual desemboca todo o estudo empreendido por Freud sobre animismo e magia nesta terceira parte do penúltimo ensaio da obra: para o psicanalista, a manifestação da superestimação dos atos psíquicos, designada por onipotência dos pensamentos, consiste não só em uma "peça essencial"³⁶⁸ do narcisismo, como também em um testemunho (*Zeugnis*) dele - um atestado de sua existência, por assim dizer³⁶⁹. Depois de

364 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 90. Já não soa estranho que o psicanalista fale em "sobrevivência", na medida em que partiu da identificação desse modo de funcionamento psíquico entre os primitivos e as crianças.

365 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 90.

366 Nas *Formulações...*, Freud afirma: "Temos a obrigação de servir-nos da moeda que predomina no país que investigamos; em nosso caso, da *moeda neurótica*." A explicação é que entre os processos inconscientes, onde se encontram as representações reprimidas, não governa o exame de realidade, de modo que a realidade do pensar seja equiparada à realidade objetiva exterior e o desejo seja equiparado a seu cumprimento, devido ao império do princípio de prazer (FREUD, S. **Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico**. AE, vol. 13, p. 230, grifos do autor).

367 Os termos "realidade objetiva do vivenciar" e "realidade objetiva exterior" foram reproduzidos conforme a tradução argentina, em contraste com a "realidade do pensar" (Cf. FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 90; **Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico**. AE, vol. 13, p. 230). Dizem respeito aos termos alemães *Realität des Erlebens*, *äußer Realität* e *Denkrealität*, respectivamente. Não entraremos no problema da realidade na teoria freudiana, queremos nos concentrar apenas na constatação de que entre os neuróticos, assim como entre os primitivos, também há uma superestimação dos atos psíquicos.

368 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 93.

369 No artigo sobre o narcisismo de 1914, Freud nos diz: "Uma terceira contribuição a esta extensão, legítima segundo creio, da teoria da libido a proporcionam nossas observações e concepções sobre a vida anímica das crianças e dos povos primitivos. Nestes últimos achamos traços que, se se apresentassem isolados, poderiam imputar-se ao delírio de grandeza: uma superestimação do poder de seus desejos e de seus atos psíquicos, a 'onipotência dos pensamentos', uma fé na virtude ensalmadora das palavras e uma técnica dirigida ao mundo exterior, a 'magia', que aparece como uma aplicação consequente das premissas da mania de grandeza. Supomos uma atitude totalmente análoga frente ao mundo exterior nas crianças de nosso tempo, cujo

penetrar neste terceiro ensaio, privilegiado por nós na passagem por *Totem e tabu*, e reconhecer a superestimação dos atos psíquicos no selvagem, na criança, no neurótico obsessivo, bem como em todos os neuróticos, finalmente alcançamos o lugar que justifica todo o percurso antecedente, em consonância com os nossos propósitos de investigar aquele que consideramos o último dos passos para a constituição do conceito de narcisismo na teoria freudiana. Desde o princípio do presente capítulo, recordamos a importância da onipotência dos pensamentos como uma das contribuições para a introdução formal do narcisismo, de acordo com as palavras de Freud no artigo de 1914 dedicado ao conceito, e apontamos que o formato no qual ele é descrito em *Totem e tabu* reforça as concepções já apresentadas no caso Schreber. Vejamos, então, de que maneira Freud caracteriza o narcisismo e sua posição no desenvolvimento libidinal, em que sentido o autor preserva os pontos de vista expostos no escrito sobre o paranoico e como tal conjuntura se aproxima do que será afirmado um ano depois, em *Introdução ao narcisismo*.

Para justificar por que a onipotência dos pensamentos estabelece vínculos tão fortes com o narcisismo, Freud apresenta suas concepções sobre ele. Em primeiro lugar, o autor transporta o leitor para o campo do "desenvolvimento das aspirações libidinosas no indivíduo"³⁷⁰, mais especificamente para as intelecções acerca da vida sexual infantil, reportando-se aos *Três ensaios de teoria sexual*, publicados em 1905. O principal objetivo de retomar esta obra concentra-se em lembrar o que é autoerotismo e quais os rumos tomados pelas pulsões sexuais na maturidade sexual, assunto ao qual nos dedicamos, exaustivamente, no terceiro capítulo deste trabalho:

As exteriorizações das pulsões sexuais se discernem desde o começo, mas elas não se dirigem então a um objeto exterior. Os diversos componentes pulsionais da sexualidade trabalham no ganho de prazer cada um para si, e acham sua satisfação no corpo próprio. Esse estágio (*Stadium*) recebe o nome de *autoerotismo*, e é substituído pelo da *eleição de objeto (Objektwahl)*.³⁷¹

Não é novidade para nós que, a princípio, as pulsões sexuais se comportam de maneira autoerótica, satisfazendo-se, cada uma por sua conta, nas mais variadas zonas erógenas do próprio corpo, para que, após a puberdade, ao atingir sua conformação adulta, lancem-se ao

desenvolvimento nos resulta muito mais impenetrável." (FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 73). De certa forma, ele faz um compêndio das conclusões alcançadas neste terceiro ensaio de *Totem e tabu* pela observação dos primitivos, pelas comparações com a criança, com o neurótico obsessivo e com todos os neuróticos, as quais temos nos esforçado por demonstrar a fim de justificar a importância da onipotência dos pensamentos para a constituição do conceito de narcisismo.

370 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 92.

371 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 92 (grifos do autor).

amor de objeto. Tampouco são novos os pontos de vista apresentados por Freud em seguida, a saber, que o narcisismo seja inserido como fase intermediária entre esses dois marcos do desenvolvimento psicosexual, já que pudemos investigar tal formulação desde o escrito sobre Schreber, assim como a distinção bem delineada entre autoerotismo e narcisismo adjacente a essa concepção:

Ao avançar o estudo, demonstrou ser adequado, e ainda indispensável, intercalar entre esses dois estágios um terceiro ou [...] decompor em dois o primeiro estágio, o do autoerotismo. Nesse estágio intermediário (*Zwischenstadium*), cuja significatividade se impõe cada vez mais à investigação, as pulsões sexuais antes separadas já se compuseram³⁷² em uma unidade e também acharam um objeto; mas este objeto não é um exterior, alheio ao indivíduo, mas sim o eu próprio, constituído por volta dessa época. Considerando as fixações patológicas desse estado, que se observam mais tardiamente, chamamos *narcisismo* a esta nova etapa. A pessoa se comporta como se estivesse enamorada de si mesma; nela, nossa análise não pode separar ainda as pulsões do eu e os desejos libidinosos.³⁷³

É pertinente dar início a digressões mais extensas, tal como propusemos em nossa análise anterior do caso Schreber, na ocasião em que apresentamos as elucidações mais importantes sobre o narcisismo. Uma observação inicial que merece ser feita diz respeito à peculiaridade de que, dessa vez, o narcisismo adquire espaço em um contexto ainda mais desvinculado da homossexualidade que o do escrito freudiano sobre o paranoico. Desde a primeira menção ao narcisismo em sua obra, naquela nota de rodapé de 1910 adicionada aos *Três ensaios de teoria sexual*, passando pelo artigo sobre Leonardo da Vinci, Freud abordara o termo no sentido restrito à escolha de objeto homossexual. Em 1911, no caso Schreber, apesar da universalização do narcisismo operada pelo psicanalista e sua inclusão como fase regular da evolução da libido, o problema da homossexualidade ainda marcava forte presença por sua conexão com a paranoia, conforme pudemos notar. Já em 1913, com *Totem e tabu*, o impulso para incluir o narcisismo na discussão teórica se concentra nas revelações possibilitadas pela investigação da vida anímica dos povos primitivos, entrelaçada com as constelações psíquicas do neurótico, da criança e, por extensão, do indivíduo considerado normal. Trata-se, pois, de outro ponto de partida desde onde rompe a temática do narcisismo, com a preservação de seu estatuto de estágio universal do desenvolvimento psicosexual, atravessado por todos os indivíduos.

372 Aqui, o verbo em alemão é *zusammensetzen*. No trecho que trata do mesmo assunto no caso Schreber, em que Freud admite o narcisismo como estágio intermediário entre autoerotismo e escolha de objeto, o verbo em alemão é *zusammenfassen*. Nos dois casos, a ideia é a mesma - sintetizar, reunir, compor, condensar. -, em referência ao que se sucede com as pulsões autoeróticas no estágio do narcisismo.

373 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 92 (grifo do autor).

Sob o ponto de vista da distinção traçada entre autoerotismo e narcisismo, podemos considerar que Freud mantém a ideia inaugurada em 1911, acerca da pluralidade e antecedência das pulsões autoeróticas, em detrimento à unidade do narcisismo, estágio subsequente no desenvolvimento da libido, em que o eu é tomado como objeto antes que seja possível eleger um objeto externo. Independentemente da sugestão de Freud de acrescentar o estágio do narcisismo como um terceiro da série composta por autoerotismo e escolha de objeto, ou de decompor o estágio do autoerotismo em dois, permanece a noção do narcisismo como fase mediadora entre a anarquia das pulsões parciais autoeróticas, por assim dizer, e a condução da libido para um objeto exterior ao próprio corpo. Trata-se das mesmas elucidações já apresentadas no caso Schreber; portanto, aproximam-se das constatações realizadas um ano depois, em *Introdução ao narcisismo*, e se inserem no problema da passagem da sexualidade infantil para a adulta da mesma maneira anteriormente descrita. Por conta disso, não repetiremos com a mesma proporção o movimento de ir e vir entre *Totem e tabu*, o artigo sobre o narcisismo e os passos percorridos nos capítulos anteriores no que se refere à sequência autoerotismo - narcisismo - amor de objeto, tal como fizemos na primeira parte deste capítulo³⁷⁴.

No entanto, interessa-nos lembrar, novamente, a concepção apresentada em *Introdução ao narcisismo*, de que não há uma unidade comparável ao eu no início do desenvolvimento; há uma multiplicidade de pulsões autoeróticas, de modo que "*algo tem que agregar-se ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua*"³⁷⁵. Já inferimos, desde o primeiro capítulo, que esta nova ação psíquica consiste na constituição do eu, para que ele seja enfim tomado como objeto sexual no estado do narcisismo. Se

374 Para rememorar, na ocasião em que apresentamos as novidades trazidas com o caso Schreber, além de termos pontuado as diferenças estabelecidas entre autoerotismo e narcisismo e como elas colaboraram para a abordagem do mesmo assunto em *Introdução ao narcisismo*, procuramos mostrar como a sequência autoerotismo - narcisismo - escolha de objeto acaba se inserindo no contexto da transição entre a sexualidade infantil autoerótica e a sexualidade adulta objetual. Isto tendo em vista o percurso explorado nos capítulos dois e três. No segundo capítulo, esboçamos a teoria da sedução freudiana e as consequências de seu abandono, entre elas a emergência da sexualidade infantil, mas também o advento de uma concepção de sexualidade cujos rumos eram ditados por fatores endógenos, o que ajudou a entender as dificuldades com as quais Freud se depara para dar conta da passagem da vida sexual infantil para a sexualidade adulta após a puberdade, nos *Três ensaios de teoria sexual* de 1905. No terceiro capítulo, foi justamente este o texto que protagonizou nossa exposição, a fim de apresentar o modo como Freud descrevia sua teoria da sexualidade, com enfoque na caracterização da sexualidade infantil e no trajeto que vai do autoerotismo ao encontro de objeto. O narcisismo veio a se inserir, tanto no caso Schreber como em *Totem e tabu*, entre esses dois marcos da sexualidade freudiana, auxiliando, de alguma forma, a conceber as transformações indicadas, já que as pulsões parciais autoeróticas se reúnem para tomar o eu como objeto antes que possam escolher um objeto externo ao próprio corpo.

375 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 74 (grifo nosso).

consideramos as diferenças entre autoerotismo e narcisismo, conforme elas foram descritas no caso Schreber e foram reafirmadas em *Totem e tabu*, como os alicerces para que Freud alcançasse esse entendimento em 1914, gostaríamos de acrescentar que, no escrito de 1913, parece-nos que a aproximação pode ser identificada de forma ainda mais nítida. Aqui no terceiro ensaio de *Totem e tabu*, além de equiparar o narcisismo à reunião das pulsões autoeróticas para tomar o eu como objeto, antes de eleger um objeto externo, Freud declara explicitamente que o eu deve ter sido "*constituído por volta dessa época*"³⁷⁶. Deste ponto até concluir que o narcisismo acompanha a constituição do eu e só pode se instaurar depois que se cumpra esta nova ação psíquica sobre o autoerotismo, bastou o intervalo de um ano entre as publicações de *Totem e tabu* e *Introdução ao narcisismo*.

Freud ainda nos diz neste terceiro ensaio de *Totem e tabu*: "Considerando as fixações patológicas desse estado, que se observam mais tardiamente, chamamos *narcisismo* a esta nova etapa."³⁷⁷ Depois do percurso traçado neste trabalho, temos condições de sugerir quais podem ser essas fixações patológicas. No caso Schreber, tema da primeira parte do nosso último capítulo, notamos que através do delírio de grandeza exteriorizado pelos paranoicos, Freud chega até a afirmação de que a paranoia é marcada por uma fixação no estágio do narcisismo, o qual é atravessado por todos os indivíduos. A libido que se desprende dos objetos do mundo externo na paranoia retorna ao eu, caracterizando a regressão ao estado do narcisismo, em que o eu era o único objeto sexual. Em concordância com as elucidações possibilitadas pela paranoia de Schreber, em *Introdução ao narcisismo*, como sabemos, as parafrenias são reconhecidas por sua contribuição fundamental para a admissão do narcisismo como parte do desenvolvimento regular da libido, sobretudo no que diz respeito ao delírio de grandeza e ao afastamento do enfermo em relação às pessoas e coisas do mundo exterior, que fornecem as pistas para o reconhecimento do narcisismo primário e normal.

A definição de narcisismo trazida em *Totem e tabu* abarca também a seguinte afirmação de Freud: "A pessoa se comporta como se estivera enamorada de si mesma; nela, nossa análise não pode separar ainda as pulsões do eu e os desejos libidinosos."³⁷⁸ Essa condição é reforçada um ano depois, pois sabemos que uma das descrições do narcisismo infantil em 1914 está amparada na distinção entre pulsões do eu e pulsões sexuais, na medida em que o estado do narcisismo significa "uma época e a uma situação psíquica em que ambas

376 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 92 (grifos nossos).

377 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 92 (grifo do autor).

378 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 92.

as classes de pulsões emergiam como interesses narcisistas atuando ainda [...] em união inseparável."³⁷⁹ Tais concepções, por sua vez, encontram-se intimamente relacionadas à distinção das energias psíquicas entre libido e interesse, anunciada no caso Schreber, como vimos anteriormente, e reforçada em *Introdução ao narcisismo*, com a ideia de que elas estão condensadas e indiscriminadas no estado do narcisismo, e com o investimento de objeto torna-se viável distinguir a libido, enquanto energia psíquica sexual, da energia das pulsões do eu (*Ichtriebe*), que Freud chama de interesse. Se no caso Schreber Freud já se lança na separação entre os investimentos provenientes do eu e aqueles relativos à libido, com base na distinção entre pulsões do eu e pulsões sexuais, em *Totem e tabu* ele entende que no narcisismo ainda não é possível separar ambas as classes de pulsões, ideia que se fortalece em *Introdução ao narcisismo*.

Nos empenhamos, então, em destrinchar aqueles pontos de vista sobre o narcisismo de *Totem e tabu*, em conexão com outras investigações prévias. Voltemos, pois, a este texto de Freud, visto que há mais elucidações relacionadas ao tema que protagoniza o presente trabalho, as quais também merecem digressões do tipo que empreendemos há pouco. Na sequência do trecho que reproduzimos acima e sobre o qual desenvolvemos nossas análises, o psicanalista fornece outras indicações que julgamos importantes para compreender a constituição do conceito de narcisismo, tal como ele é formulado no artigo de 1914 que leva seu nome no título:

Ainda que não nos resulte possível traçar com a precisão suficiente uma caracterização deste estágio narcisista, no qual as pulsões sexuais até esse momento dissociadas se conjugam em uma unidade e o eu é investido como objeto, vislumbramos desde agora que a organização narcisista nunca se resignará de todo. O ser humano permanece narcisista em certa medida mesmo depois que achou objetos externos para sua libido; os investimentos de objeto que ele empreende são, por assim dizer, emanações da libido que permanece no eu, e podem ser retiradas de novo para este. Os estados de enamoramento, psicologicamente tão assombrosos e que são os arquétipos normais das psicoses, correspondem ao máximo nível destas emanações comparado com o nível do amor ao eu.³⁸⁰

Imediatamente, chama a atenção a proximidade desse entendimento do estágio narcisista com a nova distinção a ser efetuada em 1914, entre libido do eu e libido de objeto. A imagem da ameba que emite seus pseudópodes, em analogia à libido que se dirige aos objetos, mas que sempre permanece no eu em alguma medida, pautada no pressuposto de um investimento originário de libido no eu, o qual nunca é completamente abandonado, já pode

379 FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. AE, vol. 14, p. 89.

380 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 92.

ser visualizada nessa descrição da economia libidinal de 1913. Quando Freud diz que os indivíduos nunca renunciam totalmente à organização narcisista, não podemos deixar de lembrar o quanto o psicanalista insiste nas dificuldades de abdicar do narcisismo infantil em *Introdução ao narcisismo*. Talvez o melhor exemplo que ilustra essa faceta do narcisismo de 1914 seja a apresentação da formação do ideal do eu, concebida como um modo de garantir a sobrevivência da satisfação narcisista vivenciada no narcisismo primário - o eu ideal é perfeito, assim como o eu infantil o fora antes.

Da mesma forma, em *Totem e tabu* já é esboçada a noção do funcionamento econômico da libido, que é marcante no artigo sobre o narcisismo. Como sabemos, neste Freud afirma que o investimento circula entre eu e objeto de forma inversamente proporcional - quanto mais a libido é dirigida aos objetos, mais se empobrece a libido do eu; quanto mais elevada a quantidade de libido que ocupa o eu, menos investidos de libido os objetos. Também temos conhecimento de que o enamoramento e a fantasia de fim de mundo do paranoico são os exemplos típicos de cada um dos casos, respectivamente, em *Introdução ao narcisismo*. Depois de termos passado pelo caso Schreber, vimos que o próprio enamoramento pode ser considerado como uma variedade do sepultamento do mundo característico da paranoia, na medida em que neste estado o objeto absorve para si toda libido que se destinava ao mundo externo, enquanto no delírio dos paranoicos é o eu que cumpre este papel. Acreditamos que essas concepções ajudam a entender porque Freud concebe os estados de enamoramento como "arquétipos normais das psicoses", tal como reproduzimos do trecho presente em *Totem e tabu*.

Assim, vemos que o tratamento dedicado ao narcisismo em *Totem e tabu* mantém uma série de pontos de vista já anunciados no escrito sobre Schreber, por exemplo quanto à diferenciação entre autoerotismo e narcisismo, além da inserção do último entre autoerotismo e escolha de objeto; ao mesmo tempo em que traz aproximações ainda mais nítidas com algumas formulações do artigo sobre o narcisismo, como no caso das afirmações sobre a sobrevivência da organização narcisista em certa medida, já que uma parcela de libido permanece no eu, mesmo depois de se dirigir aos objetos. Entretanto, para não perder de vista porque Freud levanta a temática do narcisismo nesta obra à qual nos dedicamos na segunda parte do último capítulo, propomos agora um retorno à questão da onipotência dos pensamentos. Foi a superestimação dos atos psíquicos reconhecida nos primitivos e, por conseguinte, nas crianças e nos neuróticos, que instigou o psicanalista a recorrer ao

narcisismo, na medida em que aquela atitude psíquica é concebida não só como peça essencial desse estado, mas também como testemunho dele, para preservar os termos de Freud. Vejamos como o autor explica essa relação estabelecida entre onipotência dos pensamentos e narcisismo:

Diríamos que entre os primitivos o pensar está ainda sexualizado em alto grau; a isto se deve a crença da onipotência dos pensamentos, a confiança incomovível na possibilidade de governar o mundo e a impermeabilidade às experiências, fáceis de fazer, que poderiam instruir os seres humanos sobre sua real posição dentro do universo. Os neuróticos receberam em sua constituição mesma um considerável fragmento dessa atitude primitiva. Isso por uma parte; pela outra, a repressão do sexual, neles sobrevinda, proporcionou uma sexualização nova. As consequências psíquicas têm que ser as mesmas em ambos os casos, o do superinvestimento (*Überbesetzung*) originário do pensar e o do superinvestimento libidinoso alcançado por via regressiva: narcisismo intelectual, onipotência dos pensamentos.³⁸¹

Se somarmos a essa explicação aquilo que já conhecemos sobre o narcisismo, podemos inferir que a referência freudiana à sexualização do pensar remete ao estado narcísico em que o eu é tomado como objeto sexual e, portanto, objeto da libido. Podemos entender que se estende de tal forma a capacidade da atuação dos pensamentos sobre as coisas do mundo porque o eu está engrandecido de libido, seja por uma condição originária do homem primitivo, seja pela regressão da libido a pontos anteriores do desenvolvimento psicosexual característica da formação de sintoma das neuroses.

A associação entre onipotência dos pensamentos e narcisismo ainda é explorada por Freud nas comparações sugeridas entre a história do desenvolvimento das cosmovisões humanas, os destinos da onipotência dos pensamentos em cada uma delas e os estágios da evolução da libido correspondentes. Já na primeira parte do terceiro ensaio de *Totem e tabu*, Freud havia proposto que à cosmovisão do animismo teria se sucedido a fase religiosa, a qual, por sua vez, fora substituída pela fase científica. Na primeira forma de conceber o mundo, o ser humano conferia a si mesmo a onipotência dos pensamentos, conforme pudemos notar pelo estudo da magia; na segunda, aquela era destinada, em parte, aos deuses, mas permanecia nos homens na medida em que seus desejos podiam influenciar as divindades; na terceira, Freud diz que já não sobra espaço para a onipotência dos seres humanos, porém é possível revivê-la, em certa medida, através da confiança na capacidade da ciência, construída pelos próprios homens para se apropriar do mundo. Quanto aos estágios da libido equivalentes a cada uma dessas fases, Freud considera o animismo equivalente ao narcisismo, o advento da religião equiparável ao encontro de objeto (*Objektfindung*), mais precisamente à ligação com

381 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 93.

os progenitores, e o da ciência análogo à busca de objetos no mundo exterior, quando o indivíduo alcança a maturidade e o princípio de realidade passa a imperar diante do princípio de prazer³⁸².

Apesar de Freud propor a correspondência do animismo ao narcisismo e à conservação de toda onipotência dos pensamentos para si, na quarta e última parte deste terceiro ensaio introduz a questão da concepção sobre os espíritos no sistema animista e da consequente renúncia do homem primitivo à certa parcela desta crença exacerbada nos próprios atos psíquicos para os seres espirituais. No início de nossa exposição sobre o animismo, já havíamos indicado que o autor privilegiara o estudo sobre a magia por conta do pressuposto de sua originalidade no sistema animista em relação à bruxaria, que dependeria da espiritualização da natureza³⁸³. Também falamos sobre a indicação de Freud a respeito das representações de almas (*Seelenvorstellungen*), que seriam anteriores às representações de espíritos (*Geister*) no sistema animista, os quais consistiriam em almas que se tornaram autônomas. Parece-nos que é sobre o formato mais originário do animismo que o psicanalista tece aquelas comparações, principalmente no que se refere à conservação de toda onipotência dos pensamentos para si mesmo, conduta identificada no primitivo que enxerga o mundo pelas lentes do sistema animista em sua conformação primordial.

Entretanto, se retomarmos parte da definição do animismo - concedida por Freud também no princípio deste ensaio -, lembraremos que os animistas povoam o universo com seres espirituais, atribuem a estes espíritos e demônios a causação dos processos naturais, assim como os atribuem às coisas, plantas, animais e pessoas. Também reconheceremos a base das religiões no animismo, conforme as sugestões de Freud, e entenderemos que os espíritos adquirem relevância já no modo de pensar animista, mesmo que se sucedam às

382 Portanto, parece haver um afastamento progressivo daquele estado narcisista em que o indivíduo confere a si mesmo a onipotência dos pensamentos, tanto no sentido restrito do desenvolvimento libidinal de cada um, quanto no sentido mais geral de como a humanidade se comporta diante do mundo ao longo da história. Porém, como já foi dito antes, no desenvolvimento libidinal a organização narcisista nunca é completamente abandonada, assim como a onipotência dos pensamentos característica dela também é preservada de alguma forma na concepção que Freud fornece da passagem pelas fases animista, religiosa e científica. Essa permanência de certa medida da onipotência dos pensamentos fica ainda mais evidente no exemplo da arte, evocado pelo psicanalista para demonstrar que até mesmo em nosso estágio atual da cultura há preservação dessa atitude psíquica. O artista consegue satisfazer seus desejos através de sua criação e provocar afetos graças à ilusão artística, como se fosse algo que de fato altera as coisas do mundo, à semelhança da magia (FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 93-94).

383 Recordemos que Freud considera a magia (*Magie*) e a bruxaria (*Zauberei*) como técnicas do animismo, porém prefere investigar a magia porque, apesar de dela se dirigir aos espíritos também, parece anteceder a espiritualização da natureza, ao passo que a bruxaria parece depender dessa atitude de povoar o universo com seres espirituais, sobre os quais é possível exercer influência.

representações de almas e que seja conservada a antiga técnica mágica. Deste modo, compreenderemos porque Freud se vê às voltas com a questão dos primitivos, já no animismo, terem abdicado de parte da onipotência dos pensamentos, que passa a ser destinada aos espíritos. A partir desta conjuntura, ele se propõe a responder a seguinte pergunta: "o que pôde mover os primitivos a esta primeira operação de renúncia?"³⁸⁴.

A explicação elaborada por Freud remete ao segundo ensaio de *Totem e tabu*, aquele que versa sobre o tabu e a ambivalência de sentimentos, mais precisamente à investigação do tabu dos mortos. As restrições destinadas àqueles que tocaram no cadáver de um morto, aos membros da família que se encontram em luto por ele e também a proibição de pronunciar o nome daquele que morreu levam Freud a tentar desvendar porque os primitivos parecem ter tanto medo do defunto e se esforçam por mantê-lo o mais distante possível, através das proibições-tabu que regulam o trato com tudo o que signifique, em última instância, entrar em contato com ele. A observação dos costumes relacionados ao tabu dos mortos nas tribos leva à concepção de que eles se convertem em demônios dos quais os vivos têm que se proteger. "O que moveu os primitivos a atribuir a seus mortos queridos semelhante mudança de intenções? Por que os convertiam em demônios?"³⁸⁵ - são as perguntas colocadas por Freud no ensaio sobre o tabu, cujas respostas se assentam nas contribuições psicanalíticas acerca das neuroses obsessivas.

A chave está nos "reproches obsessivos" (*Zwangsvorwürf*), exteriorizados por aqueles que sobrevivem na ocasião da morte da pessoa amada, marcados pelo sentimento de culpa pela morte do enfermo, a despeito de todos os cuidados destinados a ele. Há um certo fundamento, segundo Freud, para essas reprovações feitas pelo neurótico a si mesmo, já que coexiste, junto ao zelo por aquele que morreu, uma corrente de hostilidade (*Feindseligkeit*) inconsciente em direção ao mesmo, que encontra satisfação com a morte do ente querido, ao mesmo tempo em que os reproches obsessivos configuram-se como reações frente à realização desse desejo inconsciente.

Pois bem, e como isso está associado ao tabu dos mortos nas tribos primitivas? O psicanalista identifica uma criação projetiva dos demônios por parte dos primitivos: para se defender do sentimento inconsciente de hostilidade dirigido ao morto, coexistente com o sentimento de ternura em relação ao mesmo, os selvagens projetam as próprias moções hostis para aqueles que morreram, atribuindo uma origem externa àquilo que, na verdade, manifesta-

384 FREUD, S. *Totem e tabu*. AE, vol. 13, p. 94.

385 FREUD, S. *Totem e tabu*. AE, vol. 13, p. 65.

se em seu interior. Essa operação se funda na ambivalência das moções de sentimentos, presente em alto grau entre os primitivos e, ao mesmo tempo, marca da neurose obsessiva - é através dos reproches obsessivos que os neuróticos dirigem a si mesmos na ocasião da morte de uma pessoa amada que Freud chega até essas conclusões.

No entanto, já no segundo ensaio sobre o tabu, Freud adianta ao leitor que a projeção dos sentimentos hostis para os mortos, que se convertem em demônios, é só uma parte do sistema animista, ao qual se dedicará no terceiro ensaio. Agora, de volta à quarta e última parte deste, o autor reafirma que "os espíritos e demônios não são mais que projeções das moções de sentimento do primitivo; este converte em pessoas seus investimentos afetivos, povoa com elas o universo e depois reencontra fora seus processos anímicos interiores"³⁸⁶.

Portanto, a presença dos espíritos e demônios nesta cosmovisão está associada à inclinação dos primitivos a projetar suas próprias moções de sentimentos, segundo as elucidicações de Freud. O autor não se arrisca a delimitar as causas que impulsionam à projeção, mas afirma que consumá-la deve, pelo menos, trazer um "alívio psíquico"³⁸⁷ ao indivíduo. De novo, o recurso à atitude dos primitivos diante da morte será a chave para compreender as vantagens da projeção e a criação projetiva dos espíritos típica do sistema animista. Pelo estudo do tabu dos mortos, Freud reconhece que projetar a hostilidade reforçada desde o inconsciente para o defunto, a partir de então concebido como espírito maligno, resolve, de certa forma, o conflito entre os sentimentos hostis e ternos do homem primitivo, ou sua atitude ambivalente de sentimentos, por assim dizer. Segundo o psicanalista, o componente da ambivalência pode ser estendido como impulso para a criação dos espíritos em geral, não só dos demônios. No entanto, a situação do homem primitivo diante da morte deve ter sido o primeiro momento em que ele se viu forçado a conceder parte de sua onipotência dos pensamentos aos espíritos, pois as moções de sentimento que aspiravam à onipotência estavam em conflito - a ternura e a hostilidade inconsciente:

Portanto, a primeira operação teórica do ser humano - a criação dos espíritos - havia surgido da mesma fonte que as primeiras restrições éticas às quais se submeteu, os preceitos-tabu. [...] Se de fato foi a situação do sobrevivente frente ao morto a que pela primeira vez fez meditativo o homem daqueles tempos, e o constrangeu a ceder aos espíritos uma parte de sua onipotência e a sacrificar um fragmento do livre arbítrio de seu agir, essas criações culturais haviam sido um primeiro reconhecimento da *Ανάγκη* [Necessidade] que faz frente ao narcisismo humano.³⁸⁸

386 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 95.

387 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 95.

388 FREUD, S. **Totem e tabu**. AE, vol. 13, p. 96.

Na medida em que foram empreendidas as aproximações entre animismo, narcisismo e permanência da onipotência dos pensamentos em si mesmo, a resposta à pergunta sobre por que os primitivos concedem parte de sua onipotência aos espíritos desemboca novamente na menção ao narcisismo. A atitude ambivalente de sentimentos, que emerge pela primeira vez quando o homem primitivo se depara com a morte, impele-o à criação projetiva dos espíritos e, por conseguinte, à concessão de parte de sua onipotência dos pensamentos a eles, o que se exterioriza no sistema de pensamento animista. São produtos da cultura que revelam um primeiro reconhecimento da necessidade imposta ao ser humano, que o obrigou a abandonar seu narcisismo. Podemos perceber a partir dessas elaborações que Freud concebe a impossibilidade de permanecer no estado do narcisismo. A necessidade faz frente ao narcisismo humano, segundo o psicanalista; entendemos que, assim como não é possível ao homem conservar toda onipotência dos pensamentos para si, também não é possível manter-se totalmente imerso no estado do narcisismo.

Para encerrar nossa passagem por *Totem e tabu*, sugeriremos mais uma ponte com o artigo sobre o narcisismo de 1914, transportando-nos para o âmbito do desenvolvimento da libido. No contexto das concordâncias entre a psicologia dos povos e a psicologia individual, e a partir do tema da renúncia à onipotência dos pensamentos com a espiritualização efetuada pelo sistema animista, gostaríamos de estabelecer um paralelo com a questão da obrigação que se outorga ao indivíduo de abandonar seu narcisismo primário e infantil. Em *Introdução ao narcisismo*, Freud afirma que aquela situação psíquica em que o eu amava a si mesmo e era seu próprio ideal é insustentável e tem de ser deixada para trás ao longo do desenvolvimento, por conta das exigências da realidade, embora já tenhamos conhecimento de que a organização narcisista nunca é completamente abandonada, na medida em que certa quantidade de libido permanece no eu, apesar de dirigir-se aos objetos. De qualquer forma, gostaríamos de chamar a atenção para essa imposição de abandonar o estado do narcisismo que já é anunciada em *Totem e tabu*, em meio às considerações sobre o animismo e a vida anímica dos homens primitivos, e reforçada no artigo de 1914, na esfera da teoria da libido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, sobreusemos todos os tijolos que pretendíamos e empreendemos, junto à letra de Freud, a construção do edifício do narcisismo, para retornar à metáfora que nos amparou na introdução deste trabalho. É como nos diz Mezan, sobre chegar ao fim de um texto:

Toda conclusão é [...] bifronte: olha para trás e para a frente. Resumo, pretende dizer em menos palavras o que se disse antes: profecia, quer avançar no caminho que se abre a partir do que foi dito. Mas o termo é suspeito: *con-cludre*, fechar, encerrar - como se fosse possível apor um final na rede de significações que o discurso teceu sobre o papel.³⁸⁹

Teoria da sedução, sexualidade infantil, autoerotismo, homossexualidade, escolha de objeto - esses termos nos circundaram e nos localizaram diante das minúcias do conceito de narcisismo. Se olharmos para trás, veremos que, dentro do recorte temporal proposto, desenhamos os traços que compõem nosso conceito-chave e pudemos situá-lo no pensamento de Freud, sobretudo em relação a sua teoria da sexualidade. Desvendar as entrelinhas desse amor a si mesmo, cujo nome nos transporta ao Narciso da tradição grega, apaixonado por seu próprio reflexo, nos colocou diante desse momento de unificação das pulsões autoeróticas e da tomada do eu total como objeto sexual; quer dizer, diante dos destinos da pulsão sexual no desenvolvimento libidinal do indivíduo. Esse tempo em que o eu se basta - alcança ele mesmo os ideais e desfruta da perfeição -, até que a libido ultrapasse suas fronteiras, entregando-se aos objetos externos e às aventuras do amor a eles destinado. Defronte à complexidade dos rumos da sexualidade, da qual o narcisismo é parte essencial e que, por esse motivo, foi tão explorada no presente trabalho, sigamos o conselho de Freud:

Por agora retenham essa impressão: que a vida sexual - o que chamamos a função libidinal - não emerge como algo acabado, tampouco cresce semelhante a si mesma, senão que recorre a uma série de fases sucessivas que não apresentam o mesmo aspecto; é, portanto, um desenvolvimento retomado várias vezes, como o que vai da crisálida à mariposa.³⁹⁰

Entretanto, para não nos alongarmos neste desfecho, acabando por repetir o que já foi dito, gostaríamos de encerrar nosso itinerário olhando mais para frente do que para trás, na medida em que nossa escolha metodológica, aquela de expor o artigo sobre o narcisismo e, posteriormente, elencar seus antecedentes, já nos compeliu a retomar, com certa frequência, os conteúdos que haviam sido expostos ao longo dos capítulos. Atentamos, então, para as

389 MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 339 (grifo do autor).

390 FREUD, S. **Conferências de introdução à psicanálise**. AE, vol. 16, p. 299.

possibilidades que se abrem fundamentadas em nossa aposta de encarar o percurso de construção do narcisismo e tomá-lo como objeto de pesquisa. Quase que se impõe a necessidade de ir mais além e enveredar pelos ecos que o narcisismo provoca depois de ser introduzido formalmente na teoria freudiana.

Desde uma investigação conceitual como esta que propusemos, podemos extrair uma espécie de arremate - na medida em que reunimos aquilo que chamamos de pré-história e história do narcisismo, na tentativa de propiciar uma visão sobre como Freud concebeu sua formação -, e, ao mesmo tempo, uma abertura para seguir com a investigação deste tema. A vantagem é que essa fresta que se escancara, por sua vez, pode ser explorada com base nos alicerces da construção erguida neste trabalho.

REFERÊNCIAS

Obras de Freud – As edições utilizadas foram:

1) FREUD, S. Obras Completas, 24 volumes, Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. (AE)

2) FREUD, S. *Gesammelte Werke*, 18 volumes, Frankfurt am Main: Fischer Taschenburch Verlag, 1999. (GW)

Estudos sobre a histeria (1895). AE, vol. 2/ *Studien über Hysterie*, GW, vol. 1.

Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa (1896). AE, vol. 3/ *Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen*, GW, vol. 1.

Carta 69 (1897). AE, vol. 1.

Carta 125 (1899). AE, vol. 1.

Três ensaios de teoria sexual (1905). AE, vol. 7/ *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, GW, vol. 5.

A propósito de um caso de neurose obsessiva (1909). AE, vol. 10/ *Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose*, GW, vol. 7.

Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci (1910). AE, vol. 11/ *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci*, GW, vol. 8.

A perturbação psicogênica da visão segundo a psicanálise (1910). AE, vol. 11/ *Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung*, GW, vol. 8.

Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente (1911 [1910]). AE, vol. 12/ *Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides)*, GW, vol. 8.

Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico (1911). AE, vol. 12/ *Formulierungen über zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, GW, vol. 8.

A predisposição à neurose obsessiva - Contribuição ao problema da escolha de neurose (1913). AE, vol. 12/ *Die Disposition zur Zwangsneurose - Ein Beitrag zum Problem der Neurosenwahl*, GW, vol. 8.

Totem e tabu (1913 [1912-13]). AE, vol. 13/ *Totem und Tabu*, GW, vol. 9.

Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914). AE, vol. 14/ *Zur Geschichte*

der psychoanalytischen Bewegung, GW, vol. 10.

Introdução ao narcisismo (1914). AE, vol. 14/ *Zur Einführung des Narzissmus*, GW, vol. 10.

Pulsões e destinos de pulsão (1915). AE, vol. 14/ *Triebe und Triebchicksale*, GW, vol. 10.

A repressão (1915). AE, vol. 14/ *Die Verdrängung*, GW, vol. 10.

O inconsciente (1915). AE, vol. 14/ *Das Unbewusste*, GW, vol. 10.

Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos (1917 [1915]). AE, vol. 14/ *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, GW, vol. 10.

Conferências de introdução à psicanálise (1916-17). AE, vol. 16/ *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, GW, vol. 11.

Mais além do princípio de prazer (1920). AE, vol. 18/ *Jenseits des Lustprinzips*, GW, vol. 13.

Psicologia das massas e análise do eu (1921). AE, vol. 18/ *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, GW, vol. 13.

O eu e o isso (1923). AE, vol. 19/ *Das Ich und das Es*, GW, vol. 13.

Apresentação autobiográfica (1925 [1924]). AE, vol. 20/ *Selbstdarstellung*, GW, vol. 14.

Esquema da psicanálise (1940 [1938]). AE, vol. 23/ *Abriss der Psychoanalyse*, GW, vol. 17.

Projeto de uma psicologia (1950 [1895]). AE, vol. 1/ *Entwurf einer Psychologie*, GW, Nachtragsband.

Outros autores:

GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917**: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HANNS, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **O seminário: livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953-54.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. -B. **Vocabulário da psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

_____. **Vocabulaire de la psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France,

1967.

_____. **Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme.** Paris: Hachette Littératures, 1985.

_____. **Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LAPLANCHE, J. **Vie e mort en psychanalyse.** Paris: Flummarion, 1970.

_____. **Problématiques III: la sublimation.** Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

_____. **Vida e morte em psicanálise.** Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. **Nouveaux fondements pour la psychanalyse.** Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

_____. **Problemáticas, III: a sublimação.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Novos fundamentos de psicanálise.** Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

MIGUELEZ, O. M. **Narcisismos.** São Paulo: Escuta, 2015.

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

_____. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In: PRADO Jr., B. (org.). **Filosofia da psicanálise.** São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 109-138.

_____. O que é filosofia da psicanálise? **Philosophos**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2008. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/5735/6714>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. **Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos**. Trad. Marilene Carone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

SIMANKE, R. T. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. Freud e a sexualidade infantil antes de Freud. In: BIRMAN, J. et al (org.) **Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea**. São Paulo: Zagodoni, 2016, p. 43-63.